

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANA CAROLINA GARCIA LIMA FELICE

***Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das
vogais médias pretônicas na fala uberlandense***

Uberlândia

2012

ANA CAROLINA GARCIA LIMA FELICE

Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises linguísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F314e
2012 Felice, Ana Carolina Garcia Lima, 1985-
Um estudo variacionista e fonológico sobre o alicamento das vogais
médiás pretônicas na fala uberlandense / Ana Carolina Garcia Lima
Felice. -- 2012.
148 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguística - Teses. 2. Linguagem popular – Uberlândia (MG) -
Teses. 3. Linguagem e línguas – Variação – Teses. 4. Língua portuguesa –
Fonologia – Teses. I. Magalhães, José Sueli de. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

À Deus por sempre me confortar e me guiar para que eu consiga realizar todos os meus sonhos.

Ao meu esposo Leonardo da Silva Felice pela sua paciência nos momentos mais difíceis e por seu amor que sempre me conforta.

*Aos meus pais Rosa Maria Garcia Lima e Carlos Antônio Lima por
todo apoio que me deram e por sempre acreditarem no meu sucesso.*

Aos meus avós, vó Vilma, vô Dino (in memoriam) e vó Maricota (in memoriam), que sempre acreditaram no meu crescimento profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Carlos Antônio Lima pelas oportunidades que sempre me ofereceu lapidando-me para o sucesso.

À minha mãe Rosa Maria Garcia Lima pela confiança, amor e paciência.

Ao meu esposo Leonardo da Silva Felice pelas leituras e correções deste trabalho.

Aos meus irmãos Bruno Garcia Lima e Tomás Augusto Garcia Lima por estarem sempre perto e acreditarem que eu posso transformar meus sonhos em realidade.

À minha sogra Euza Sousa Silva Felice, meu sogro Elson de Oliveira Felice, à minha cunhada Priscila Silva Ferreira, ao meu cunhado Alexandre da Silva Felice e minha cunhada Janciely Abadia Fontes Felice pelo carinho.

Ao meu afilhado Arthur Fontes Felice por fazer nossos dias mais felizes.

À toda família Lima, Garcia e Felice pelo apoio.

À CAPES pela bolsa concedida durante o período da pesquisa.

Às professoras, Dra. Maura Alves de Freitas Rocha e Dra. Dulce do Carmo Franceschini, pelas várias contribuições no exame de qualificação.

Aos amigos do GEFONO pela força que sempre me deram.

Aos colegas de mestrado pela troca de experiências e por confortar sempre minhas angústias.

Em especial ao Prof. Dr. José Sueli de Magalhães pela paciência, dedicação, profissionalismo na orientação desta pesquisa e por acreditar no meu trabalho.

RESUMO

Com a presente pesquisa realizamos uma análise descritiva do alçamento das vogais médias pretônicas com falantes de Uberlândia – MG. Seguindo a metodologia Variacionista, foram feitas entrevistas com o objetivo de buscar o vernáculo na fala de nossos informantes. Dessa forma, compomos um *corpus* com 5.199 palavras retiradas da fala de 24 informantes estratificados por: sexo, faixa etária e anos de escolaridade, conforme estabelecido pelo GEFONO, grupo de estudos em fonologia, coordenado pelo professor doutor José Sueli de Magalhães. Além dos fatores extralinguísticos utilizados para a composição das células de pesquisa, também utilizamos fatores linguísticos, como: altura da vogal tônica; peso silábico da pretônica; nasalidade/oralidade da vogal pretônica; distância da pretônica em relação à sílaba tônica; peso da sílaba pretônica na palavra; contexto fonológico precedente: ponto de articulação; contexto fonológico precedente: continuidade/não-continuidade da consoante precedente; contexto fonológico seguinte: ponto de articulação; contexto fonológico seguinte: continuidade/não continuidade da consoante seguinte. Os dados coletados passaram por codificação e foram rodados pelo programa GoldVarb. Os fatores considerados relevantes, pelo programa, para o alçamento das vogais médias pretônicas foram analisados por nós e em seguida representados por meio da Geometria de Traços, teoria fonológica Autossegmental, de Clements e Hume (1995). Nossa análise pautou-se em estudo de Bisol (1981); Viegas (1987); Callou e Leite (1986); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002), Silveira (2008); Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009) e Wetzels (1992). Ao final desta pesquisa, concluímos que o alçamento das vogais médias pretônicas ocorre em Uberlândia e pode ser caracterizados tanto por aspectos neogramáticos, casos em que a regra de Harmonização se aplica, como difusionistas, quando há o alçamento sem motivação aparente ou casos em que há a oscilação entre forma alçada e não alçada.

Palavras-chave: vogal média pretônica; Harmonia Vocálica; alçamento; alçamento sem motivação aparente.

ABSTRACT

In the present research we performed a descriptive analysis from the rising of the middle vowels pretonic with speakers from Uberlândia - MG. Following the variational method, we conducted interviews with the goal of seeking the vernacular speech of our informants. Thus, we compose a *corpus* with 5.199 words from the speech of 24 informants stratified by sex, age and education level, as established by GEFONO, group of studies in phonology, co-oriented by Professor José Sueli de Magalhães . In addition to the extralinguistic factors used for the composition of research cells, we use linguistic factors, such as tonic vowel height, weight of pretonic syllabic, nasal / oral pretonic vowel; distance of pretonic vowel in relation to the stressed syllable, the pretonic syllable weight of the word, phonological preceding context: articulation point; preceding phonological context: continuity / non-continuity of the preceding consonant; following phonological context: articulation point; following phonological context: continuity / non continuity of following consonant. The data collected were passed through coding and run the program called GoldVarb. The factors considered relevant by the program, to the middle vowels pretonic rising were analyzed by us and then represented by geometry of features, phonological theory Autossegmental by Clements and Hume (1995). Our analysis was based on studies from Bisol (1981), Viegas (1987); Callou and Leite (1986); Callou, Leite and Coutinho (1991), Schwindt (2002), Silveira (2008); Cassique, Cruz, Dias and Oliveira (2009) and Wetzels (1992). At the end of this research, we conclude that the rising of the middle vowels occurs in Uberlândia and can be characterized by both aspects, neogrammarians where the rules of harmonizations applies and diffusionist when there is rising without apparent reason or cases that there is oscillation between rising form and not rising form.

Keywords: Pretonic mid vowel, Harmony; Rising; Rising without apparent reason.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estatística total do Alçamento da pretônica	81
--	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do sistema vocálico tônico	30
Figura 2 - Representação do sistema vocálico tônico, quando seguida de nasal	30
Figura 3 - Representação do sistema vocálico quando em posição átona	31
Figura 4 - Representação da regra de neutralização da vogal não acentuada	32
Figura 5 - Representação da Harmonização Vocálica	33
Figura 6 - Representação arbórea interna do segmento	39
Figura 7 - Representação hierárquica de consoantes e vogais	40
Figura 8 - Representação do sistema vocálico	41
Figura 9 - Representação da regra autosegmental de neutralização das vogais postônicas não finais	42
Figura 10 - Mapa de Minas Gerais com destaque de Uberlândia	62
Figura 11 - Representação do alçamento da palavra <i>apelido</i>	108
Figura 12 - Representação do alçamento da palavra <i>motivo</i>	109
Figura 13 - Representação do alçamento da palavra <i>conhecido</i>	110
Figura 14 - Representação da redução sem condicionador fonético	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo comparativo dos estudos sobre as vogais pretônicas	53
Quadro 2 – Células de pesquisa: sexo feminino	64
Quadro 3 – Células de pesquisa: sexo masculino	65
Quadro 4 – Quadro-resumo com todas as variáveis de nossa pesquisa	76
Quadro 5 – Resumo das variáveis que favorecem o alçamento de /e/ e /o/ em Uberlândia	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas	82
Tabela 2 – Altura da vogal da sílaba tônica	84
Tabela 3 – Continuidade/não-continuidade da consoante seguinte	86
Tabela 4 - Continuidade/não-continuidade da consoante precedente	87
Tabela 5 – Peso silábico da pretônica	88
Tabela 6 – Nasalidade/oralidade da vogal pretônica	89
Tabela 7 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	90
Tabela 8 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	92
Tabela 9 – Posição da vogal pretônica na palavra	93
Tabela 10 – Variável extralinguística: sexo	94
Tabela 11 - Variável extralinguística: anos de escolaridade	95
Tabela 12 - Variável extralinguística: idade	96
Tabela 13 - Altura da vogal da sílaba tônica	97
Tabela 14 – Posição da vogal pretônica na palavra	99
Tabela 15 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	100
Tabela 16 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	101
Tabela 17 – Distância da pretônica em relação à sílaba tônica	103
Tabela 18 – Peso silábico da pretônica	104
Tabela 19 - Variável extralinguística: idade	105

SUMÁRIO

Introdução	23
Capítulo 1 – As vogais do Português Brasileiro	29
1.1 – O sistema vocálico do Português Brasileiro	29
1.2 – As vogais pretônicas do PB e alguns processos fonológicos que atuam sobre elas	31
Capítulo 2 – Fundamentação Teórica	35
2.1 – Neogramáticos <i>versus</i> Difusionistas	35
2.2 – A Geometria de Traços Fonológicos	38
Capítulo 3 – Estudos sobre as vogais médias pretônicas	43
3.1 – Bisol (1981)	43
3.2 – Callou & Leite (1986)	45
3.3 – Viegas (1987)	46
3.4 – Callou, Leite e Coutinho (1991)	48
3.5 – Schwindt (2002)	49
3.6 – Silveira (2008)	51
3.7 – Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009)	52
3.8 – Resumo dos estudos sobre as vogais pretônicas do PB	53
Capítulo 4 – Metodologia	57
4.1 – A Sociolinguística Variacionista Laboviana	57
4.2 – A comunidade estudada	60
4.3 – A cidade de Uberlândia	61
4.4 – A amostra	63
4.5 – A coleta de dados	65
4.6 – A transcrição dos dados	66
4.7 – Seleção dos dados da pesquisa	67
4.8 – Definição das variáveis	68
4.8.1 – Variável dependente	68
4.8.2 – Variáveis independentes	69
4.8.2.1 – Variáveis linguísticas	69
4.8.2.2 – Variáveis extralinguísticas	73
4.9 – A codificação dos dados	78
4.10 – O pacote de programas de análise estatística GoldVarb 2001	78
Capítulo 5 – Análise Estatística e Discussão dos Resultados	81

5.1 – Análise estatística do alçamento da vogal média /e/	83
5.1.1 – Altura da vogal da sílaba tônica	84
5.1.2 – Continuidade/não-continuidade da consoante seguinte	85
5.1.3 - Continuidade/não-continuidade da consoante precedente	86
5.1.4 – Peso silábico da pretônica	87
5.1.5 – Nasalidade/oralidade da vogal pretônica	89
5.1.6 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	90
5.1.7 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	91
5.1.8 – Posição da vogal pretônica na palavra	93
5.1.9 – Variável extralinguística: sexo	94
5.1.10 - Variável extralinguística: anos de escolaridade	95
5.1.11 - Variável extralinguística: idade	96
5.2 – Análise estatística do alçamento da vogal média /o/	97
5.2.1 - Altura da vogal da sílaba tônica	97
5.2.2 - Posição da vogal pretônica na palavra	98
5.2.3 - Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	99
5.2.4 - Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	101
5.2.5 – Distância da pretônica em relação à sílaba tônica	102
5.2.6 - Peso silábico da pretônica	103
5.2.7 - Variável extralinguística: idade	104
5.3 – Conclusão sobre o alçamento de /e/ e /o/ na cidade de Uberlândia	105
Capítulo 6 – Representação Fonológica do Alçamento das Vogais Médias Pretônicas pela Geometria de Traços	107
6.1 - Representação da Harmonia Vocálica	107
6.2 – O Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente	111
Considerações Finais	115
Referências	121
Anexos	127
Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido	129
Anexo B – Roteiro de perguntas	135
Anexo C – Normas de transcrição	141
Anexo D – Tabela com códigos para a codificação	145

INTRODUÇÃO

A língua é o meio pelo qual os falantes utilizam para se comunicarem, no entanto, esta não é uniforme, pois no processo comunicativo ela varia condicionada a variáveis internas, ou seja, linguísticas, e externas ou extralinguísticas. Diante desta heterogeneidade percebida na língua, deparamo-nos com vários tipos de variação, por exemplo, lexicais, fonológicas, morfológicas e sintáticas. A interação social a que a língua se expõe possibilita as variações, dentre estas a que fará parte de nosso estudo é o alçamento de vogais médias em posição pretônica.

De forma intuitiva, percebemos que está presente na fala espontânea de falantes da cidade de Uberlândia a realização de palavras cuja vogal antecedente à sílaba tônica é alçada, ou seja, há a elevação da vogal pretônica que passa de média para alta, como acontece com a palavra *b[o]nito* que, às vezes, é pronunciada na região em estudo como *b[u]nito*, processo conhecido como Alçamento da vogal média pretônica.

Esse Alçamento está diretamente relacionado à outros processos fonológicos, tais como: a) a Assimilação, que é a modificação em um determinado fonema a partir da transmissão de um traço de um fonema vizinho; b) a Harmonia Vocálica, uma regra fonológica que atua quando há uma vogal alta seguinte à média pretônica. Esta assimila o traço de abertura da vogal alta, como acontece em *formiga*, comumente pronunciada como *f[u]rmiga*; e c) a Neutralização que é a perda de traços que distinguem os fonemas. Esses processos serão detalhados na seção 1 desta dissertação.

Todos esses processos relacionados ao Alçamento das vogais médias pretônicas, nos últimos anos, estão obtendo grande importância nas pesquisas de cunho variacionista, como o estudo de Bisol (1981), Viegas (1987), Callou & Leite (1986), que serão de fundamental importância para nosso trabalho e que terão destaque no capítulo da fundamentação teórica.

Além da análise dos processos fonológicos relacionadas ao Alçamento, Bisol (1981), com embasamento na hipótese neogramática, defende a ideia de que a mudança sonora é fonética e regular. A autora estuda o processo de Alçamento das vogais /e/ para /i/ e /o/ para /u/ como Harmonia Vocálica na variedade gaúcha. Isso acontece por regras de natureza fonética, em que a vogal média pretônica assimila o traço [+alto] da vogal da sílaba seguinte.

Concordando com Bisol (1981), Viegas (1987) que estuda a variedade mineira de Belo Horizonte, reafirma que o Alçamento das vogais médias pretônicas ocorre por influência da vogal alta seguinte, o que resulta na Harmonia Vocálica. Entretanto, a autora constatou

também que nem todos os dados encontrados em sua pesquisa poderiam ser explicados pelo condicionamento da vogal seguinte. Para Viegas (1987), em alguns casos, itens lexicais alçam e outros não alçam, mesmo tendo o contexto fonético idêntico. Viegas (1987) afirma que o Alçamento acontece por difusão lexical, ou seja, a mudança acontece primeiramente em itens mais familiares, ou mais frequentes. Também, sob a perspectiva difusionista, a autora afirma que o alçamento acontece gradualmente e através do léxico e que cada palavra possui a sua própria história, por isso alguns itens alçam e outros não. Viegas defende também que existem palavras as quais sofrem variações da vogal pretônica, porém o uso dela, em determinado contexto, traz um significado específico à palavra, como o vocábulo *peru*. Quando falamos *p[i]ru*, referimos ao animal; e, *P[e]ru*, ao país, assim justificando o fato de que cada palavra tem a sua própria história¹.

Para a análise do Alçamento das vogais médias pretônicas na variedade mineira, recorreremos aos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana, que veremos com detalhes na seção referente à metodologia de pesquisa. Por meio de dados de fala, que foram quantificados pelo pacote de programas estatísticos GoldVarb 2001, obtivemos valores que determinaram qual variação é mais frequente na comunidade de fala em estudo - a cidade de Uberlândia, situada no Triângulo Mineiro. Com a ajuda desses arcabouços teóricos e do pacote de programas estatísticos, verificamos quais variáveis causam a variação tanto do ponto de vista linguístico quanto do extralinguístico.

Neste sentido, propomos, como **objetivo geral** para este estudo, analisar o Alçamento das vogais médias em posição pretônica sob luz da teoria variacionista e representar processos fonológicos observados por meio da Geometria de Traços. Para tanto, iremos verificar se o Alçamento é favorecido por fatores linguísticos, como tipo de sílaba, posição que a vogal ocupa na palavra, distância da pretônica da sílaba tônica, altura da vogal tônica, o contexto fonológico precedente e seguinte, a nasalidade; e/ou extralinguísticos, como idade, escolaridade e sexo dos falantes.

A este objetivo geral, somam-se os seguintes objetivos específicos:

I. Analisar o alçamento das vogais médias pretônicas produzido pelos falantes e quais variáveis, linguísticas e extralinguísticas, são relevantes para que tal fenômeno aconteça;

¹ Esta alternância de sentido, que ocorre com a variação da vogal pretônica, como atesta Viegas (1987) acerca da palavra *peru*, não acontece igualmente em todos os dialetos do Português do Brasil. No dialeto do Rio de Janeiro, tanto o país como o animal são referidos pela pronúncia *p[e]ru*, enquanto que o termo *p[i]ru* é utilizado de forma pejorativa para determinar o órgão sexual masculino.

2. Analisar quais processos fonológicos são mais relevantes para que aconteça a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em Uberlândia;

Pretendemos, assim, responder aos seguintes questionamentos que norteiam nosso trabalho: quais variáveis extralinguísticas favorecem o alçamento em Uberlândia: somente a idade do falante ou também o sexo e escolaridade? Quais variáveis linguísticas são favorecedoras para que ocorra o Alçamento das vogais médias pretônicas? O processo de Alçamento das vogais médias pretônicas se encaixa na hipótese neogramática ou na difusionista?

A fim de alcançarmos os objetivos traçados, este trabalho será desenvolvido levando em consideração algumas hipóteses que consideramos relevantes:

- I. A vogal alta na sílaba tônica pode favorecer o alçamento tanto de /e/ quanto de /o/;
- II. Vogais pretônicas presentes em sílabas leves podem alçar mais que vogais pretônicas em sílabas pesadas;
- III. O traço nasal na vogal pretônica pode favorecer o alçamento;
- IV. As vogais pretônicas mais próximas da sílaba tônica tendem a alçar com maior frequência;
- V. Palavras cuja vogal pretônica está na sílaba inicial tendem a alçar mais que vogal pretônica em sílabas não iniciais;
- VI. O contexto precedente à vogal analisada constituído por dorsal pode favorecer mais o alçamento que contexto com labial, coronal ou pausa;
- VII. A presença de consoantes não-contínuas antes das vogais pretônicas podem favorecer mais o alçamento que consoantes contínuas;
- VIII. O contexto seguinte à vogal analisada preenchido por dorsal tende a favorecer mais o alçamento que consoantes coronais e labiais;
- IX. A presença de consoantes não-contínuas depois das vogais pretônicas tendem a favorecer mais o alçamento que as contínuas;
- X. Os falantes do sexo masculino tendem a realizar mais o alçamento do que as mulheres;
- XI. O alçamento tende a ser realizado com maior frequência por pessoas mais jovens;
- XII. Pessoas menos escolarizadas realizam mais o alçamento das vogais pretônicas do que as mais escolarizadas.

Assim, esta pesquisa justifica-se, primeiramente, pelo fato de que, intuitivamente, percebemos de forma muito relevante que o fenômeno em foco, o Alçamento das vogais médias pretônicas, está presente na fala dos uberlandenses. Outra justificativa para este trabalho é o fato de termos percebido, a partir de vários estudos recentes sobre as vogais médias pretônicas do Português Brasileiro (doravante PB), que não há um único padrão vocálico de /e/ e /o/ em todo o país, já que encontramos não somente a predominância do alçamento da vogal na fala dos brasileiros, mas também, em algumas regiões, casos em que o não alçamento é mais frequente na fala.

Outra justificativa é que colaboraremos para os estudos sobre o sistema fonológico da região do Triângulo Mineiro, a fim de criar, juntamente com outros projetos, um acervo com dados de toda a região para auxiliar futuras análises.

Assim, com o desfecho deste trabalho, espera-se que haja uma contribuição aos estudos relacionados às vogais não somente da região do Triângulo Mineiro, mas para todo o Brasil, somando-se aos existentes para compor o mapeamento desta variação.

Nos capítulos seguintes, apresentaremos as teorias que fundamentam nossa pesquisa. No primeiro capítulo, faremos uma breve discussão sobre a caracterização do sistema vocálico do PB. No capítulo dois, apresentaremos uma breve discussão teórica sobre as hipóteses neogramática e difusionista e sobre a Geometria de Traços, Teoria Fonológica que utilizamos para a representação fonológica dos dados.

No capítulo três, veremos alguns estudos sobre as vogais médias pretônicas do PB, como Bisol (1981); Viegas (1987); Callou e Leite (1986); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002), Silveira (2008) e Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009). Vale ressaltar que estas não foram as únicas pesquisas em que nos pautamos, no entanto, foi necessária a seleção de algumas, por ser inviável apresentarmos todos os estudos sobre o alçamento das vogais médias pretônicas do PB em nosso trabalho.

No quarto capítulo, apresentaremos o modelo da Sociolinguística Variacionista, vertente metodológica que embasa nossa pesquisa, o contexto de pesquisa, as variáveis que utilizamos para analisar o fenômeno em foco, e os passos que foram dados desde a entrevista até a rodagem dos dados no programa GoldVarb 2001.

No quinto capítulo, realizamos duas análises dos dados quantificados pelo programa GoldVarb 2001. Na primeira, referimo-nos aos dados de alçamento com a vogal pretônica /e/ e na segunda com os dados de /o/.

No capítulo seis, faremos a representação de alguns dados encontrados em nossa pesquisa pela Geometria de Traços.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais seguidas das referências bibliográficas e anexos.

CAPÍTULO 1

AS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentaremos a caracterização do sistema vocálico do PB, embasado em Câmara Jr.(1980). Este autor representou as vogais do PB como um sistema triangular que se reduz de acordo com a posição de cada vogal na palavra se, tônica, pretônica, postônica não-final e postônica final. Em seguida, apresentaremos uma breve discussão acerca dos processos fonológicos que atuam para que aconteça o Alçamento das vogais médias pretônicas.

1.1 – O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No Brasil, os primeiros estudos relacionados às vogais foram feitos por Franco de Sá (*apud*, CÂMARA JR. 1980). Mesmo não sendo foneticista como Gonçalves Viana e Sá Nogueira – estudiosos do Português Europeu –, Franco de Sá avaliou que as vogais na fala culta brasileira possuíam três formas distintas de timbre, [aberto], [fechado] e [surdo]. Além disso, atribuiu *status* próprio a alguns timbres do /a/, do /i/ e do /u/ em posições átonas, o que possibilitou a classificação de sons surdos ou reduzidos do sistema vocálico, já que há a possibilidade de pronunciarmos *dent[e]* ou *dent[i]*, *com[o]* ou *com[u]*.

No Português Brasileiro, segundo estudos de Câmara Jr.(1980)², há sete fonemas vocálicos que se multiplicam em vários alofones, o que torna essa língua mais complexa em relação às outras de origem latina, como o espanhol, que possui um sistema vocálico muito mais simplificado.

Para um melhor entendimento a respeito das posições vocálicas, retomamos a representação de Câmara Jr. (1980) para as vogais do PB como um sistema triangular, em que as vogais tônicas podem ser baixas, médias baixas, médias altas e altas:

² Câmara Jr. estudou o Português Brasileiro a partir do dialeto carioca e não se valeu de coleta de dados, como fazemos nos estudos variacionistas.

Altas	/u/	/i/
Médias altas	/o/	/e/
Médias baixas	/ɔ/	/ɛ/
Baixa	/a/	

Figura 1 – Representação do sistema vocálico tônico
Fonte: Câmara Jr. (1980)

Vale ressaltar que é nesta posição que identificamos todos os fonemas vocálicos do Português Brasileiro, já que encontramos diferença de significado com a troca de segmentos, como em *s[o]co* e *s[ɔ]co*, *colh[e]r* e *colh[ɛ]r*. Porém, quando a vogal tônica está seguida de consoante nasal na mesma sílaba, há a “eliminação” das vogais médias baixas, ou seja, há a neutralização entre as posições médias, reduzindo o sistema vocálico para:

Altas	/u/	/i/
Médias altas	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Figura 2 – Representação do sistema vocálico tônico, quando seguida de nasal
Fonte: Câmara Jr. (1980)

Diante do exposto na figura 2, teremos *l[e]nto*, *b[o]mba* e não algo como **l[ɛ]nto* ou **b[ɔ]MBA*, uma vez que não é possível termos as vogais médias baixas, /ɛ/ e /ɔ/, seguidas de nasal em posição tônica.

De acordo com a representação triangular de Câmara Jr. (1980), semelhante ao sistema das vogais tônicas seguidas de nasal, em posição átona também ocorre a neutralização das vogais médias altas e médias baixas, como veremos na figura seguinte:

Altas	/u/	/i/
Médias altas	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Figura 3 – Representação do sistema vocálico quando em posição átona
Fonte: Câmara Jr. (1980:43)

Em posição átona postônica não-final, há mais uma redução, passando a somente quatro vogais /a/, /i/, /o/ e /u/ e postônica final a três /a/, /i/ e /u/, como *quent[i]*, *lent[u]*, que são predominantes na língua falada em contrapartida com *quent[e]* e *lent[o]*.

Assim, ao observarmos as posições átonas, principalmente as pretônicas, que é o nosso foco de estudos, encontramos a possibilidade de várias pronúncias para uma determinada palavra, não alterando o significado da mesma. Por exemplo, falamos tanto *b[o]lacha* como *b[u]lacha*.

Assim, ao trabalharmos com as vogais do PB, devemos levar em consideração a posição que cada uma delas ocupa na palavra, já que encontraremos com maior frequência as variações das vogais em posições pretônicas, transmitindo o mesmo valor de verdade. Porém, como nosso objetivo é a variação das vogais médias pretônicas, daremos atenção aos fenômenos que estas sofrem.

1.2 – AS VOGAIS PRETÔNICAS DO PB E ALGUNS DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS QUE ATUAM SOBRE ELAS

As vogais do PB, quando analisadas em posição pretônica, são consideradas muito mais complexas do que o proposto por Câmara Jr. (1980), segundo Lee & Oliveira (2003). Para estes autores, a variação vocálica nesta posição se dá pela interação de regras fonológicas, algumas delas são: Neutralização, Assimilação e Harmonização Vocálica.

A Neutralização é a perda de traços que distinguem os fonemas. De acordo com Wetzels (1991:39), em relação às vogais médias pretônicas, há a perda do traço [aberto3] que diferencia as vogais /e/ de /ɛ/ e /o/ de /ɔ/ pela altura de cada uma delas no sistema vocálico, como representado abaixo:

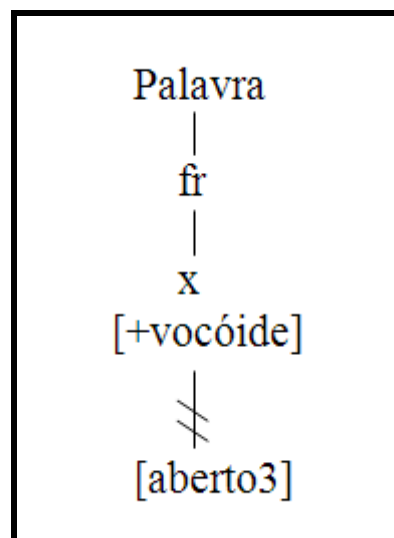


Figura 4: Representação da regra de neutralização da vogal não acentuada.
Fonte: Wetzels 1991: 39

De acordo com Wetzels (1991)

Se entre uma vogal dada e o vocábulo fonológico que a contém houver um constituinte prosódico intermediário, rotulado 'fraco', i.e. se a vogal não estiver na posição do acento principal do vocábulo fonológico, esta vogal será desassociada da fileira [aberto 3].

O sistema vocálico reduz para cinco vogais por não haver a distinção entre as médias altas e médias baixas em posição pretônica, já que esta tem um grau de força pouco menor do que a tônica, pois, se fossem mais fracas, haveria menos distinção e reduziria ainda mais o sistema vocálico, como o que acontece com as postônicas finais, que são representadas por apenas três vogais. Segundo Bisol (2003:273), isto se dá *pela elevação gradual da vogal média que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas.*

Diante disso, a perda de traços, que caracteriza a Neutralização, motiva a redução do sistema vocálico, ou seja, quanto menos distinção houver entre as vogais, mais reduzido o sistema ficará. Isto é o que acontece quando analisamos as posições em que as vogais se encontram na palavra. Se em posição tônica podemos encontrar sete vogais distintas [a, ε, e, i, ɔ, o, u], porém, com a perda do traço [aberto3], estas se reduzem a cinco quando pretônicas [a, e, i, o, u] e, como postônicas, com a perda dos traços [aberto 3] e [aberto 2], se reduzem a três [a, i, u].

Além da Neutralização, há a Assimilação, que é um processo fonológico através do qual acontece o espreamento de um ou mais traços de um fonema para um outro segmento, que pode estar adjacente ou distante do gatilho do processo, como em *fal[i]cido* e *ac[u]ntecido*. De acordo com Wetzels (1991:36), *uma regra de assimilação envolve um simples espreamento, que tanto pode ser espreamento de um traço terminal quanto de um nó de classe*.

A regra fonológica que interage com a neutralização nos processos de variação das vogais pretônicas é a Harmonia Vocálica. Esta *possui todas as propriedades de uma regra de levantamento* (WETZELS, 1991:38), pois ocorre quando as vogais médias pretônicas assimilam o traço de altura da vogal alta presente na sílaba imediatamente seguinte, como na representação a seguir:

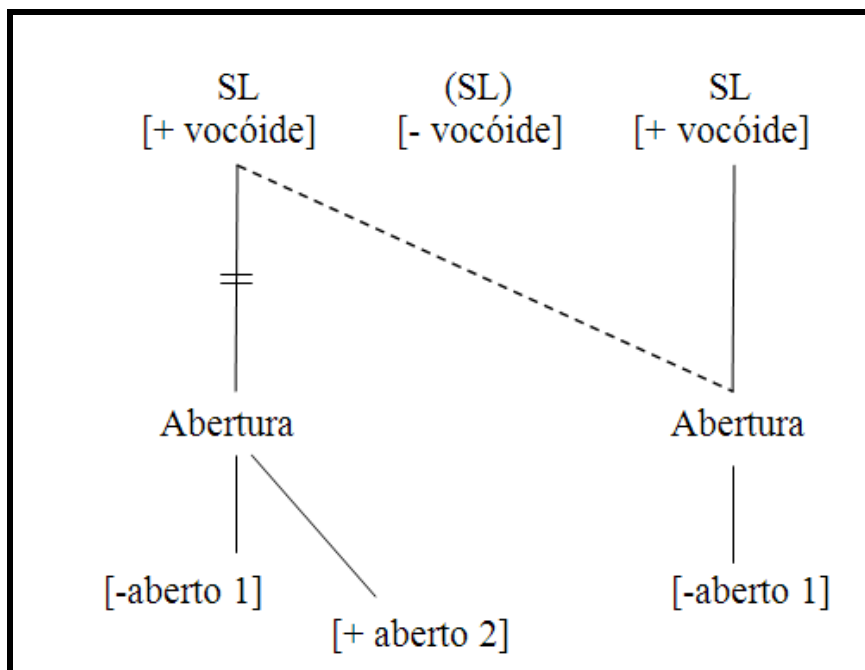


Figura 5: representação da Harmonização Vocálica
Fonte: WETZELS 1991: 37

Na figura 5, há uma vogal média, que pode ser tanto [e] quanto [o], representada pelo traço [+aberto 2], seguida de um sílaba cujo núcleo é uma vogal alta, caracterizada pelo traço [- aberto 1]. Podemos ver que nesta figura acontece a assimilação do traço [-aberto 1] da vogal seguinte e o desligamento do traço [+aberto 2] da vogal pretônica média, o que caracteriza um processo de Harmonização Vocálica, pois, após esta regra ser aplicada, a vogal média pretônica atuará como vogal alta, como nos exemplos: *p[e]pino* ~ *p[i]pino*, *c[o]ruja* ~ *c[u]ruja*.

Além dos processos fonológicos que causam variação das vogais médias pretônicas, Bisol (2009:79) afirma que existem casos de alçamento que ocorrem sem motivação aparente. Estes casos têm *o estatuto de uma regra neutralizadora que trabalha na direção a mudar um subsistema*, já que não possui condicionadores fonéticos como acontece nos vocábulos em que a regra de Harmonia Vocálica atua, ou seja, nos vocábulos em que o alçamento ocorre sem motivação aparente, não há a presença de uma vogal alta seguinte à pretônica que espraie o traço de abertura para que a vogal média pretônica varie para [i] ou [u].

No entanto, podemos perceber que as regras de Neutralização, Assimilação e Harmonização acontecem para simplificar o sistema da língua, buscando generalizá-lo. Vale ressaltar, todavia, que estes processos não são os únicos que acontecem com as vogais, porém são os mais encontrados em pesquisas sobre o Alçamento das vogais médias pretônicas.

Na seção seguinte, apresentaremos os aportes teóricos que norteiam nossa pesquisa. Primeiramente, faremos uma breve discussão sobre as hipóteses neogramática e difusionista. Em seguida, apresentaremos a Teoria Fonológica que utilizaremos para interpretar nossos dados: a Geometria de Traços.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, nosso objetivo é apresentar o aparato teórico que fundamenta nossa pesquisa. Em um primeiro momento, faremos uma distinção entre a hipótese neogramática e a difusionista, modelos relacionados com o alçamento das vogais médias pretônicas, como apresentam Bisol (1981) e Oliveira (2003) em suas pesquisas. Em seguida, apresentaremos a Geometria de Traços, Teoria Fonológica que utilizaremos para interpretar os dados encontrados a partir da análise das entrevistas realizadas com nossos informantes.

2.1 – NEOGRAMÁTICOS *VERSUS* DIFUSIONISTAS

Muitos dos estudos sobre as vogais médias pretônicas utilizam uma das duas hipóteses que competem entre si, a neogramática e a difusionista, para explicar o fenômeno do alçamento. Estas hipóteses, segundo Bisol (2009), têm uma diferença essencial. Para os difusionistas, o controlador das mudanças sonoras é o léxico, enquanto que para os neogramáticos é o som. Assim, para os neogramáticos, a fonética é considerada a condutora dos processos, enquanto que, para a difusão lexical, é apenas *respaldo para a fixação da inovação em determinados itens lexicais* (BISOL, 2009:74). De acordo com Bisol (2009: 74), *ambas têm comprometimento com o sistema, embora o procedimento de atuação de uma e outra seja diferente*, no entanto, seja como mudança em andamento ou variação estável, as hipóteses neogramática e difusionista são *passíveis de figurarem em gramáticas sincrônicas* (BISOL, 2009: 74).

A hipótese neogramática, que nasceu como um manifesto para lidar com a mudança que acontece nas línguas e que tem sido utilizada por fonólogos para entender a variação sincrônica, surgiu em 1847 com os estudiosos Hermann Ostoff, Karl Brugmann e Hermann Paul. Estes criticavam os comparativistas, os quais acreditavam que a mudança sonora que acontece nas línguas, segundo Faraco (2005), é algo apenas mecânico e que não há exceções para ela. Além disso, os comparativistas defendiam a ideia de que era necessário comparar as línguas com o intuito de estabelecer sistematicamente o que tinham em comum. Assim, de acordo com Faraco (2005:133), para os comparativistas, a mudança era vista como algo a ser

analisado por meio de comparações entre as línguas e não viam a necessidade de se preocuparem com as relações entre língua, fala e indivíduo no processo de mudança.

Enquanto os comparativistas defendiam essa ideia, os neogramáticos a criticavam, pois para estes não poderia haver uma sistematicidade da mudança a ponto de poder comparar uma língua com outras. Além disso, defendiam a ideia de que, segundo Faraco (2005), a língua deveria ser associada ao indivíduo que a utiliza para se comunicar, pois são os falantes que produzem as mudanças fonéticas da língua, ou seja, é a partir dos indivíduos que surgem as mudanças. Assim, a hipótese neogramática se *liberta do axioma de que toda mudança é abrupta e enriquecida pela inclusão de fatores extralinguísticos* (BISOL, 2009:73).

Surge, então, a visão neogramática por meio da qual, como cita Oliveira (2003), a mudança sonora é dividida em três partes:

1. *as mudanças sonoras não têm exceções;*
2. *as mudanças sonoras são condicionadas apenas por fatores fonéticos;*
3. *as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente repentinas.*

Segundo Oliveira (2003), os contraexemplos que foram surgindo com o tempo para a parte 1 – *as mudanças sonoras não têm exceções* – foram considerados pelos neogramáticos como analogias, isto é, *estruturas gramaticais que porventura tivessem sido destruídas por alguma mudança sonora (regular) poderiam ser, posteriormente, restauradas pela analogia a outras formas* (OLIVEIRA, 2003). Assim, os neogramáticos explicavam as exceções que apareciam na língua sem a necessidade de mudar seus princípios.

Já em relação à parte 2, Oliveira (2003) afirma que os neogramáticos foram fortemente contestados pelos gerativistas, pois estes defendem ser a mudança sonora não somente fonética, mas também afetada por fatores sintáticos e pelo léxico. A partir da leitura das partes 1 e 2, podemos inferir a parte 3, já que para os neogramáticos *todas as palavras que contenham um determinado som serão modificadas do mesmo modo e ao mesmo tempo* (OLIVEIRA, 2003).

Notamos, portanto, que houve um grande avanço na linguística a partir dos estudos neogramáticos, porém, este modelo não satisfaz todos os linguistas que analisavam a mudança sonora, pois estes começaram a perceber que a mudança não atingia todas as palavras com mesmo som da mesma maneira e ao mesmo tempo. Surgiu assim o pensamento difusionista.

De acordo com Oliveira (2003), os principais estudiosos do modelo difusionista, que surgiu nos anos 70, foram Wang, Chen, Hsieh e Cheng com estudos sobre o chinês e

posteriormente Krishnamurti, Sherman, Janson, Phillipis e outros. Todos eles criticavam o modelo neogramático no que diz respeito à forma como a mudança atinge as palavras.

Para os difusionistas, cada palavra tem a sua própria história. A implementação difusionista *se dá palavra por palavra, gradualmente e não por ambiente fonético*. Além disso, (...) *não necessita de muitos dados para ser depreendida, mas de um léxico e dentro dele paradigmas que revelem a sua atuação analógica* (BISOL, 2009:74).

A mudança não acontece da mesma forma em todas as palavras e não é o som a unidade básica da mudança e sim a palavra. Os difusionistas acreditam que existem mudanças sonoras que não são somente foneticamente condicionadas, há outros fatores que podem interferir na mudança, como, por exemplo, fatores extralinguísticos e semânticos.

Para o modelo da difusão lexical, as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais, ou seja, as mudanças não ocorrem da mesma forma em todas as palavras e, por isso, devemos analisar vocábulo por vocábulo para entender a origem da mudança e quais itens são atingidos por ela e quais não são. A hipótese difusionista, no entanto, trata da mudança e não da variação, porém vários pesquisadores variacionistas, como Viegas (1987) e Oliveira (1992, 1995), a utilizam para trabalhar com análises sincrônicas.

Viegas (1987) afirma que existem palavras, no PB falado na região metropolitana de Belo Horizonte, que vão ao encontro da hipótese difusionista. Assim, pode acontecer o alçamento em *bunito* e *minina* e não acontecer em *bonina* e *meninge*³, palavras que possuem o mesmo ambiente fonético, porém frequência de uso distinta, já que as primeiras são mais cotidianas do que as últimas. Isso talvez possa ser explicado, segundo Oliveira (2003), pela afirmação de Phillipis (1984, *apud* Oliveira 2003) que dizia que

se uma mudança é motivada por fatores fisiológicos, agindo nas formas fonéticas de superfície, os itens lexicais mais frequentes serão atingidos primeiro; por outro lado, se ela é motivada por fatores não-fisiológicos, que atuam nas formas subjacentes, as palavras menos frequentes serão atingidas em primeiro lugar.

Diante do exposto, podemos perceber que tanto a hipótese neogramática como a difusionista têm fundamentos para explicar o que acontece com o Alçamento das vogais médias pretônicas e, em nossa pesquisa, verificamos qual das hipóteses melhor explica o fenômeno estudado.

³ Exemplos retirados de Viegas (1987).

Além disso, faremos a aplicação fonológica de alguns dos dados, representando o fenômeno em foco por meio da Geometria de Traços, teoria que veremos com maiores detalhes na seção a seguir.

2.2 – A GEOMETRIA DE TRAÇOS FONOLÓGICOS

Com o intuito de analisarmos, a partir de um modelo fonológico, o fenômeno de nossa pesquisa – o Alçamento das vogais médias pretônicas – utilizaremos a Geometria de Traços proposta por Clements e Hume (1995), que explica os processos que envolvem os fonemas de um mesmo contexto representados de forma não linear.

A Geometria de Traços faz parte do modelo Autossegmental que, segundo Matzenauer (2005:13) analisa a

fonologia de uma língua como uma organização em que os traços, dispostos hierarquicamente em diferentes “tiers” (camadas), podem estender-se aquém ou além de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade, como também funcionar isoladamente ou em conjuntos solidários

ou seja, pode haver a segmentação independente de partes dos sons da língua, assim como o espraçamento de traços de sons próximos ou até o apagamento de um traço sob influência de outro, o que não implica necessariamente no apagamento e desaparecimento de todo o segmento.

Clements e Hume (1995) defendem a ideia de que os traços são organizados hierarquicamente e podem funcionar independentemente ou em conjunto com outros traços do segmento. Além disso, os traços de um determinado segmento formam um arranjo arbóreo internamente ordenado por nós, *em que os nós terminais são os traços fonológicos e os nós intermediários as classes de traços* (MATZENAUER, 2005:47).

Matzenauer (2005:45-46) concorda com os autores e afirma que *a fonologia autossegmental passou a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua.*

Assim, a Geometria de Traços é apresentada como uma organização não-linear composta por nós e toda essa hierarquia é representada por um diagrama arbóreo, como na figura seguinte:

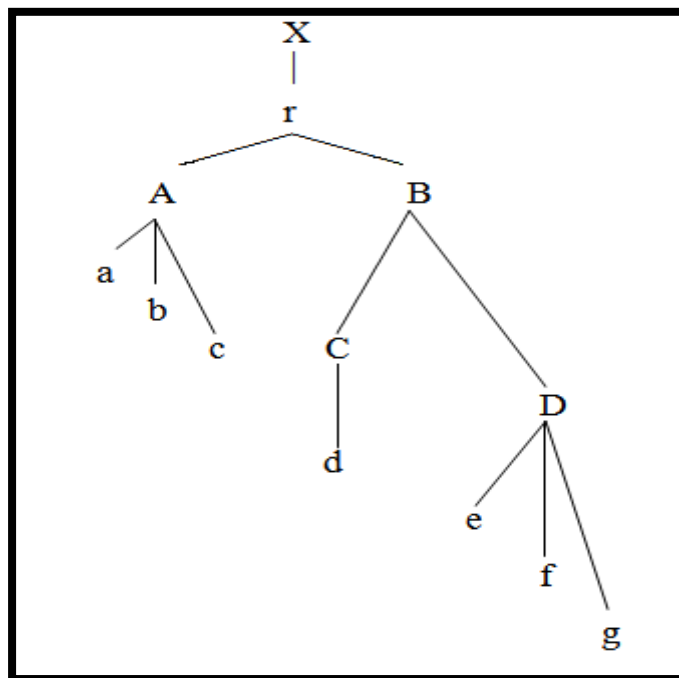


Figura 6 – Representação arbórea interna do segmento
Fonte: Matzenauer (2005, p. 48)

De acordo com este diagrama, **X** é uma unidade abstrata de tempo que domina **r**, que é o nó de raiz, o que representa todo o segmento; os nós **A**, **B**, **C**, **D** são os nós intermediários, os nós de classe, que dominam os nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g**, que são os traços fonológicos. Já as linhas que ligam os nós são conhecidas como linhas de associação.

Segundo Clements e Hume (1995), há um princípio que rege o comportamento das regras fonológicas na Geometria de Traços. Este princípio é expresso em seguida:

(1) *As regras fonológicas constituem uma única operação.*⁴

Assim, de acordo com este princípio, *apenas conjuntos de traços que formam constituintes podem funcionar juntos em regras fonológicas*⁵ (CLEMENTS E HUME, 1995), por exemplo, na figura 6 apresentada acima, somente os traços **a**, **b**, **c** podem participar de uma mesma regra fonológica, já que possuem o mesmo nó de classe (**A**).

⁴ Tradução do texto de Clements e Hume (1995): *Phonological rules perform single operations only.*

⁵ Tradução do texto de Clements e Hume (1995): “only feature sets which form constituents may function together in phonological rules”

Segundo Clements e Hume (1995), qualquer som da fala pode ser representado pela Geometria de traços, sendo que alguns traços são binários, isto é, são representados pela presença (+) ou ausência (-) e outros monovalentes, que são representados somente pela presença do traço. Todos os sons da fala podem, portanto, ser representados pela organização hierárquica das consoantes e vogais a seguir:

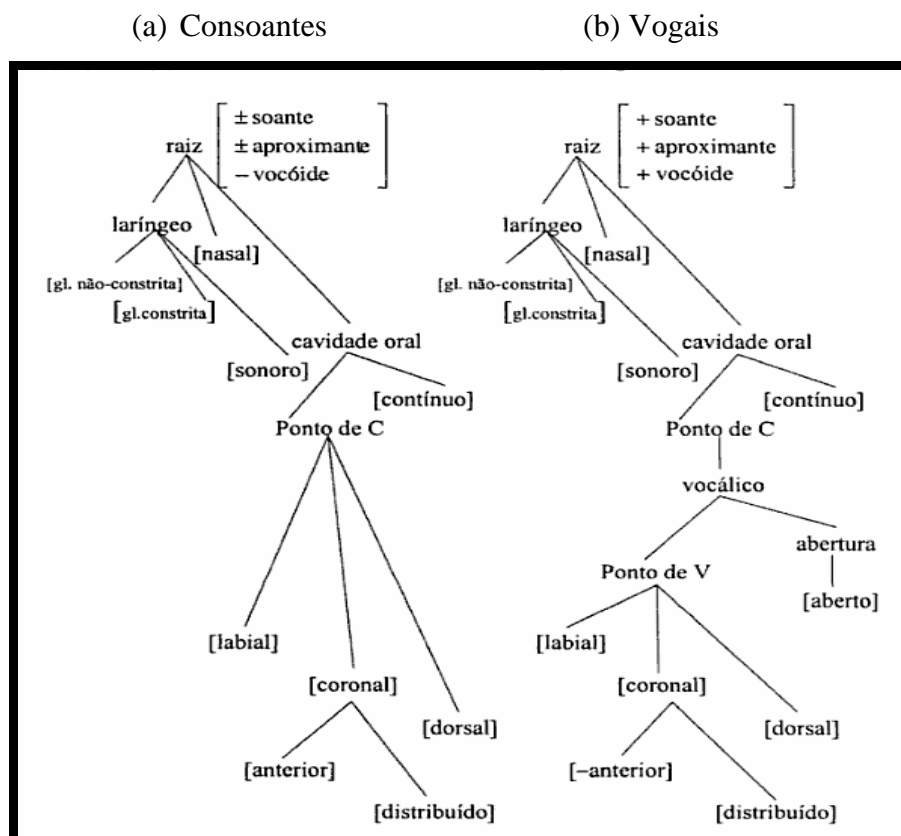


Figura 7– Representação hierárquica de consoantes e vogais
 FONTE: Matzenauer (2005, p. 50)

Diante disso, a estrutura arbórea da Geometria de Traços expressa, segundo Matzenauer (2005:52), *a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo sempre ao princípio, isto é, tem de mostrar que constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraçamento de um traço.*

Assim, acreditamos que a Geometria de Traços é relevante para nossa pesquisa, pois sabemos que a variação existente entre as vogais pretônicas acontece devido à perda ou assimilação (espraçamento) de traços das vogais, como afirma Magalhães (2009:69):

Diferentemente das análises estruturalistas, os modelos autosegmentais manipulam os segmentos não como elementos em sua totalidade, mas como autosegmentos com estrutura interna, em

que um processo fonológico pode atingir não o segmento interno, mas apenas parte dele. Processos de assimilação, por exemplo, são tratados como espraçamento de traços e a representação é feita numa estrutura arbórea em que nós são hierarquicamente dependentes, de modo que, se uma operação atinge um nó dominante, ela alcançará todos os nós dominados, mas não o contrário.

A partir da Geometria de Traços, Wetzels (1992) descreve o sistema vocálico do PB com operações de desligamento de nós de abertura das vogais. Assim, para Wetzels (1992), a redução do sistema vocálico de 7 vogais na sílaba tônica, para 5 e 3 na pretônica e na postônica final, respectivamente, acontece por operações de desligamento de nós. O sistema vocálico do PB fica, então, representado da seguinte maneira:

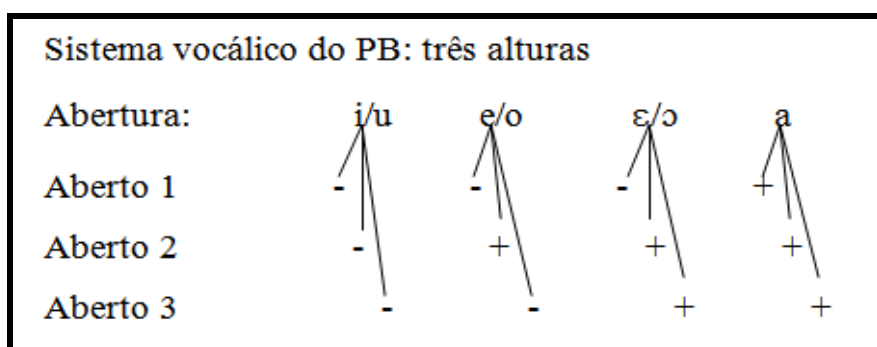


Figura 8 – Representação do sistema vocálico
Fonte: Wetzels (1992)

É a partir do apagamento de [aberto 3] que acontece a perda da diferenciação entre as vogais médias (e/o, ɛ/ɔ), já que, em [aberto 1] e [aberto 2], são iguais. Isto é o que acontece com as vogais pretônicas no PB, por isso as vogais nesta posição passam de 7 para 5.

Além disso, Wetzels (1992) também explica a redução do sistema vocálico das postônicas não finais a partir da regra autosssegmental de neutralização expressa a seguir:

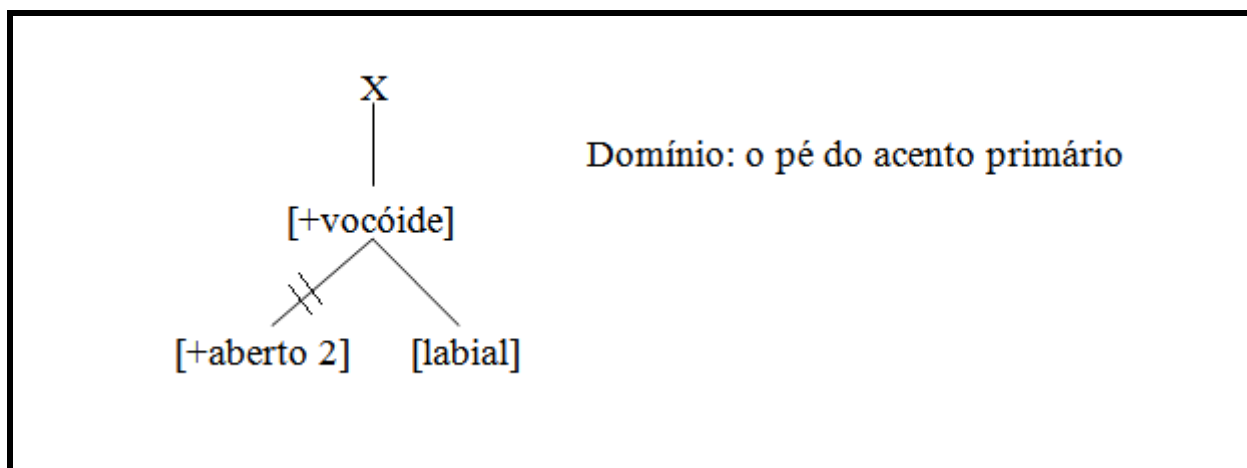


Figura 9 – Representação da regra autossegmental de neutralização das vogais postônicas não finais
 Fonte: Wetzels (1992: 27)

Segundo Magalhães (2009:71), é a partir dessa regra que ocorrem variações envolvendo as vogais [o] ~ [u] e [e] ~ [i] em posição postônica não final, pois esta regra neutraliza a oposição existente entre estas vogais. Já em relação às átonas finais, Wetzels (1992) alega que há o desligamento de [+aberto 2], assim havendo somente a distinção entre /i/, /a/ e /u/. Neste sentido, pretendemos analisar o processo de variação das vogais médias pretônicas aplicando nossos dados à Geometria de Traços.

No próximo capítulo, veremos alguns estudos sobre as vogais médias pretônicas do PB, como Bisol (1981); Callou & Leite (1986); Viegas (1987); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002); Silveira (2008); Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009).

CAPÍTULO 3

ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

As vogais do Português Brasileiro são objeto de estudo de vários pesquisadores. Ora são analisadas as vogais pretônicas ora as postônicas não finais, e sempre os estudiosos buscam descrever fenômenos que ocorrem com as vogais em determinada região.

Neste capítulo, mostraremos alguns dos estudos acerca do alçamento das vogais médias pretônicas, nosso foco de estudo, como Bisol (1981), Callou & Leite (1986), Viegas (1987), Callou, Leite e Coutinho (1991), Schwindt (2002) e Silveira (2008).

3.1 – BISOL (1981)

Bisol (1981) pesquisou o comportamento das vogais médias pretônicas na fala de moradores do Rio Grande do Sul, utilizando a metodologia de pesquisa variacionista e teve como objetivo verificar os contextos favoráveis e desfavoráveis para a elevação das vogais médias pretônicas. Em seu estudo, de natureza neogramática, a autora defendeu a ideia de que a variação das vogais médias pretônicas ocorre por meio da aplicação da regra de Harmonia Vocálica.

Com um *corpus* formado por 44 informantes, Bisol delimitou-se a analisar *as variantes e ~ i e o ~ u da pauta pretônica interna em quatro comunidades sociolinguísticas diferenciadas do extremo sul do país e em dois níveis culturais, a fala popular e a fala culta* (BISOL, 1981:258). Assim, as células de pesquisas foram criadas a partir dos seguintes fatores extralinguísticos: etnia (metropolitanos, alemães, italianos e fronteiriços), sexo (feminino, masculino), a situação (teste ou fala livre) e a idade dos falantes (25 a 35, 36 a 45 e de 56 anos em diante). Como fatores linguísticos foram considerados a nasalidade, a tonicidade, a posição da vogal no vocábulo, a sufixação, os contextos fonológicos precedente e seguinte.

Como resultado de sua pesquisa, Bisol (1981) constatou que há a variação das vogais médias pretônicas na região em estudo. Além disso, a autora afirma que a variação de [o] para [u] e [e] para [i] pode acontecer em contextos em que há apenas um fator favorável à regra, por exemplo, quando há uma vogal alta imediata.

Bisol ainda defende que a variação que acontece com as vogais [o] e [e] para, respectivamente, [u] e [i] é uma regra variável e condicionada, principalmente, pela presença da vogal alta na sílaba subsequente a pretônica. Esta variação da vogal ocorre por um processo de aplicação da regra de Harmonização Vocálica, um processo de Assimilação Regressiva que *é desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto* (BISOL, 1981: 259).

Para que ocorra a aplicação da regra de Harmonia Vocálica, ou seja, a Assimilação das vogais médias pretônicas, Bisol (1981), a partir de seus resultados, apresenta os fatores que exercem um papel importante na regra. Segundo a pesquisadora, estes fatores são: a vogal alta da sílaba seguinte, o caráter da vogal átona candidata à regra e a consoante vizinha.

Além disso, a autora afirma que existem alguns fatores que impedem a aplicação da regra. *Os mais notáveis são: a) a palatal precedente, cuja função dissimiladora é clamante na regra; b) a alveolar precedente ou seguinte por razões fonéticas de ordem articulatória e acústica; c) o acento subjacente da vogal candidata à aplicação da regra* (BISOL, 1981: 260); e d) os formadores de grau e outros sufixos que tendem a desempenhar o papel de bloquear o funcionamento da regra.

Segundo Bisol (1981), a variação da pretônica não é estigmatizada na região em estudo, pois ocorreu tanto na fala popular como na culta. Os que mais realizam a variação das vogais pretônicas são os metropolitanos, seguidos dos italianos, os bilíngues alemães e por último os fronteiriços. Apesar disso, a autora (BISOL, 1981:261) diz que *parece ser possível afirmar que a regra se encontra em estado de equilíbrio nos quatro grupos sociolinguísticos do dialeto gaúcho estudado*.

Com esses resultados, Bisol conclui que a vogal [u] tem pouca probabilidade de causar a elevação de [e]; a nasalidade favorece a elevação de [e], mas não de [o]; a consoante velar precedente e seguinte e a palatal seguinte são as que favorecem a elevação de [e]; e a alveolar precedente e seguinte e a labial precedente e seguinte tendem a preservar a pretônica [e].

Com relação à variação de [o] para [u], os fatores que favorecem mais são: as vogais altas [i] e [u]; a consoante labial precedente e seguinte e a consoante velar precedente. Além disso, a consoante alveolar precedente e seguinte e a palatal precedente tendem a preservar a pretônica [o].

Por fim, a pesquisa de Bisol (1981) diferencia-se das demais principalmente por levar em consideração todas as vogais médias pretônicas, inclusive casos em que não há vogal alta

em sílaba seguinte, o que permitiu que a autora verificasse que o fator vogal alta em sílaba seguinte é o principal motivador da elevação da pretônica. Outra contribuição importante dada por Bisol (1981) é que o alçamento das vogais médias pretônicas ocorre por meio de fatores fonéticos, consoante a hipótese neogramática.

3.2 – CALLOU & LEITE (1986)

O alçamento das vogais médias pretônicas na fala culta do Rio de Janeiro foi objeto de estudo de Callou & Leite em 1986. Para a realização desta pesquisa, as autoras partiram de um *corpus* composto por 1300 ocorrências do fenômeno, retiradas de entrevistas que fazem parte do projeto NURC/RJ⁶. As entrevistas foram com locutores universitários divididos da seguinte maneira: faixa etária de 25 a 35 anos e 56 anos em diante; moradores das áreas sul, norte e suburbana do Rio de Janeiro.

O objetivo de Callou & Leite nesta pesquisa era uma *tentativa de descrição mais sistemática de um fenômeno que tem recebido atenção de vários estudiosos em diversos momentos da história de nossa língua: a variação da vogal pretônica* (CALLOU & LEITE, 1986:25), mais especificamente a extensão da Harmonização Vocálica que é, segundo as autoras, um processo de Assimilação da altura da vogal tônica [i] ou [u].

Além de verificar a extensão da Harmonização Vocálica, as autoras também propuseram o mapeamento do sistema vocálico pretônico, com o intuito de explicar as variações da fala dos cariocas com formação universitária; verificaram o papel da estrutura silábica, das consoantes e vogais adjacentes e o ritmo.

Para isso, Callou & Leite (1986) consideraram todas as palavras que contivessem o [e] e [o] átonos, independentemente da natureza da sílaba tônica. A partir da pesquisa, as autoras afirmaram que a variação das pretônicas pode estar relacionada com fatores suprasegmentais, tais como o ritmo. Além disso, há mais probabilidade de ocorrer a elevação das vogais com a presença de uma vogal alta na sílaba tônica ou a vogal adjacente alta.

Para os dados cuja pretônica é a vogal /e/, os fatores relevantes para a elevação são: a aplicação da regra de alçamento quando a vogal pretônica está seguida de uma vogal alta na

⁶O NURC, Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, é um projeto que visa descrever a norma culta do português falado. Entre 1970 e 1978 foram feitas descrições da fala culta das cidades: Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Porto Alegre.

sílabas tônicas ou a vogal adjacente alta; a aplicação categórica de contextos iniciais de vocábulos como, por exemplo, [i]stilo, [i]scola; o uso do *des-*, seja prefixo ou parte da palavra, como em *d[i]sfile*, *d[i]snutrido*; e a presença de hiato. Já os fatores desfavorecedores para a elevação do /e/ são: a sílaba VC; a presença das consoantes /t/ e /d/ precedentes a vogal /e/.

Para a elevação de /o/, os fatores favorecedores são: a contiguidade da vogal alta, seja esta tônica ou átona; a posição do hiato; a presença das consoantes precedentes /p/, /b/, /m/, /k/, /g/, /f/ e /v/; e a presença da palatal nasal seguinte à vogal pretônica /o/.

A partir desses resultados, Callou & Leite (1986) afirmam que a elevação das vogais médias não obedece aos mesmos fatores, isto é, são fatores diferenciados que distinguem o comportamento da vogal anterior /e/ e da posterior /o/. No entanto, o fator presença de uma vogal alta seguinte à analisada mostrou-se como o que mais favorece o alçamento, tanto de /e/ quanto de /o/.

3.3 – VIEGAS (1987)

O alçamento das vogais médias pretônicas foi objeto de estudo de Viegas (1987). A autora analisou este fenômeno em dados de fala de metropolitanos de Belo Horizonte – MG, sob os pressupostos teóricos variacionistas de Labov. O *corpus* da pesquisa em questão foi composto por 16 falantes, que foram escolhidos considerando os seguintes fatores extralinguísticos: sexo, faixa etária, grupo social, estilo (formal ou informal).

Com este estudo, o objetivo de Viegas (1987) era descrever os ambientes estruturais e não estruturais que podem favorecer o alçamento das vogais. A partir da análise dos dados, a autora afirma que pode haver uma regra fonológica variável para descrever o fenômeno do Alçamento das médias pretônicas.

De acordo com Viegas (1987), maior é a porcentagem de alçamento se a vogal pretônica estiver mais próxima do início da palavra. Afirma ainda que o alçamento é favorecido se a vogal estiver em sílaba nasal (VN) em início de palavra e a sílaba travada por fricativa (VC).

Em relação à vogal /e/, a autora afirma que a elevação é favorecida pela vogal alta tônica, principalmente se esta for imediata. Além disso, há uma grande chance de alçamento

de /e/ quando em prefixos *de-/des-*, por exemplo, *d[i]scansa*, quando há a presença de líquidas laterais e nasais subsequentes à vogal, como ocorre na palavra *m[i]nino*.

A autora conclui, ainda, que há o desfavorecimento do alçamento de /e/ quando: a) há a presença da vogal [e], seja tônica ou átona, na sílaba imediatamente subsequente a da pretônica, por exemplo, *s[e]r[e]no*; b) quando há a presença de obstruintes (fricativas/africadas e oclusivas) na sílaba imediatamente seguinte, por exemplo, *s[e]/p/arou*; c) quando a pretônica está em sílaba aberta (V); d) quando a vogal tônica baixa está em qualquer posição da palavra; e e) quando a vogal média tônica retém a pretônica /e/.

Já em relação aos dados de /o/, Viegas (1987) afirma que esta vogal deve ser precedida e seguida de consoante para que aconteça o alçamento. Além disso, apresenta os seguintes contextos como favorecedores para o alçamento de /o/: presença de obstruintes precedentes e seguintes, nasais seguintes, palatais seguintes e sílabas do tipo CV e CVC, travada por fricativa.

Como fatores desfavorecedores para o alçamento de /o/, Viegas (1987) aponta os seguintes: quando a pretônica for precedida pela vogal [i] e semivogal [y]; em início de palavra; precedida por líquida lateral e seguida de semivogal [y] e [w]; quando em sílaba CVN, como em *c[o]nciso*; com a presença de nasais e líquidas laterais precedentes (*pr[o]blema*) e as alveolares seguintes.

A partir desses resultados, Viegas (1987:130) conclui que os fatores que favorecem ou desfavorecem a elevação não são os mesmos para /e/ e para /o/ e que o *alçamento de /e/ é um processo de Harmonia Vocálica evidente (como diziam Câmara Jr. (1969), Bisol e Lemle (1974)) devido à grande influência da vogal alta seguinte*. E que a elevação de /o/ está mais condicionada às consoantes adjacentes do que com as vogais seguintes à pretônica.

A autora ainda afirma que não obteve dados significativos em relação aos fatores sociais, porém seus resultados mostraram que *o alçamento do [o] está estratificado por grupo social (indicador); e o alçamento do [e] está estratificado por faixa etária* (VIEGAS, 1987:166).

Em relação à difusão lexical, Viegas (1987) defende que esta hipótese deve orientar os estudos sobre as vogais pretônicas *no sentido de o alçamento se processar gradualmente e através do léxico, além de que atua sobre os itens mais frequentes primeiro* (VIEGAS, 1987:168). Viegas afirma também que cada palavra tem a sua própria história, pois alguns itens *escaparam a qualquer sistematização (idem)*, o que leva a crer que a história da palavra é importante para explicar o que acontece com ela. Além disso, nos casos em que acontece o

alçamento, a autora diz que *a variação da pretônica ocorre em ambientes que permitem depreender certa sistematicidade do fenômeno e descrevê-lo através de uma regra fonológica variável* (VIEGAS, 1987:163).

Assim, a autora mostra que os estudos sobre as vogais médias pretônicas devem seguir o modelo da difusão lexical, pois, de acordo com Viegas (1987), os pressupostos neogramáticos não dão conta desta variação, já que o Alçamento das vogais pretônicas acontece gradualmente através do léxico e não somente pelo som, como acreditam os neogramáticos.

3.4 – CALLOU, LEITE E COUTINHO (1991)

Callou, Leite e Coutinho (1991:71) realizaram uma pesquisa sobre as vogais pretônicas, cujo objetivo central era *delimitar a ação da regra de Harmonização Vocálica no âmbito do Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro*. Para tanto, as autoras utilizaram como metodologia a sociolinguística quantitativa e obtiveram 4.310 ocorrências. Estas ocorrências foram encontradas na fala de 18 informantes que foram selecionados a partir das seguintes variáveis extralinguísticas: 9 de cada sexo; 3 faixas etárias, a saber: 25-35, 36-50, 51 em diante; e três áreas geográficas: Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana.

As variáveis linguísticas que tiveram relevância para este trabalho, segundo Callou, Leite e Coutinho (1991:71–72), foram:

(1) o tipo de vogal (oral anterior e posterior, nasal anterior e posterior, ditongo), (2) distância em relação à tônica (distância 1 a 4), (3) tipo de segmento tônico (alta não-orgânica, baixa, média, ditongo), (4) tipo de pretônica subsequente (mesmos fatores anteriores e mais ausência de segmento, a depender da distância entre a tônica e a vogal analisada), (5) tipo de atonicidade (átone permanente, átone casual, etc.), (6) tipo de segmento seguinte e estrutura silábica, (7) tipo de segmento precedente e estrutura silábica, (8) estrutura da palavra (sufixos derivativos e ausência de sufixos) e (9) tipo de vogal tônica na palavra base.

A partir da análise das variáveis, com relação à elevação da vogal /e/, o fator que teve maior significância foi a presença de uma vogal tônica alta; enquanto que para a elevação da vogal /o/ os fatores mais importantes foram o modo de articulação e o ponto de articulação do

segmento precedente. Já em relação às variáveis extralinguísticas, nenhuma delas se mostrou significativa para a elevação de /e/ e de /o/.

Quanto aos dados de abaixamento das vogais pretônicas, nenhum fator social foi apontado como relevante. Outro ponto a destacar é o resultado de ser pouco significativa a probabilidade de ocorrer o fenômeno de Abaixamento das vogais pretônicas e quando acontece são em casos bem restritos, como:

(1) quando se acrescenta a uma palavra que tenha a vogal média baixa tônica os sufixos diminutivos –(z)inho(a) ou os superlativos –íssimo, érrimo, etc., ou ainda o formador de advérbio –mente e (2) por harmonização vocálica a uma vogal tônica baixa (remete, Pelé, bolota, etc.). (Callou, Leite e Coutinho, 1991, p. 75)

As autoras afirmam também que a elevação das vogais /e/ e /o/ não obedece aos mesmos fatores. São fatores diferenciados que atuam no comportamento destas vogais em posição pretônica. Embora os fatores extralinguísticos não tenham se mostrado significativos, Callou, Leite e Coutinho (1991:76) afirmam que *o uso nas faixas etárias e em homens e mulheres assinala uma curva descendente: homens e velhos usando mais a regra e jovens e mulheres, menos. Não há, portanto, qualquer indício de progressão da regra, mas antes de possível perda de produtividade.*

3.5 – SCHWINDT (2002)

Em *A Regra Variável de Harmonização Vocálica no RS*, Luiz Carlos Schwindt (2002) retoma a discussão feita em sua dissertação de mestrado sobre os contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam na regra de elevação das vogais pretônicas. Neste artigo, Schwindt (2002:161) tem por objetivo discutir *o processo de elevação dessas vogais [vogais pretônicas] por influência de uma vogal alta em sílaba subsequente (pepino ~ pipino, sobrinho ~ subrinho), fenômeno conhecido como Harmonização Vocálica.*

Para esta pesquisa, o autor se propõe a analisar dados do Rio Grande do Sul que fazem parte do projeto VARSUL. Para a constituição da amostra (SCHWINDT, 2002:164), foram utilizadas entrevistas com 64 informantes divididos de acordo com as cidades que fazem parte do projeto VARSUL: 16 de Flores da Cunha (zona de colonização italiana), 16 de Panambi

(colonização alemã), 16 de São Borja (fronteiriços) e 16 de Porto Alegre (região metropolitana). Do total de entrevistas foram retirados 12.133 dados, sendo que 6.611 eram dados do /e/ e 5.522 do /o/.

A partir de outros estudos sobre as vogais pretônicas, o autor delimitou a variável dependente: a elevação das vogais pretônicas /e/ e /o/. Segundo Schwindt (2002:165), ficam fora da análise contextos considerados categóricos, a saber: *as palavras iniciadas por e seguido de N ou S (ensinar, explicar), uma vez que estas estruturas têm sua elevação quase categórica. Foram descartadas, ainda, as vogais constitutivas de ditongos (coisinhas) e hiatos (teoria)*. Além destes contextos, foram excluídas as pretônicas que fazem parte de prefixos (*reorganizar*), sufixo *-zinho (nenezinho)* e as palavras compostas em que a pretônica está no primeiro vocábulo e a vogal alta no segundo (*televisão*).

Como variáveis independentes, Schwindt (2002) delimitou o seguinte grupo: a) variáveis linguísticas: contiguidade, homorganicidade, nasalidade, contexto fonológico precedente e seguinte, tonicidade, localização morfológica; b) variáveis extralinguísticas: região, escolaridade, sexo, faixa etária dos informantes.

Como resultados, Schwindt (2002) afirma que houve um crescimento da aplicação da Harmonização Vocálica no dialeto gaúcho nas últimas duas décadas, isto comprova que a variação não está estagnada, não estável.

Em relação às variáveis, o autor afirma que não foi encontrada significativa motivação dos fatores sociais para o Alçamento das vogais pretônicas e que os fatores linguísticos foram os maiores condicionadores da variação da pretônica. Dentre as variáveis linguísticas, a presença de vogal alta em sílaba subsequente foi considerada pelo autor como condicionador seguro que atua juntamente com outros fatores linguísticos para desencadear a elevação da pretônica. Por fim, Schwindt (2002) afirma que há a existência de uma regra de natureza fonética que coexiste com a regra fonológica, como foi mostrado por Bisol (1981).

Por meio destes resultados, podemos perceber que a variação analisada por Bisol (1981) ainda acontece no Rio Grande do Sul e com porcentagens ainda mais significativas, com um aumento de 12% para o /e/ e 6% para o /o/.

3.6 – SILVEIRA (2008)

Em sua dissertação de mestrado, *As Vogais Pretônicas na Fala Culta do Noroeste Paulista*, Silveira fez um estudo variacionista, em substantivos e adjetivos, acerca do Alçamento das vogais médias pretônicas no falar de moradores da cidade de São José do Rio Preto, localizada no noroeste de São Paulo.

Para a realização da pesquisa, foi analisada a fala de 16 informantes⁷ do sexo feminino, com nível superior, divididos em quatro faixas etárias (16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 55 anos). A amostra foi composta por 2246 dados de /e/ e 1590 de /o/, que foram analisados a partir das seguintes variáveis linguísticas: i) *vogal da sílaba tônica*, ii) *posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica*, iii) *vogal átona seguinte*, iv) *consoantes precedentes*, v) *consoantes seguintes*, vi) *tipo de sílaba*, vii) *nasalidade*, e viii) *grau de atonicidade da vogal pretônica* (SILVEIRA, 2008:11).

A partir de análise estatística pelo programa VARBRUL, a autora afirma que o Alçamento das vogais médias pretônicas na região estudada apresentou baixo percentual, o que o caracteriza como um fenômeno fonológico de baixa produtividade.

Em alguns casos, a presença da vogal alta na sílaba tônica seguinte à pretônica favoreceu o alçamento. No entanto, na elevação do /e/ a presença da vogal alta anterior /i/ foi mais relevante, enquanto que na elevação do /o/ tanto a vogal alta anterior /i/ quanto a posterior /u/ foram relevantes.

Em relação ao contexto fonológico, Silveira (2008) afirma que o contexto fonológico precedente composto por consoante labial mostrou-se mais relevante no alçamento de /o/; enquanto que para o alçamento de /e/, o contexto fonológico precedente de maior relevância foi o preenchido por consoante velar. Já o contexto fonológico seguinte de maior relevância foi: consoante labial e palatal para o alçamento de /o/ e consoante velar para o alçamento de /e/.

Além desses contextos, o tipo silábico CV mostrou-se favorecedor para o alçamento das duas vogais médias pretônicas e sílabas do tipo CVN favorecem mais o alçamento de /e/, enquanto que o tipo CVC, quando o segundo C é vibrante ou fricativa, favorece mais o alçamento de /o/.

⁷ Os dados fazem parte do banco de dados IBORUNA, resultado do projeto “O Português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo”.

Por fim, a autora afirma que encontrou em sua pesquisa dados que podem contribuir para a abordagem difusionista, mesmo tendo considerado o modelo neogramático como guia para seu trabalho. No entanto, Silveira (2008) não aprofunda a discussão a respeito dos modelos neogramático e difusionista em sua pesquisa.

3.7 – CASSIQUE, CRUZ, DIAS E OLIVEIRA (2009)

Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009) fizeram uma análise variacionista sobre as vogais pretônicas /e/ e /o/ considerando a Harmonização Vocálica e o Alçamento das vogais pretônicas sem motivação aparente. O *corpus* desta pesquisa foi composto por 78 informantes, nascidos e residentes na cidade de Breves (PA), estratificados de acordo com os seguintes fatores: faixa etária (15-25, 26-45, acima de 46 anos), escolaridade (analfabeto, ensino fundamental e ensino médio) e procedência (rural ou urbano).

Para a realização da pesquisa, os autores consideraram os seguintes fatores linguísticos:

fonema vocálico da tônica e da pretônica no vocábulo, quando oral ou nasal; atonicidade; consoante do onset, consoante do onset da sílaba seguinte; peso silábico em relação à sílaba da variável dependente; vogal pré pretônica; distância relativa à sílaba tônica; e sufixos com vogal alta. (CASSIQUE, CRUZ, DIAS E OLIVEIRA, 2009:119)

Como resultado, os autores encontraram, na cidade de Breves, a ausência do alçamento e os fatores, que são relevantes, para que isso ocorra são: a) *fonema vocálico da tônica quando oral*; b) *vogal contígua*; c) *distância relativa à sílaba tônica*; d) *aticidade*; e) *sufixo*; f) *consoante do onset*; g) *consoante do onset da sílaba seguinte*; h) *escolaridade* e i) *procedência* (CASSIQUE, CRUZ, DIAS E OLIVEIRA, 2009:120).

Assim, Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009) afirmam que no município de Breves acontece o processo inverso ao da assimilação, o fenômeno conhecido como dissimilação. Os autores justificam esse processo pelo fato de, na área estudada, o dialeto popular estigmatizar o uso de vogais alteadas posteriores à tônica e, por atitude preventiva, os falantes quase não alçam as outras vogais pretônicas.

3.8 – RESUMO DOS ESTUDOS SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS DO PB

Como percebemos a partir dos estudos arrolados, não há um padrão a ser seguido pelas pretônicas /e/ e /o/ em todo o Brasil. Apesar de o alçamento ser mais comum, este pode tanto acontecer como não ocorrer na fala, favorecido por vários fatores. No quadro 1 abaixo, apresentaremos, resumidamente, todos os trabalhos citados nesta seção sobre o Alçamento das vogais médias pretônicas:

AUTOR	MAIOR FAVORECEDOR	DESFAVORECE O ALÇAMENTO	O PROCESSO QUE DESENCADEIA O ALÇAMENTO
Bisol (1991)	Vogal alta na sílaba seguinte seja tônica ou átona.	Palatal precedente	Harmonia Vocálica
Callou & Leite (1986)	Para a vogal /e/ aplicação categórica em início de palavra; uso de prefixo <i>des</i> , presença de hiato. Para a vogal /o/ contiguidade da vogal alta, seja em posição átona ou tônica.	Sílabas VC; presença de /t/ e /d/ antes de /e/.	O condicionamento se dá no nível segmental
Viegas (1997)	Vogal alta na sílaba tônica.	Para /e/, vogal alta tônica imediata; em prefixo <i>des</i> ; líquidas laterais e as nasais subsequentes.	Difusão lexical

		Para /o/, obstruintes precedentes e seguintes as nasais; nasais seguintes; palatais seguintes;	
Callou, Leite e Coutinho (1991)	Para /e/, vogal tônica alta. Para /o/, modo de articulação e ponto de articulação do segmento precedente.	-----	-----
Schwindt (2002)	Vogal alta em sílaba subsequente.	-----	Harmonia Vocálica
Silveira (2008)	Vogal alta na sílaba tônica seguinte a pretônica; tipo de sílaba CV. Para a vogal /e/, contexto fonológico precedente preenchido por consoante velar. Para a vogal /o/, contexto fonológico precedente composto por labial.	-----	-----

Quadro 1 : resumo comparativo dos estudos sobre as vogais pretônicas

A partir do quadro acima, podemos depreender que o Alçamento das vogais médias pretônicas é um processo fonológico tratado pelos autores como a elevação das vogais pretônicas que tem como maior favorecedor o fator presença de uma vogal alta seguinte à vogal analisada, seja alta tônica ou átona. Além disso, podemos afirmar que este processo é um caso de variação que ocorre em várias regiões do Brasil, no entanto, não há a assimilação em todas as regiões estudadas, é o que mostra Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009), que analisam dados de fala de moradores de Breves (PA) e têm como resultado o processo de dissimilação comum na cidade e não o alçamento, como acontece com as outras regiões analisadas. Por isso, este estudo não foi inserido no quadro 1 acima, já que se trata de outro processo fonológico.

A partir dos dados coletados junto à informantes da cidade de Uberlândia, investigaremos qual é o padrão da variação das vogais médias pretônicas neste município, utilizando a Sociolinguística Variacionista como metodologia de nossa pesquisa e respaldando-nos nas pesquisas mencionadas acima para posterior comparação dos resultados. O intuito neste trabalho é verificar quais fatores realmente favorecem o alçamento na região estudada e, finalmente, conhecer o perfil do sistema vocálico pretônico da maior cidade do Triângulo Mineiro.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Objetivando analisar o fenômeno do Alçamento das vogais pretônicas na fala espontânea de habitantes da cidade de Uberlândia (MG), utilizaremos a Sociolinguística Variacionista Laboviana como metodologia de pesquisa.

Neste capítulo, primeiramente, apresentamos uma breve discussão sobre a teoria Variacionista Laboviana. Em seguida, apresentaremos a comunidade de pesquisa, bem como o que nos motivou para a escolha de Uberlândia como foco de nosso estudo. As células de pesquisa serão encontradas no item *Amostra*, deste capítulo. Em seguida, relatamos como foi feita a coleta de dados, bem como a transcrição dos mesmos e a seleção dos dados nas entrevistas.

Além disso, apresentaremos os fatores que acreditamos serem relevantes para nossa pesquisa. Para delimitarmos nossas variáveis, embasamo-nos em outros trabalhos sobre as vogais médias pretônicas no PB, como o de Bisol (1981); Callou & Leite (1986); Viegas (1987); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002); Silveira (2008); e Cassique, Cruz, Dias e Oliveira (2009).

Após a apresentação das variáveis, relatamos como foi o processo de codificação dos dados e, por último, fazemos uma breve resenha sobre o programa computacional de análise estatística GoldVarb, de extrema importância para nossa pesquisa.

4.1 – A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA LABOVIANA

No início da década de 60, a Sociolinguística Variacionista foi impulsionada a partir de pesquisas realizadas por Willian Labov. Com esta vertente, o estudo da língua em uso teve maior destaque nas pesquisas linguísticas. Além disso, é a partir da Sociolinguística Variacionista que se analisa a relação entre língua, fala e comunidade para determinar as propriedades inerentes à língua.

De acordo com Labov (2008⁸:21), *não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre*, o que provocou um choque com as teorias estruturalistas de Saussure e a gerativista de Chomsky. A Sociolinguística Variacionista teve seu auge a partir de três pesquisas desenvolvidas por Labov: a variação dos ditongos [ay] e [aw] na pronúncia de nativos da ilha Martha's Vineyard em Massachusetts; a estratificação do [r] pós-vocálico na fala de moradores da cidade de Nova Iorque; e o apagamento da cópula entre falantes negros do Harlem em Nova Iorque.

Como vertente analítico-descritiva, a Sociolinguística Variacionista defende o estudo da língua integrando aspectos sociais e linguísticos e tem como grande objetivo estudar as várias formas de se dizer a mesma coisa, ou seja, variantes que coocorrem na língua em um mesmo espaço de tempo e que possuem o mesmo valor de verdade, o que, segundo Labov (2008), caracteriza a heterogeneidade das línguas, pois não há em qualquer comunidade de fala uma única forma de pronunciar as palavras que a compõem, sempre há variantes de um mesmo vocábulo em uma determinada comunidade que coexistem sem que uma prejudique a outra, é a mais pura variação.

A variação, segundo Tarallo (2000), determina o *caos* linguístico, já que em qualquer língua encontraremos uma grande variedade de alternâncias fonético-fonológicas com o mesmo valor de verdade, ou seja, que não interferem no significado da palavra, como dizer *m[u]tivo*, *ap[i]lido* ao invés de *m[o]tivo*, *ap[e]lido*⁹.

Devemos destacar também que a Sociolinguística Variacionista vale-se de uma metodologia quantitativa, deste modo, os dados passam por uma análise estatística. Além disso, esta teoria visa analisar e descrever os dados da fala espontânea por meio de variáveis extralinguísticas e linguísticas. Estas, as linguísticas, são internas ao sistema linguístico, ou seja, de natureza fonológica, morfológica, sintática ou semântica. Fatores como estes podem favorecer a variação linguística ou não, por este motivo há a necessidade de averiguar as possíveis motivações linguísticas existentes nos fenômenos analisados. Exemplos de variáveis internas podem ser: o tipo de consoante precedente à vogal pretônica analisada (labial: *[pu]ssível*; coronal: *[si]ntido*; dorsal: *[gu]rdurosu*), o tipo de vogal tônica (alta: *fel/i/z*; média: *pequ/e/no*; baixa: *tom/a/te*¹⁰), etc. As variáveis extralinguísticas são os fatores externos ao

⁸ Labov 2008 é uma tradução feita de Labov 1972, pelos linguistas Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

⁹ Dados da pesquisa.

¹⁰ Dados da pesquisa

sistema linguístico, mas dentro de um contexto de variação linguística. É a partir de fatores extralinguísticos que se desenvolvem conclusões de natureza social e, portanto, demonstra a heterogeneidade da língua. Variáveis desta natureza fazem parte do meio social do falante, como escolaridade, faixa etária, etnia, sexo. As variáveis extralinguísticas têm uma justificativa que se sobressai às variáveis internas ao sistema; segundo Silva (2007:67), os fatores sociais *assinalavam uma postura teórica oposta à idealização gerativista e mostrava o comportamento de um falante/ouvinte real, numa comunidade linguística longe de ser homogênea*. Além do mais, é por meio dos fatores sociais que o pesquisador deve buscar na comunidade de fala os dados para o estudo, por meio de entrevistas que seguem o método aleatório estratificado de escolha dos falantes.

Diante disso, é necessário ressaltar que ao estudarmos fatos de qualquer língua, devemos, principalmente, enfatizar que esta é parte do comportamento social, ou seja, se não atentarmos ao caráter social da língua, não conseguiremos estudá-la a fundo, pois ela faz parte do processo cultural e histórico de qualquer indivíduo. Além disso, não existe língua alguma no mundo que não sofra variações em suas estruturas, sejam elas fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas, favorecidas por fatores sociais.

Os fatores sociais possibilitam ao investigador da língua a colecionar fatos que lhe permitam caracterizar possíveis regularidades presentes nas variações e, assim, entender o que as motiva. Dessa forma, a pesquisa variacionista se faz importante no meio científico e, para um estudo confiável sobre o uso da língua devemos enfatizar o estudo do vernáculo, a fala menos monitorada possível, isto é, o momento em que o falante não presta atenção ao “como” está falando, a fala sem interferências. Segundo Labov (2008:244), são nos momentos de maior distração ao monitoramento da fala que encontramos as variações, já que o falante não está preocupado em dizer seguindo as normas gramaticais da língua. Assim, é de grande importância que o entrevistador esteja atento ao que o informante diz e não ao como se diz, para que a fala do entrevistado seja a mais natural possível e, conseqüentemente, o pesquisador terá o vernáculo – fala menos monitorada – para a pesquisa.

Quando há um fenômeno em variação, como já foi dito anteriormente, há sempre a existência de variedades sociais. Entre essas, há a variedade culta que é denominada, segundo Faraco (2007, p.33) como

as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima da hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal.

*Trata-se daquilo que é **normal**, recorrente, comum na expressão linguística desses segmentos sociais, em situações mais monitoradas.*

Já a norma-padrão é considerada um construto idealizado, pois não pode ser vista como um dialeto, como é a norma culta, mas sim uma *codificação taxonômica de formas assumidas como um modelo linguístico ideal* (FARACO, 2007, p.34)

No fenômeno pesquisado, o *Alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/*, encontramos contextos em que o alçamento faz parte da norma culta, ou seja, é recorrente na fala de pessoas com maior acesso à educação formal, por exemplo, em contextos categóricos como *[i]scola, d[i]sconhecido*; e outros em que o alçamento faz parte da norma-padrão, pois são formas assumidas de alguns falantes, por exemplo *[u]p[u]rtunidade, [i]ducação*.

É a partir da variação, pois, que as línguas se modificam ao longo dos tempos, uma vez que podemos encontrar, em um determinado momento, um conjunto de variantes de um mesmo vocábulo, que, com o passar do tempo, se tornarão formas distintas e estas poderão originar outras variantes e assim sucessivamente, o que mantém sempre a existência da variação.

Sendo assim, é papel da Sociolinguística analisar os fatos da língua dentro de um contexto social. Assim, para que se realize uma pesquisa que busque a explicação da variação existente ao se pronunciar palavras com vogal pretônica alçada, foi necessário o embasamento na metodologia de pesquisa variacionista para criarmos células com o intuito de delimitarmos as variáveis relevantes para nosso estudo. Sendo assim, pautamo-nos na Sociolinguística Variacionista para a realização deste trabalho e para a análise do comportamento linguístico dos falantes nativos de Uberlândia em relação à variação da vogal média pretônica.

4.2 – A COMUNIDADE ESTUDADA

Os estudos em variação devem avaliar a condição linguística socialmente marcada de determinada região, isto é, é de extrema importância que o pesquisador analise as condições sociais e culturais da comunidade estudada, pois pode trazer grandes contribuições para o trabalho. As motivações da não regularidade de uma língua em um contexto se faz, além das realizações internas da língua, por meio das condições externas a ela, tais como a idade do falante, a escolaridade, o sexo e também a origem e as condições de linguagem do falante.

Dessa forma, observamos a importância, para um estudo sociolinguístico variacionista, de levarmos em consideração o contexto social em que vive cada indivíduo, porque é a partir de um contexto social específico que analisamos fenômenos da língua.

Neste trabalho, foi escolhida como contexto social de pesquisa a cidade de Uberlândia, situada no Triângulo Mineiro. Esta escolha deu-se principalmente pela necessidade de estudar a fala dos indivíduos que vivem nesta cidade, por percebermos, intuitivamente, a grande presença do fenômeno em foco na fala da população, o Alçamento das vogais médias pretônicas.

Outro fator relevante para a realização desta pesquisa em Uberlândia foi o fato de não haver trabalhos específicos sobre a variação das vogais médias pretônicas na fala dos moradores desta cidade, contribuindo não somente com o banco de dados de fala do Triângulo Mineiro, mas também para a história de Uberlândia, já que a língua e suas variantes são importantes fontes de identidade cultural de um povo. Por isso, e para entender os fatos linguísticos da comunidade estudada, realizamos uma pequena descrição sobre a cidade de Uberlândia com o intuito de conhecer um pouco o contexto social, geográfico e político dessa cidade.

4.3 – A CIDADE DE UBERLÂNDIA

No início do século XIX, segundo Dantas (2008), aconteceu a ocupação do Sertão da Farinha Podre, hoje, conhecido como Triângulo Mineiro, que por muito tempo foi apenas um local de passagem de tropeiros e mineradores. Atraído pela oportunidade de ocupar terras férteis e imensas, João Pereira da Rocha foi o primeiro a se instalar na região onde havia apenas índios Caiapós. João Pereira da Rocha se fixou na região que hoje conhecemos como Indianópolis, que na época da ocupação ficou conhecida como sede da sesmaria Fazenda São Francisco. Deu nome também à fazenda Letreiro e do Salto, além de nomear um riacho, que passava pela região de Ribeirão São Pedro, hoje canalizado embaixo da Avenida Rondon Pacheco.

Com a vinda de João Pereira da Rocha, vieram também muitas outras famílias, inclusive a dos Carrejos. Estes, os Carrejos, adquiriram parte da fazenda São Francisco e

outras fazendas próximas em 1835, formando as sedes: Olhos d'Água, Lage, Marimbondo e Tenda.

Felisberto Alves Carrijo, na sede Tenda, em sua própria casa, criou a primeira escola da região e, também em sua casa, aos domingos, era onde se rezava o terço. Assim foi criado o primeiro povoado da região e poucos anos depois foi construída a capela que deu nome ao povoado, Nossa Senhora do Carmo.

Em 11 de junho de 1857, o povoado ganhou mais terras. A esposa de Luís Alves Pereira doou mais 12 alqueires de terra para Felisberto, parte que hoje é conhecida como o bairro Patrimônio. Um mês depois, foi criada a Freguesia de São Pedro de Uberabinha, que foi elevada a categoria de Vila, junto com a Freguesia Santa Maria, em junho de 1888.

O município São Pedro de Uberabinha foi criado em 31 de agosto de 1888, sendo emancipado de Uberaba. Ao longo dos anos, foram criados vários distritos pertencentes a São Pedro de Uberabinha, como Tapuirama, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia. O município se desenvolveu muito e, em 1929, São Pedro de Uberabinha passou a se chamar Uberlândia, que significa “Terra Fértil”.

Hoje, com 604.013 habitantes, segundo dados do IBGE de 2010, Uberlândia é considerada cidade polo da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, por ocupar uma posição geográfica favorável, entre grandes capitais de Brasil, como: São Paulo, Goiânia e Belo Horizonte.



Figura 10 – Mapa de Minas Gerais com destaque de Uberlândia

Por ter um grande polo industrial e a Universidade Federal de Uberlândia, a cidade atrai pessoas vindas de toda a região, o que fez com que a população triplicasse em menos de

três décadas. Muitos estudiosos e pesquisadores consideram Uberlândia a cidade que comanda o desenvolvimento da região. Dantas (2008:19) informa que:

A imagem contemporânea divulgada por empresários e pelos administradores municipais, nos diversos meios, pode assim ser descrita: Uberlândia é uma cidade de porte médio que comanda o desenvolvimento da progressista região do Triângulo Mineiro. Essa região abrange um mercado consumidor de mais de três milhões de habitantes. Apresentando um bom crescimento econômico, é a terceira cidade do estado de Minas Gerais em PIB e em população e mantém excelentes indicadores de qualidade de vida. Apoiada na argumentação de uma localização geográfica privilegiada, considerada uma facilidade logística, a cidade possui boa malha rodoferroviária e aérea, rede de telecomunicações considerada pioneira no país, excelente capacidade de armazenamento de grãos e um distrito industrial com empresas de renome nacional que a fazem conhecida como centro atacadista. E mais, obras faraônicas marcam sua paisagem, edifícios públicos e privados, shopping center, viadutos, estádio de futebol, clubes de recreação, universidade e faculdades, agro-indústrias, baixas taxas de analfabetismo e mortalidade infantil, ativo comércio e sistema bancário consolidado.

A partir do que diz Dantas, percebemos que Uberlândia é uma cidade que pode ser considerada como a metrópole da região. E por estar sempre crescendo, tanto econômica como populacionalmente, há a necessidade de estudos sobre esta cidade.

4.4 – A AMOSTRA

A pesquisa sociolinguística permite que utilizemos apenas parte da comunidade para trabalhos envolvendo a fala dos indivíduos, por isso, seguindo o método aleatório estratificado, proposto por Labov (2008), formulamos células para nossa pesquisa a partir dos fatores sociais sexo, faixa etária e anos de escolaridade.

Para o preenchimento dessas células, levamos em consideração os seguintes aspectos: os indivíduos devem ser naturais da cidade ou ter chegado a Uberlândia com até cinco anos de idade; e não podem ter se ausentado por mais de dois anos consecutivos. Assim, os informantes devem se encaixar em alguma das células, que são delimitadas segundo nossas variáveis extralinguísticas: sexo, escolaridade e faixa etária.

Assim, a amostra de nossa pesquisa será constituída por um *corpus* composto por 24 entrevistados, ou informantes. Estes serão classificados de acordo com o perfil extralinguístico delimitado da seguinte forma:

- Sexo: Masculino / Feminino
- Escolaridade:
 - 0 a 11 anos de estudos
 - Mais de 12 anos de estudos
- Faixa etária:
 - 15 a 25 anos
 - 26 a 49 anos
 - 50 anos acima

A escolha destas células segue a proposta do GEFONO, Grupo de Estudos em Fonologia, coordenado pelo professor doutor José Sueli de Magalhães, o qual está vinculado ao PROBRAVO, Projeto de Descrição Socio-histórica das Vogais do Português do Brasil, coordenado pelos professores doutores Seung-Hwa Lee (da Universidade de Minas Gerais – UFMG) e Marco Antônio de Oliveira (PUC-MINAS). A partir disso, as células da pesquisa ficam preenchidas da seguinte maneira:

FEMININO	0 a 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		50 anos de idade ou mais	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 12 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		50 anos de idade ou mais	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

Quadro 2- Células de pesquisa: Sexo Feminino.

MASCULINO	0 a 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 13
			INFORMANTE 14
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 15
			INFORMANTE 16
		50 anos de idade ou mais	INFORMANTE 17
			INFORMANTE 18
	Mais de 12 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 19
			INFORMANTE 20
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 21
			INFORMANTE 22
		50 anos de idade ou mais	INFORMANTE 23
			INFORMANTE 24

Quadro 3- Células de pesquisa: Sexo Masculino.

4.5 - A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas feitas com um gravador digital MP4. Foi necessária a gravação das entrevistas, pois analisamos as construções relacionadas às vogais pretônicas na fala espontânea dos entrevistados. Posterior à defesa deste trabalho, os dados farão parte do banco de dados do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Além do gravador de voz, para a coleta de dados, tínhamos em mãos o “termo de consentimento livre e esclarecido”¹¹, o que nos permite utilizar a gravação para a pesquisa de acordo com o exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e um questionário com um roteiro de perguntas¹² que nos auxiliou nas entrevistas.

Para a realização das entrevistas, o entrevistador visitou os possíveis informantes, verificou os candidatos para a pesquisa, fez um primeiro contato com o intuito de preencher uma Ficha Social com os dados dos informantes e agendou a entrevista.

¹¹ Em anexo.

¹² Em anexo.

O local da entrevista foi a própria residência dos sujeitos de pesquisa e eles estavam cientes de todos os seus direitos por meio do termo de consentimento livre e esclarecido.

Mesmo não sendo objetivo da pesquisa, podemos afirmar que esta abarca grande parte da área urbana de Uberlândia, pois as entrevistas foram realizadas em bairros distintos da cidade, abrangendo todas as classes sociais.

Após a realização das entrevistas, estas passaram pelo processo de transcrição ortográfica, e os dados relacionados às vogais pretônicas foram codificados seguindo os critérios do VALPB¹³ e processados pelo pacote de programas computacionais de análise quantitativa GoldVarb 2001.

4.6 - A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Após termos em mãos todas as entrevistas, partimos para as transcrições. Estas foram feitas preservando as variações fonológicas do fenômeno estudado que encontramos, isto é, os dados de fala gravados foram representados, fiel e consistentemente, respeitando tudo o que foi dito pelo informante.

Para que fôssemos fiéis ao que foi dito nas entrevistas, foi necessária a formulação de normas que visam facilitar o nosso trabalho de transcrição quanto aos aspectos que precisamos demarcar, por exemplo, a pausa na fala do falante, a interferência de outras vozes, dentre outros. Estas normas podem ser vistas no anexo desta pesquisa.

Depois da transcrição completa dos dados, foi feita a seleção e a codificação dos dados referentes à pesquisa.

A seguir, relatamos como foi feita a seleção dos dados e, em seção mais adiante, como foi feita a codificação dos dados.

¹³ O VALPB é o Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba que foi iniciado em 1993 com o intuito de pesquisar a realidade linguística da comunidade de João Pessoa – PB.

4.7 – SELEÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Após a transcrição de todas as entrevistas, partimos para a seleção dos dados da pesquisa. Foram considerados dados da amostra todos os nomes, substantivos e adjetivos, com o contexto da variável dependente – Alçamento das vogais médias pretônicas. Resolvemos realizar a pesquisa somente com nomes, pois o tempo para a realização era muito curto para um trabalho abrangendo todas as classes de palavras morfológicas. Além disso, a análise de verbos, por exemplo, elencaria vários outros aspectos que não são abordados nesta dissertação, como tipo de flexão, pessoa gramatical, e outros. Fica, pois, espaço para uma próxima análise.

Delimitada a amostra, excluimos alguns contextos que foram tratados por Callou & Leite (1986) e Schwindt (2002) como categóricos, em alguns contextos sempre ocorreu o alçamento e em outros a preservação da vogal média pretônica prevaleceu. Os contextos em que, segundo os autores, houve a preservação de forma categórica são vocábulos com a pretônica em ditongos ou hiatos (*coisinha, teoria*). Já os contextos em que sempre há o Alçamento das vogais médias pretônicas são: palavras iniciadas com /e/ seguido de N ou S (*ensino, escola*); e vocábulos com o prefixo *des-* (*desconhecido*).

Além disso, vale ressaltar que quando há mais de uma pretônica nos vocábulos selecionados para a pesquisa todas as pretônicas foram analisadas, exceto se estivessem nos contextos categóricos de Alçamento e de preservação da vogal média pretônica referidos acima. Portanto, palavras como *oportunidade* e *movimentada* foram analisadas de acordo com cada uma de suas pretônicas, já que para cada uma delas há um contexto diferente de realização.

Depois de termos em mãos todos os dados que constituem a amostra, codificamos o *corpus* da pesquisa para submetê-lo ao programa de análise estatística GoldVarb. Para a codificação, utilizamos as variáveis delimitadas na próxima seção.

4.8 – DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

A pesquisa em Sociolinguística Quantitativa tem como objetivo de estudo uma série de variantes que são favorecidas ou não por fatores, tanto linguísticos como extralinguísticos. Assim, segundo Tarallo (2007:8), as *‘variantes linguísticas’ são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto*. Neste trabalho, as variantes linguísticas que norteiam a pesquisa são: o Alçamento/ não Alçamento das vogais médias pretônicas.

Além das variantes linguísticas, o conjunto de variáveis independentes de um mesmo fenômeno é essencial para a pesquisa variacionista e podemos determiná-las como todos os fatores que têm a probabilidade de favorecerem o fenômeno estudado, sejam variáveis linguísticas ou extralinguísticas.

Diante disso, definimos as variáveis a serem investigadas, apresentadas a seguir:

4.8.1 – VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente é, segundo Labov (2008), o próprio fenômeno em variação, ou seja, são as variantes de determinado fenômeno. Para Mollica (2007:10-11), as variantes são as *diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente*.

Diante disto, a nossa variável dependente é constituída pelas vogais médias pretônicas [e] e [o], observadas a partir de duas variantes, quais sejam:

- 1- Vogais médias alçadas: /e/ > [i] e /o/ > [u]
- 2- Vogais médias não alçadas (preservadas): /e/ e /o/

4.8.2 – VARIÁVEIS INDEPENDENTES

As variáveis linguísticas são todos os fatores linguísticos que podem favorecer uma variação, como, o tipo e a posição da sílaba, o contexto precedente e seguinte à vogal analisada, o contexto fonológico precedente e seguinte, dentre outros. Todos estes fatores fazem parte do conjunto de variáveis independentes que são, de acordo com Mollica (2007:11), *um grupo de fatores que podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência*. Assim, são consideradas variáveis independentes não somente as linguísticas como também as extralinguísticas, que são todos os fatores sociais que podem favorecer a variação, por exemplo, o sexo, a idade e a escolaridade dos falantes.

4.8.2.1 – VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

1- Altura da vogal tônica:

Vários estudos referentes à variação das vogais médias pretônicas mostram que a presença de vogais altas pode favorecer o Alçamento da vogal pretônica. Diante disso, vimos necessário analisar se o tipo de vogal – se alta, média ou baixa – na sílaba tônica é favorecedor nos dados de fala de Uberlândia:

ALTA: bonito

MÉDIA: moleque

BAIXA: cocada

2- Peso silábico da pretônica:

Investigaremos, para essa variável, se a estrutura silábica, da sílaba em que se encontra a vogal, atua no favorecimento do Alçamento da vogal pretônica analisada. Para tanto, foram considerados dois tipos de estrutura da sílaba: **leve** e **pesada**. As sílabas leves são constituídas opcionalmente por uma consoante e obrigatoriamente por uma vogal – (C)V –, enquanto que as sílabas pesadas são compostas de, obrigatoriamente, vogal seguida de consoante ou semi vogal – (C)VC –¹⁴ como nos exemplos a seguir:

LEVE: **comida**, **alegria**.

PESADA: **costureira**, **bendito**.

3- Nasalidade/oralidade da vogal pretônica:

A nasalidade pode interferir na realização das vogais na fala, já que, segundo Schwindt (2002:166) provoca a *mudança de timbre nas vogais, fazendo com que sejam percebidas muitas vezes como abaixadas, centralizadas ou não abaixadas e centralizadas simultaneamente*. Como este fator se mostrou relevante nos estudos de vários autores que pesquisaram o Alçamento das vogais médias pretônicas, como Bisol (1981), Viegas (1987), Schwindt (2002) e Silveira (2008), vimos necessário verificar se a variação das vogais pretônicas na região estudada, a cidade de Uberlândia, pode ser favorecida ou não pela nasalidade:

NASAL: **mēntira**, **conquista**.

ORAL: **perigoso**, **coturno**.

¹⁴ A posição da consoante antecedente à vogal, ou início de sílaba, é opcionalmente preenchida e não interfere no peso silábico. A única consoante que faz com que a sílaba seja pesada é a consoante ou semi vogal que se encontra seguinte à vogal e na mesma sílaba.

4- Distância da pretônica em relação à sílaba tônica:

De acordo com Bisol (1981:67), esta variável diz respeito à posição da vogal analisada na palavra em relação à tônica. A distância entre a pretônica e a tônica pode ser de 0 a 2, sendo a 2 a mais distante da tônica.

Em pesquisas sobre o Alçamento das vogais médias pretônicas, como o de Bisol (1981), esta variável mostrou-se favorecedora ao alçamento no sentido de que quanto mais afastadas da sílaba tônica a vogal analisada estiver, maior é a chance do alçamento ocorrer. Já em Silveira (2008), quanto mais próxima da sílaba tônica, mais favorecedor é o contexto.

Com esta variável, no entanto, pretendemos analisar se esta distância é um fator significativo à variação em Uberlândia. Além disso, analisar qual distância é mais favorecedora em dados da região, já que não há uma regularidade para esta variável nas pesquisas já realizadas, como Bisol (1981) e Silveira (2008). Assim, nossa variável constitui-se da seguinte maneira:

DISTÂNCIA 0: *registro, bonita*.

DISTÂNCIA 1: *negativo, cobertura*.

DISTÂNCIA 2 OU MAIS: *objetivo*.

5- Posição da sílaba pretônica na palavra:

Investigaremos se o fator posição da sílaba em que a pretônica se encontra, se inicial ou não inicial, interfere no processo de Alçamento da vogal média pretônica. Para a variação de /e/, encontramos alguns casos em que a variação é categórica, segundo Callou e Leite (1986) e Schwindt (2002), como palavras em que a pretônica está no início da palavra seguida de S ou N, como *[i]scola*, *[i]nsino*.

Para tanto, analisaremos se em Uberlândia a posição da sílaba, inicial ou não inicial, favorece a variação. Neste sentido, excluimos os contextos definidos como categóricos por Callou & Leite (1986) e Schwindt (2008). Nossa variável de pesquisa é definida como:

INICIAL: retiro; borracha

NÃO INICIAL: alecrim; amendoim

6- Contexto fonológico precedente:

Como afirma Schwindt (2002:166), *o contexto fonológico precedente pode dizer sobre as motivações articulatórias que possam estar combinadas à regra de Harmonização Vocálica propriamente dita, facilitando, assim, a elevação da pretônica.*

Assim, analisaremos se a presença de determinadas consoantes precedentes a pretônica e se a continuidade/não continuidade da consoante precedente podem motivar a elevação desta vogal na região estudada:

6.1 - Ponto de articulação:

LABIAL: beleza, boneca

CORONAL: tenente, tomate

DORSAL: quebrado, coragem

PAUSA (início de palavra): #exigente, #odisseia

6.2- Continuidade/não-continuidade da consoante precedente:

CONTÍNUA: **f**ormiga

NÃO-CONTÍNUA: **p**epino

PAUSA (início de palavra): #exigente, #odisseia

7- Contexto fonológico seguinte:

Segundo Schwindt (2002:167), *a harmonização vocálica é uma regra regressiva e o contexto seguinte da vogal pretônica é importantíssimo para a análise, pois é sobre este contexto que se dará o espraçamento (idem).*

Com esta variável, queremos verificar se a existência de determinadas consoantes seguintes à pretônica e de consoantes contínuas ou não-contínuas favorecem a elevação da pretônica:

7.1 - Ponto de articulação:

LABIAL: cebola, apelido, dopado, folia

CORONAL: eterno, menina, colado, motivo

DORSAL: cegueira, verruga, progredidir

7.2 - Continuidade/não-continuidade da Consoante seguinte:

CONTINUA: folia

NÃO-CONTÍNUA: pepino

4.8.2.2 – VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Assim como as variáveis linguísticas, as extralinguísticas são variáveis independentes, o que as diferenciam é que as extralinguísticas não estão relacionadas com o que pertence à língua, e sim ao que pertence ao meio social. De acordo com Mollica (2007: 11), os variáveis sociais exercem *pressão sobre os usos, diminuindo ou aumentando sua frequência de*

ocorrência, assim são variáveis extralinguísticas fatores sociais, tais como: sexo, idade, escolaridade, região, etnia, nível econômico.

Segundo Mollica (2007: 27),

as variáveis, tanto linguísticas quanto não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Por isso, há a necessidade de utilizarmos as variáveis extralinguísticas em nossa pesquisa. Uma vez que pretendemos analisar a variação da vogal média pretônica na fala de uberlandenses, foram delimitados as variáveis sociais para a constituição de nossa amostra. Para tanto, foram selecionados as seguintes variáveis sociais: sexo, escolaridade e faixa etária, seguindo os moldes do GEFONO.

1- Variável sexo:

Muitos estudiosos afirmam que a variável sexo pode ser significativa para os processos variáveis de natureza fonológica, morfossintática e semântica, e, além disso, autores, como Paiva (2007), afirmam que as mulheres têm maior preferência para o uso de variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Em nossa região, acreditamos que este fator seja relevante para a variação estudada, e verificaremos se, em Uberlândia, os homens realizam mais o Alçamento das vogais médias pretônicas e se as mulheres são mais conservadoras, como acontece em estudos sociolinguísticos de acordo com Paiva (2007).

Com esta variável, verificaremos, então, se o Alçamento das vogais médias pretônicas é mais frequente na fala das mulheres ou dos homens:

- FEMININO;
- MASCULINO.

2- Idade:

Nos trabalhos mencionados na seção que trata das pesquisas realizadas sobre o Alçamento das vogais médias pretônicas, encontramos a variável idade como favorecedor da variação, como em Viegas (1987), que afirma ter diferenças em relação ao fenômeno em foco entre jovens e pessoas mais velhas.

A partir disso, vimos necessário investigarmos como ocorre o Alçamento das vogais médias pretônicas de acordo com a idade dos informantes de nossa pesquisa, já que não segue um padrão nos estudos já realizados no Brasil:

- 15 A 25 ANOS;
- 26 A 49 ANOS;
- 50 ANOS OU MAIS.

3- Anos de escolaridade:

Constata-se que a escola pode favorecer a variação linguística, já que no ambiente escolar a tendência é cobrar o uso da norma culta, privilegiando, assim, sempre os que melhor a utilizam. Diante disso, pretendemos analisar se quem frequentou por maior tempo a escola é mais influenciado do que os que a frequentaram por menor período.

Nas pesquisas mencionadas na seção sobre os estudos recentes sobre as vogais médias pretônicas, vimos que em alguns trabalhos a escolaridade favorece a variação, como o de Viegas (1987), e outros em que este fator não se mostrou relevante para a pesquisa, como o de Callou, Leite e Coutinho (1991) e Bisol (1981). No entanto, verificaremos qual é o padrão encontrado em Uberlândia a partir da variável anos de escolaridade definida da seguinte maneira:

- 0 A 11 ANOS¹⁵;
- 12 ANOS OU MAIS.

Para melhor visualização das variáveis, apresentamo-nas resumidamente no quadro abaixo:

VARIÁVEL DEPENDENTE	
Vogais médias alçadas: <i>e > i</i> e <i>o > u</i>	
Vogais médias não alçadas (preservadas): [e] e [o]	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
1- Altura da vogal tônica: ALTA: bonito MÉDIA: moleque BAIXA: cocada	Sexo: ➤ FEMININO; ➤ MASCULINO.
2- Peso silábico da pretônica: LEVE: comida, alegria. PESADA: costureira, bendito.	Idade: ➤ 15 A 25 ANOS; ➤ 26 A 49 ANOS; ➤ 50 ANOS OU MAIS.
3- Nasalidade/oralidade da vogal pretônica: NASAL: mentira, conquista. ORAL: perigoso, coturno.	Anos de escolaridade: ➤ 0 A 11 ANOS; ➤ 12 ANOS OU MAIS.
4- Distância da pretônica em relação à sílaba tônica: DISTÂNCIA 0: registro, bonita. DISTÂNCIA 1: negativo, cobertura. DISTÂNCIA 2 OU MAIS: objetivo.	
5- Posição da sílaba pretônica na palavra: INICIAL: retiro; borracha NÃO INICIAL: alecrim; amendoim	

¹⁵ Em nossa pesquisa, tivemos de colocar os analfabetos junto com os letrados, pois na região pesquisada não é fácil encontrarmos pessoas mais jovens e analfabetas, já que o governo do Brasil tornou o acesso à escola obrigatório para as crianças.

<p>6- Contexto fonológico precedente:</p> <p>6.1 - Ponto de articulação: LABIAL: <u>b</u>eieza, <u>b</u>oneca CORONAL: <u>t</u>enente, <u>t</u>omate DORSAL: <u>q</u>uebrado, <u>c</u>oragem PAUSA (início de palavra): #exigente, #odisseia</p> <p>6.2- Continuidade/não continuidade da consoante precedente: CONTÍNUA: formiga NÃO-CONTÍNUA: pepino PAUSA (início de palavra): #exigente, #odisseia</p>	
<p>7- Contexto fonológico seguinte:</p> <p>7.1- Ponto de articulação: LABIAL: ce<u>b</u>ola, apeli<u>d</u>o, dopado, fo<u>l</u>ia CORONAL: ete<u>r</u>no, me<u>n</u>ina, co<u>l</u>ado, mo<u>t</u>ivo DORSAL: cegueira, verr<u>u</u>ga, progred<u>i</u>r, fog<u>o</u></p> <p>7.2- Continuidade/não continuidade da Consoante seguinte: CONTÍNUA: fo<u>l</u>ia NÃO-CONTÍNUA: pe<u>p</u>ino</p>	

Quadro 4: quadro-resumo com todas as variáveis de nossa pesquisa.

4.9 – A CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Para obtermos valores referentes aos nossos dados por meio do programa computacional GoldVarb 2001, foi necessário que codificássemos todos os vocábulos relacionados com o fenômeno em estudo encontrados nas entrevistas. Para isso, criamos códigos referentes a todas as nossas variáveis, linguísticas e extralinguísticas, para codificarmos dado por dado e submetê-los ao programa¹⁶.

Após a codificação dos 5.198 dados que constituem nossa amostra, estes foram processados pelo programa computacional GoldVarb. O programa selecionou os fatores relevantes para a pesquisa e “eliminou” os irrelevantes. A análise dos resultados obtidos por meio da rodada dos dados pelo programa será detalhada no capítulo 5.

4.10 – O PACOTE DE PROGRAMAS DE ANÁLISE ESTATÍSTICA GOLDVARB 2001

A fim de obtermos valores referentes aos nossos dados, após codificarmos os dados encontrados, rodamos todos eles no aplicativo GoldVarb 2001. Este é *um pacote para análise multivariada para o sistema operacional Windows construído a partir do programa GoldVarb 2.0 para Macintosh* (FREITAG, MITTMANN, 2005) e foi criado em 2001 por Robinson, Lawrence e Tagliamonte na Universidade de York. Este pacote de programas não é utilizado exclusivamente por linguistas, vários estudiosos de outras áreas o utilizam com o intuito de quantificar os dados encontrados em suas pesquisas.

O programa GoldVarb 2001 possibilita a análise de regras variáveis a partir de codificações definidas por qualquer pesquisador. Estas codificações são a representação das variáveis de pesquisa para que o programa tenha um parâmetro de análise e, por consequência, encontre quais fatores são relevantes ou não. Por exemplo, se uma análise tiver como variáveis: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, distância da sílaba tônica, cada uma delas receberá um código numérico ou literal, estabelecido pelo

¹⁶ Codificação em anexo.

pesquisador. O importante é que esse código represente apenas um determinado fator durante toda a análise, ou seja, que ele não se repita.

Após termos todos os dados codificados, as codificações são, então, inseridas no programa GoldVarb 2001, sempre precedidas pelo parêntese aberto “(“, este sinal é a indicação ao programa de que o que vem em seguida são as codificações do estudo.

O pacote GoldVarb 2001 possui vários programas que auxiliam o pesquisador nesta etapa de análise. O arquivo de dados (de extensão *.tkn*), por meio da seção *Tokens > generate factor specification*, irá conferir se não há possíveis erros na codificação do pesquisador e, se encontrar algum erro, oferece a possibilidade de correção.

O arquivo de condições (*.cnd*), por meio da seção *Tokens > no recode*, irá definir a quantidade de grupos que fazem parte da análise e qual é a variável dependente em estudo. Ainda nesse arquivo, pela seção *Cells > load cells to memory*, teremos os dados preliminares da análise, quando o programa oferece um relatório contendo a seleção de células no arquivo (*.cel*) e um arquivo de resultado (*.res*), sendo que cada fator estará com sua respectiva ocorrência e porcentagem, valores que permitem uma pré-análise do fenômeno.

Nesta etapa da análise, alguns dados poderão chegar a 100% ou a 0%, porém, dependendo do viés da análise, estes dados podem não ser relevantes e por meio de uma nova rodada¹⁷ são retirados, denominados como *knockout*. Para que a retirada destes dados aconteça, temos de selecionar a opção *Tokens > recode setup* e um novo relatório, *arquivo de resultados*, é fornecido ao pesquisador. Esta primeira etapa do arquivo de condições é denominada *análise unidimensional*, na qual é avaliada, separadamente, a frequência de cada grupo de fator.

Temos, então, de fazer uma nova rodada no programa que é de vital importância para a pesquisa, pois é nesta análise que todos os fatores interagem entre si, chamada de *análise multidimensional*. Na seção *Cells > binomial up and down*, o pesquisador tem uma visão estatística do fenômeno em estudo, pois o programa oferece o peso relativo, que, segundo Brescancini (2002:34), *são valores que refletem as várias dimensões de interferência simultânea na regra*. Nesta etapa multidimensional acontecem duas rodadas. Na primeira, chamada de *step up*, o objetivo é identificar fatores tidos como relevantes estatisticamente para o fenômeno, e a segunda é chamada *step down*, na qual o objetivo é confirmar os resultados do *step up*.

¹⁷ A rodada é a execução de alguma análise pelo programa.

Depois de todo esse processo, caso os dados obtidos não satisfaçam o pesquisador, ele pode utilizar-se do recurso do *Amalgama*, que é a reunião de fatores de uma variável em um único fator.

Assim acontece a rodada de dados pelo programa GoldVarb 2001, e o próximo passo é transformar os dados estatísticos em tabelas e interpretar os resultados numéricos de forma que o fenômeno em estudo possa ser decifrado e explicado. Assim, o nosso objetivo, ao utilizarmos o programa GoldVarb 2001, é obtermos uma análise estatística dos dados a partir da regra variável de nossa pesquisa, para analisarmos e explicarmos o fenômeno em estudo.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise dos dados retirados de vinte e quatro entrevistas, o que corresponde a aproximadamente 821 minutos de fala. A partir destas entrevistas, selecionamos a amostra que atendia a pesquisa, ou seja, todos os dados com o contexto Alçamento/não Alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, o que totalizou 5.196 dados. Deste total, obtivemos números significativos para a existência do fenômeno da pesquisa em Uberlândia, como mostra o gráfico abaixo:

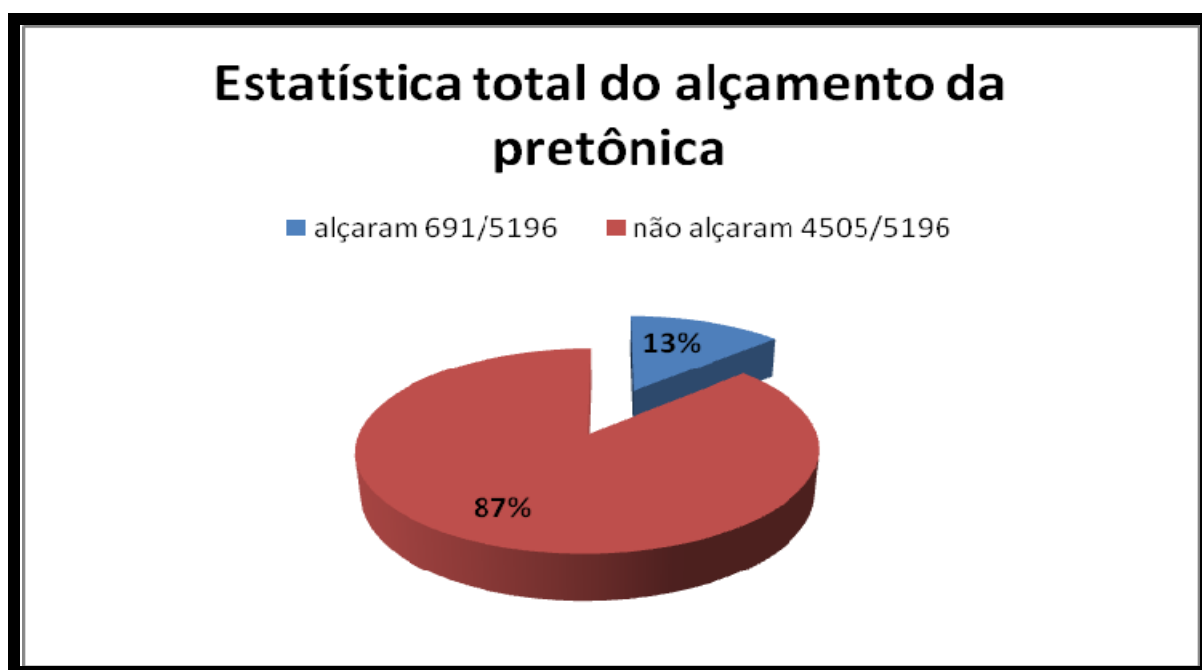


Gráfico 1 – estatística total do Alçamento da pretônica

Como apresentado no gráfico 1, cerca de 13% do total, o que equivale a 691 dados, sofreram o alçamento da pretônica. Neste gráfico, os valores tratam-se de todos os dados em que aparecem /e/ e /o/, independentemente do contexto. Podemos afirmar, a partir do gráfico 1, que ocorre o Alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia. No entanto, vamos apresentar separadamente os valores referentes a cada uma das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, como na tabela a seguir:

Tabela 1**Resultado total do Alçamento das vogais médias pretônicas**

<i>Vogais médias pretônicas</i>	<i>Total de alçamentos/ total de ocorrências</i>	<i>Porcentagem de alçamento</i>
/e/	399/3347	11,9%
/o/	292/1849	15,8%

Na tabela apresentada acima, constatamos a diferença de alçamento entre as pretônicas /e/ e /o/. Dos 3.347 dados com vogal média /e/ na pretônica, 399 alçaram, cerca de 11,9% da amostra. Já com contexto de alçamento de /o/, 292 dados alçaram, de um total de 1.849, o que corresponde a 15,8%. Se compararmos estes resultados com o de outras pesquisas já realizadas, podemos perceber que o fato de a porcentagem do /o/ ser maior que a do /e/ é significativo, pois indica uma tendência maior de alçamento do /o/, como já foi mostrado em outras pesquisas, realizadas em outras regiões do Brasil, a saber: em Bisol (1981) as porcentagens obtidas foram 24% para o /e/ e 36% para o /o/; em Silveira (2008) 13% de alçamento de /e/ e 14% do /o/ e em Schwindt (2002) que aponta 36% de alçamento de /e/ e 42% de alçamento de /o/. Diante disso, podemos afirmar que o Alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia segue a mesma tendência do que ocorre nas demais regiões do Brasil já investigadas.

Com o intuito de explorar os dados que obtivemos, foi necessário que separássemos os dados de /e/ e de /o/ para que analisássemos quais fatores são favorecedores da variação de cada uma destas vogais individualmente, pois os fatores que favorecem o Alçamento poderiam não ser os mesmos para as duas análises. Por isso, fizemos duas rodadas do programa, uma com os dados de /e/ e outra com os de /o/.

A partir destas rodadas, o programa selecionou os fatores relevantes e irrelevantes para a variação em estudo e apresentou-os em ordem de relevância para o alçamento de cada uma das vogais médias, /e/ e /o/. Como irrelevante para o alçamento da pretônica /e/, o programa eliminou apenas uma variável, distância da pretônica com relação à sílaba tônica.

Como favorecedores do Alçamento de /e/, em ordem de relevância apresentada pelo programa GoldVarb, foram selecionados os seguintes fatores: a) altura da vogal da sílaba tônica; b) continuidade/não continuidade da consoante seguinte; c) continuidade/não continuidade da consoante precedente; d) peso silábico da pretônica; e) nasalidade/oralidade da vogal pretônica; f) contexto fonológico precedente: ponto de articulação; g) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação; h) variável extralinguística: sexo; i) variável

extralinguística: anos de escolaridade; j) posição da vogal pretônica na palavra; k) variável extralinguística: idade. Estes fatores, selecionados como relevantes pelo programa, serão analisados um a um na próxima seção deste capítulo, *análise estatística do alçamento da vogal média /e/*.

Em relação ao Alçamento de /o/, os fatores selecionados como relevantes, em ordem selecionada pelo GoldVarb, foram: a) altura da vogal da sílaba tônica; b) posição da vogal pretônica na palavra; c) contexto fonológico precedente: ponto de articulação; d) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação; e) distância da pretônica em relação à sílaba tônica; f) Peso silábico da pretônica; g) variável extralinguística: idade.

Para o Alçamento de /o/ foram excluídos pelo programa os seguintes fatores abaixo: a) continuidade/não continuidade da consoante seguinte; b) continuidade/não continuidade da consoante precedente c) variável extralinguística: sexo d) variável extralinguística: anos de escolaridade e) nasalidade/oralidade da vogal pretônica.

Dessa forma, o Alçamento das vogais médias pretônicas não ocorre por meio da mesma ordem de variáveis e nem todos os fatores selecionados para a vogal /e/ foram selecionados para o /o/. A partir disso, podemos verificar que o fenômeno do alçamento age diferentemente para as vogais médias. Isto será o que visualizaremos a partir das próximas seções, primeiramente analisaremos separadamente o alçamento do /e/ e do /o/ para, em seguida, comparar o comportamento destas vogais em sílaba pretônica.

5.1 – ANÁLISE ESTATÍSTICA DO ALÇAMENTO DA VOGAL MÉDIA /E/

Nesta seção, faremos uma análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo programa GoldVarb como relevantes para o Alçamento da vogal média pretônica /e/.

Os fatores selecionados pelo programa GoldVarb são fornecidos em ordem de relevância do mais importante, para que a variação aconteça, para o menos favorecedor. Diante disso, optamos por colocar as nossas variáveis na ordem de relevância selecionada pelo programa, pois acreditamos que a ordem dada pelo GoldVarb é de fundamental importância para a análise dos fatores.

5.1.1 – ALTURA DA VOGAL DA SÍLABA TÔNICA

Em vários estudos referentes ao Alçamento das vogais médias pretônicas o fator presença de vogal alta em sílaba tônica, ou seguinte à analisada, é apontado como o mais favorecedor para que haja o alçamento, como Bisol (1981); Viegas (1987); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002) e Silveira (2008). Em nossa pesquisa não foi diferente, pois a variável altura da vogal da sílaba tônica foi selecionada como a mais relevante para o alçamento de /e/, como podemos verificar na tabela abaixo:

Tabela 2
Altura da vogal da sílaba tônica

<i>Altura da vogal da sílaba tônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Alta - /i/, /u/</i>	256/741	34,5%	0.88
<i>Médias - /e/, /ε/, /o/, /ɔ/</i>	124/1213	10,2%	0.63
<i>Baixa - /a/</i>	19/1393	1,4%	0.17
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.062

Significance: 0.000

De acordo com a tabela 2, podemos afirmar que o contexto mais favorecedor para o alçamento da pretônica /e/ é a presença de uma vogal alta na sílaba tônica, com 34,5% de frequência e peso relativo 0.88 e, com frequência de 10,2% e peso relativo de 0.63, a presença de vogais médias na sílaba tônica apresentou o segundo maior índice para o alçamento de /e/, palavras como: *fut[i]bol*, *p[i]quena*. Já a presença de vogal baixa, com frequência de 1,4% e peso relativo 0.17, não é favorecedora para o alçamento de /e/.

Como afirma Bisol (1981), a análise desta variável nos leva a considerar que nos vocábulos em que há vogal tônica alta, acontece a regra de Harmonia Vocálica, ou seja, há a assimilação desencadeada pela presença de uma vogal alta seguinte, como nos exemplos: *ap[i]lido*, *m[i]nina*, *ff[i]liz*, *conh[i]cidos*.

Podemos afirmar, no entanto, que esta variável dá suporte para o modelo neogramático, pois o alçamento por meio da regra de Harmonização Vocálica acontece por *processos fonológicos que espalham-se de forma gradual e regular item por item com um resultado final consistente com o que preconizam os neogramáticos (Bisol, 2009:76)*, ou seja, acontece a assimilação de som da vogal alta, que pode se espalhar por todas as vogais pretônicas, por exemplo: *p[i]qu[i]nininho, v[i]stido*.

Sendo assim, na cidade de Uberlândia, a grande maioria dos dados para o alçamento de /e/ sofreram a regra de Harmonização e são representados pelo peso relativo 0.88. Este valor tão expressivo mostra-nos que a presença de uma vogal alta na sílaba tônica é gatilho para o processo de alçamento, que se espraia de forma gradual e regular, com contexto motivado para a aplicação da regra, indo ao encontro da hipótese neogramática.

5.1.2 – CONTINUIDADE/NÃO-CONTINUIDADE DA CONSOANTE SEGUINTE

O modo de articulação continuidade, diz respeito à passagem de ar no trato vocal. Segundo Silva (2005:193),

um som é [+contínuo] quando a constrição principal do trato vocal permite a passagem do ar durante todo o período de sua produção. Um som é [-contínuo] quando durante a sua produção ocorre o bloqueio da passagem da corrente de ar no trato vocal.

A variável continuidade/não continuidade da consoante seguinte foi selecionada como relevante pelo programa GoldVarb para o alçamento de /e/.

Tabela 3
Continuidade/não-continuidade da consoante seguinte

<i>Continuidade/não-continuidade da consoante seguinte</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Contínua</i>	76/1970	3,9%	0.30
<i>Não-contínua</i>	323/1377	23,5%	0.76
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.085

Significance: 0.000

A partir da tabela 3, podemos observar que a presença de consoante não-contínua seguinte à pretônica, com peso relativo de 0.76 e frequência de 23,5%, favorece mais o alçamento de /e/, enquanto que as consoantes contínuas, representadas por um peso relativo de 0.30 e frequência de 3,9%, são desfavorecedoras para o alçamento de /e/. Este fator também se mostrou relevante em outras pesquisas sobre a pretônica /e/, como Bisol (1981).

Na pesquisa de Bisol (1981), as consoantes seguintes que mais favoreceram o alçamento de /e/ foram as velares, com peso relativo entre 0.70 e 0.80, na fala popular e na culta, respectivamente. Estas consoantes, em sua maioria, são não-contínuas e produzidas com o dorso da língua levantado, o que favorece o processo assimilatório da vogal pretônica. Alguns exemplos de alçamento da pretônica seguida de consoante não-contínua são: *al[i]gria*, *p[i]queno*.

5.1.3 – CONTINUIDADE/NÃO-CONTINUIDADE DA CONSOANTE PRECEDENTE

Assim como a presença de consoante não-contínua seguinte à pretônica favorece o alçamento de /e/, se tivermos um contexto precedente à vogal analisada constituído de consoante não-contínua, teremos, também, a tendência para o alçamento.

Tabela 4
Continuidade/não-continuidade da consoante precedente

<i>Continuidade/não-continuidade da consoante precedente</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Contínua</i>	82/1249	6,6%	0.39
<i>Não-contínua</i>	316/1874	16,9%	0.65
<i>Pausa</i>	1/224	0,4%	0.04
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.096

Significance: 0.000

Com base na tabela 4, consoante não-contínua precedente à vogal pretônica é mais favorecedora do que consoante contínua ou quando não possuímos consoante alguma antes da vogal. Exemplos como, *p[i]quena*, *d[i]slize*, *p[i]rigoso*, *m[i]nino*, representam casos de alçamento de /e/ de nossa pesquisa que fazem parte dos 16,9% de ocorrências de alçamento de /e/ com consoante não-contínua precedente, o que equivale a um peso relativo de 0.65. Já a presença de consoante contínua precedente à vogal, corresponde a um peso relativo de 0.39 e a pausa o equivalente a 0.04 de peso relativo, valores desfavorecedores para o alçamento de /e/.

Da mesma forma que para o fator *Continuidade/não continuidade da consoante seguinte*, acreditamos que a presença de consoante não-contínua precedente à vogal média pretônica favorece o alçamento de /e/, pois estas consoantes são produzidas com o dorso da língua levantado aproximando-se do processo assimilatório da vogal pretônica, o que explica o fato de consoantes não-contínuas antecedentes às vogais pretônicas favorecerem o alçamento.

5.1.4 – PESO SILÁBICO DA PRETÔNICA

No PB temos a estrutura silábica constituída de duas formas: sílabas leves e sílabas pesadas. As sílabas leves são compostas obrigatoriamente por uma vogal,

independentemente, se há ou não consoante no início da sílaba, por exemplo, bonito, feliz . As sílabas pesadas são preenchidas obrigatoriamente por uma vogal e, pelo menos, uma consoante ou uma semi vogal após esta vogal, também não importa se há ou não consoante no início da sílaba, como nos exemplos: sentido, mosquito.

A variável peso silábico da pretônica também foi considerada favorecedora para o alçamento de /e/ pelo programa GoldVarb, como podemos observar na tabela 5:

Tabela 5
Peso silábico da pretônica

<i>Peso silábico da pretônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Sílaba leve</i>	348/2370	14,7%	0.58
<i>Sílaba pesada</i>	51/977	5,2%	0.30
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.110

Significance: 0.000

Na tabela apresentada acima, palavras com a pretônica alçada em sílaba leve obtiveram 14,7% das ocorrências, o que significa um peso relativo de 0.58, enquanto que palavras com a pretônica alçada em sílaba pesada correspondem a apenas 5,2% dos dados e peso relativo de 0.30, o que nos mostra que as sílabas pesadas não são favorecedoras para o fenômeno em estudo no falar uberlandense.

Em outros estudos referentes às vogais pretônicas, nem todos os valores obtidos foram semelhantes aos nossos. Viegas (1987), por exemplo, afirmou que no falar de Belo Horizonte a sílaba pesada constituída por fricativa foi favorecedora do alçamento de /e/, enquanto que sílaba travada por nasal ou sílaba aberta ficaram abaixo do ponto neutro, desfavorecendo o alçamento de /e/.

Já Silveira (2008) apontou, em sua análise, para a sílaba leve ser mais favorecedora do alçamento, com peso relativo de 0.69, no falar de São José do Rio Preto. Este valor, no entanto, aproxima significativamente do encontrado por nós em Uberlândia e confirma nossa hipótese de que sílaba leve pode alçar mais do que vogais pretônicas em sílabas pesadas. Além disso, nos permite supor, momentaneamente, que o Alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia está mais próximo de São José do Rio Preto, do que de Belo

Horizonte. Como exemplos de alçamento com a pretônica em sílaba leve encontramos: *s[i]guinte, int[i]ligente, b[i]ringela*.

5.1.5 – NASALIDADE/ORALIDADE DA VOGAL PRETÔNICA

De acordo com Schwindt (2002), a nasalidade provoca uma mudança de timbre da vogal e por isso pode favorecer o alçamento. Este fator foi selecionado como relevante pelo programa GoldVarb, como pode ser visto na tabela 6:

Tabela 6
Nasalidade/oralidade da vogal pretônica

<i>Nasalidade/oralidade da vogal pretônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Nasal</i>	120/345	34,8%	0.81
<i>Oral</i>	279/3002	9,3%	0.45
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.108

Significance: 0.000

Conforme a tabela 6, a nasalidade da vogal pretônica é favorecedora do alçamento de /e/, com peso relativo de 0.81, enquanto que as vogais orais não são favorecedoras e encontram-se com peso relativo abaixo do ponto neutro, 0.45. Assim como em nosso estudo, em pesquisas de Bisol (1981), Viegas (1987) e Silveira (2008), a nasalidade também se mostrou favorecedora do alçamento de /e/.

Bisol (1981) afirma que o Alçamento da pretônica com nasal na mesma sílaba acontece, pois a vogal [e] nasalizada aproxima da área acústica de [i], assim o elemento nasal atua no sentido de favorecer o Alçamento da vogal pretônica /e/. Em nossa pesquisa o mesmo acontece quanto à nasalização da pretônica /e/, como nos exemplos retirados de nosso *corpus*: *m[i]ntira, s[i]ntido, des[i]mprego*.

5.1.6 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE: PONTO DE ARTICULAÇÃO

Como sexto fator relevante para o alçamento de /e/, foi selecionado a variável contexto fonológico precedente: ponto de articulação. Esta variável poderá nos apresentar resultados das motivações para a ocorrência do alçamento da vogal pretônica, como afirma Schwindt (2002:166). A tabela a seguir apresenta os valores referentes a esta variável.

Tabela 7
Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

<i>Contexto fonológico precedente: ponto</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Labial</i>	277/1591	17,4%	0.66
<i>Coronal</i>	102/1189	8,6%	0.46
<i>Dorsal</i>	19/342	5,6%	0.35
<i>Pausa</i>	1/225	0,4%	0.04
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.097

Significance: 0.000

A partir da tabela 7, verificamos que a vogal pretônica /e/ precedida por consoante labial apresenta maior frequência e peso relativo, 17,4% e 0.66, respectivamente. Estes valores indicam que há uma maior tendência ao alçamento quando a consoante precedente é uma labial, como nos exemplos: *m[i]nina*, *ff[i]liz*, *ap[i]lido*, *v[i]stido*. Os outros pontos de articulação, coronal e dorsal, não foram considerados relevantes e estão abaixo do ponto neutro, assim como o contexto com pausa.

Bisol (1981), Schwindt (2002) não obtiveram os mesmos resultados que nossa pesquisa. Nos estudos de Bisol (1981) a velar /k/, dorsal, foi a mais favorecedora para o alçamento de /e/, com peso relativo entre 0.90 e 0.65 e em Schwindt (2002) as velares, (dorsais) e as alveolares sibilantes (coronais) foram as mais favorecedoras para o alçamento de /e/, ambas com peso relativo de 0.57.

Assim como para nossa pesquisa, em Silveira (2008), as mais favorecedoras para o alçamento de /e/ foram as labiais, com peso relativo de 0.74. Concordamos com Silveira (2008:97) quando a autora afirma que o alçamento de /e/ não

acontece por influência do ponto de articulação labial da consoante, mas, sim, pela atuação de outros fatores estruturais como a presença de vogal tônica alta seguinte. Isso significa dizer que nesse tipo de ocorrência, o alçamento parece ser melhor explicado pelo fenômeno de harmonização vocálica.

Assim, vocábulos como m[i]nina, f[i]liz, ap[i]lido, v[i]stido, devem ser explicados por Harmonização Vocálica, Assimilação da vogal alta seguinte, e não pelo ponto de articulação da consoante precedente. Os valores encontrados por nós, referentes ao ponto de articulação precedente à vogal analisada, nos aproxima mais uma vez do que acontece em São José do Rio Preto, o que nos leva a crer que o fenômeno do alçamento em Uberlândia parece estar mais próximo do interior paulista do que da capital mineira.

5.1.7 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE: PONTO DE ARTICULAÇÃO

Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação foi o sétimo fator mais relevante para o alçamento de /e/. Esta variável traz muita informação em relação ao alçamento. De acordo com Schwindt (2002:167), a Harmonização Vocálica se dá pelo espriamento de traços sobre este contexto. Na tabela 8, os números referentes a esta variável:

Tabela 8**Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação**

<i>Contexto fonológico seguinte: ponto</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Labial</i>	32/544	5,9%	0.33
<i>Coronal</i>	252/2392	10,5%	0.48
<i>Dorsal</i>	115/411	28,0%	0.75
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.110

Significance: 0.000

Diante das estatísticas acima, podemos observar que a presença de dorsal no contexto fonológico seguinte é mais favorável para o Alçamento de /e/, com 28,0% de ocorrências e 0.75 de peso relativo, como nas palavras: *p[i]queno*, *v[i]rruga*, *pr[i]guiça*. Já as coronais e labiais não foram consideradas favorecedoras ao Alçamento de /e/ e possuem peso relativo abaixo do ponto neutro, 0.48 e 0.33, respectivamente.

Os valores encontrados, para esta variável, em nossa pesquisa, coincidem com os de Bisol (1981), Schwindt (2002), Silveira (2008). Tanto na fala popular quanto na culta, no Sul, Bisol (1981) obteve como resultado a presença de consoante velar (dorsal) seguinte como favorecedora do alçamento de /e/ com peso relativo de 0.70 e 0.80. Schwindt (2002) obteve peso relativo de 0.67 para a presença de consoante velar após a vogal pretônica /e/ alçada.

Silveira (2008) evidenciou que no falar de São José do Rio Preto a presença de consoante velar, além de ser favorecedora para o alçamento de /e/, possui peso relativo considerado categórico, 0.99. Concordamos com Silveira (2008:101) no sentido de que a presença de consoante seguinte dorsal, que é representada como uma consoante alta, a aproxima das vogais altas, o que favorece o alçamento da pretônica /e/ a aproximando de [i] pelo traço de altura.

5.1.8 – POSIÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA NA PALAVRA

A última variável linguística selecionada pelo GoldVarb como relevante para a variação da pretônica /e/ foi a posição da vogal pretônica na palavra. Como visto, Callou & Leite (1956) e Schwindt (2002) definiram como categórico para alçamento o contexto de pretônica /e/ inicial da palavra seguida de *N* ou *S*. Desta forma, faz-se necessário analisar os outros contextos em que a vogal pretônica /e/ se localiza no início da palavra, como verificamos na tabela 9:

Tabela 9
Posição da vogal pretônica na palavra

<i>Posição da vogal pretônica na palavra</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Sílaba inicial</i>	323/2087	15,5%	0.59
<i>Sílaba não inicial</i>	76/1260	6,0%	0.34
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.110

Significance: 0.000

Com 15,5% de ocorrências e 0.59 de peso relativo, o contexto favorecedor para o alçamento de /e/ foi a pretônica em sílaba inicial, como nos exemplos: *s[i]guro*, *pr[i]guiça*, *s[i]gundinhos*. O contexto sílaba não inicial, com peso relativo abaixo do neutro, 0.34, não foi considerado relevante para o alçamento de /e/. Nos estudos que nortearam nossa pesquisa, como Bisol(1981), Viegas (1987), Silveira (2008), este fator não foi considerado para a análise do alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Mesmo que a variável *posição da vogal pretônica na palavra* tenha sido avaliada pelo programa GoldVarb como relevante, esta não se fez de forma tão significativa. No entanto, ao analisarmos nossos dados percebemos que os vocábulos cuja vogal pretônica alçada está em sílaba inicial são todas palavras com vogal alta seguinte à analisada. Neste sentido, acreditamos que o que realmente favorece o alçamento é a presença de vogal alta no vocábulo e não o fato da sílaba analisada ser inicial ou não inicial.

5.1.9 – VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA: SEXO

Com o objetivo de averiguar a hipótese de que a variável sexo interfira no alçamento de /e/, esta foi incluída neste estudo e, após a rodada no programa GoldVarb, constatamos que este fator é realmente relevante para a variação da vogal pretônica /e/.

Tabela 10
Variável extralinguística: sexo

<i>Variável extralinguística: sexo</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Feminino</i>	224/1433	15,6%	0.58
<i>Masculino</i>	175/1914	9,1%	0.43
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.116

Significance: 0.000

O sexo feminino utilizou com maior frequência a forma alçada da vogal pretônica /e/, 15,6%, o que corresponde a um peso relativo de 0.58. Já o sexo masculino utilizou com menor frequência o alçamento de /e/, com 9,1% de ocorrências, cujo valor corresponde ao peso relativo de 0.43, valor abaixo do ponto neutro.

Para esta variável não foram encontrados resultados que a tenham selecionado em vários trabalhos, como Bisol (1981), Callou, Leite e Coutinho (1991) e Silveira (2008). Em seu estudo sobre as vogais pretônicas, Viegas (1987) averiguou que, no falar de Belo Horizonte, os homens alçam mais do que as mulheres, o que é oposto ao encontrado em Uberlândia. Já Schwindt (2002) afirma que em Porto Alegre a variável sexo não é indicadora da variação, apesar do programa tê-la selecionado, pois seus valores foram muito próximos do ponto neutro, 0.48 para o sexo masculino e 0.53 para o feminino.

Paiva (2007:40) afirma que as mulheres tendem a ser mais conservadoras quanto às formas linguísticas socialmente prestigiadas, mas como vimos acima não é o que acontece em Uberlândia quanto ao alçamento de /e/. Constatamos, em nosso estudo, que os homens são mais conservadores do que as mulheres em relação ao alçamento da pretônica /e/, fato que nos

permite afirmar que o alçamento da pretônica /e/ não é um fenômeno variável estigmatizado nesta cidade.

5.1.10 – VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA: ANOS DE ESCOLARIDADE

O menor grau de escolaridade de um falante pode ser favorecedor à variação, já que uma pessoa menos escolarizada não possui total acesso às normas impostas, pois é na escola que se cobra o uso da norma culta. Sendo assim, espera-se que haja uma maior tendência ao alçamento da pretônica realizado por falantes menos escolarizados, hipótese confirmada pelos nossos dados, como mostra a tabela 11, a seguir:

Tabela 11
Variável extralinguística: anos de escolaridade

<i>Variável extralinguística: anos de escolaridade</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>0 a 11 anos</i>	209/1349	15,5%	0.58
<i>12 anos ou mais</i>	190/1998	9,5%	0.44
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.116

Significance: 0.000

Os informantes com 12 ou mais anos de escolaridade apresentaram 9,5% de ocorrências de alçamento de /e/, o que corresponde a um peso relativo de 0.44. Já os informantes entre 0 e 11 anos de escolaridade se mostraram mais propícios ao alçamento, 15,5%, o que equivale a 0.58 de peso relativo. Com estes valores podemos constatar que se o informante é mais escolarizado é, também, mais conservador em relação à aplicação da regra inovadora, ou seja, realiza menos o alçamento da vogal pretônica /e/.

Estes valores, no entanto, comprovam o que dizem os autores variacionistas, como Labov (2008) e Tarallo (2000). De acordo com eles, quanto mais acesso à escola o indivíduo tiver, mais preservador de estruturas ele será, já que mantém maior contato com a língua escrita e acaba por utilizá-la na fala.

5.1.11 - VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA: IDADE

Trabalhos, como Viegas (1987), apontam a variável idade como favorecedora do alçamento da vogal média pretônica /e/, sendo os mais jovens os mais favorecedores desta variação. Naro (2007) também afirma que os adultos dão preferência às formas mais antigas enquanto que os mais jovens são receptivos às novidades, o que os tornam mais passíveis à variação.

Com o intuito de atestar estas afirmações, observamos o comportamento de falantes de três faixas etárias na cidade de Uberlândia. Para tanto, como última variável selecionada pelo programa GoldVarb tivemos o fator idade do informante. Vejamos a tabela 12:

Tabela 12
Variável extralinguística: idade

<i>Variável extralinguística: idade</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>15 a 25 anos</i>	111/1017	10,9%	0.47
<i>26 a 49 anos</i>	151/1231	12,3%	0.50
<i>50 anos ou mais</i>	137/1099	12,5%	0.51
<i>Total</i>	399/3347	11,9%	

Input: 0.116

Significance: 0.487

Apesar de a variável idade ter sido selecionada pelo programa, não podemos considerá-la favorecedora ou desfavorecedora para o alçamento de /e/, pois os valores referentes às três faixas etárias analisadas estão muito próximos do ponto neutro, 0.51 para a faixa etária de 50 anos ou mais; 0.50 para 26 a 49 anos e 0.47 para 15 a 25 anos.

A partir da análise desta variedade, podemos afirmar, então, que estamos diante de uma variação estável, ou seja, a idade do falante não interfere no alçamento da vogal pretônica /e/, pois os falantes de todas as faixas etárias realizaram o alçamento de forma regular se compararmos os valores encontrados na tabela 12, em que os pesos relativos

encontram-se muito próximos um do outro e também do ponto neutro. Fato semelhante acontece no Rio Grande do Sul e é mostrado por Schwindt (2002).

5.2 – ANÁLISE ESTATÍSTICA DO ALÇAMENTO DA VOGAL MÉDIA /O/

Nesta seção, analisaremos qualitativamente os fatores considerados relevantes pelo programa GoldVarb para o Alçamento da vogal média pretônica /o/, com o objetivo, assim como foi para a variação de /e/, de conhecermos os fatores que motivam esse fenômeno.

5.2.1 – ALTURA DA VOGAL DA SÍLABA TÔNICA

Assim como para o alçamento de /e/, para o alçamento da pretônica /o/ a variável mais relevante selecionado pelo programa GoldVarb foi a altura da vogal da sílaba tônica. Mais uma vez, essa variável mostrou-se importante para que entendamos o Alçamento da vogal média pretônica na cidade de Uberlândia. Os valores relativos à vogal /o/ estão na tabela a seguir:

Tabela 13
Altura da vogal da sílaba tônica

<i>Altura da vogal da sílaba tônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Alta - /i/, /u/</i>	216/559	38,6%	0.84
<i>Médias - /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/</i>	48/572	8,4%	0.43
<i>Baixa - /a/</i>	28/718	3,9%	0.25
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.107

Significance: 0.000

De acordo com a tabela 13, a presença de vogal alta na sílaba tônica é o contexto mais favorecedor do alçamento de /o/, o que está representado por 38,6% das ocorrências e peso relativo 0.84. Já as vogais médias e as baixas são desfavorecedoras do alçamento e possuem peso relativo abaixo do ponto neutro: 0.43 e 0.25, respectivamente.

Exemplos como *b[u]nito*, *c[u]mida*, *d[u]mingo*, *m[u]tivo*, também ilustram o que é defendido por Silveira (2008), que obteve peso relativo de 0.91, para a presença da vogal alta /i/ na sílaba tônica, e 0.85, para a presença da vogal alta /u/, ambos os valores muito favorecedores do alçamento de /o/.

O mesmo acontece em Bisol (1981). Segundo a autora, as vogais /u/ e /i/ são extremamente favorecedoras do alçamento de /o/, com peso relativo de 0.61 para o falar popular e 0.66 para o falar culto. De acordo com Bisol (1981), neste contexto acontece a Harmonização Vocálica, pois a vogal pretônica /o/ assimila o traço de abertura da vogal seguinte alta. Casos como esses, consideramos como pertencentes ao modelo neogramático, já que a variação acontece no som e não no léxico e atinge a todas as palavras com este ambiente.

Assim como para o alçamento de /e/, também para o alçamento de /o/, a grande maioria dos dados sofreram o processo de Harmonia Vocálica, o que corrobora os resultados e análises de Bisol (2009), segundo a qual o processo de alçamento espalha-se de forma gradual e regular e a variação acontece no som e não no léxico, podendo espalhar-se por todas as vogais médias pretônicas, por exemplo: *[u]p[u]rtunidade*, *g[u]rduroso*. Nossos resultados, com peso relativo de 0.85, demonstram claramente a tendência ao alçamento vocálico pretônico, motivado pelo contexto de alçamento em que uma vogal alta encontra-se em sílaba tônica, indo ao encontro da hipótese neogramática.

Este fato ilustra a hipótese neogramática, explicando como ocorre o processo da regra de Harmonização.

5.2.2 – POSIÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA NA PALAVRA

A segunda variável linguística selecionada pelo GoldVarb como relevante para a variação da pretônica /o/ foi a posição da vogal pretônica na palavra. Veremos, com esta variável, se a posição da vogal pretônica na palavra favorece o alçamento de /o/.

Tabela 14**Posição da vogal pretônica na palavra**

<i>Posição da vogal pretônica na palavra</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Sílaba inicial</i>	280/1433	19,5%	0.61
<i>Sílaba não inicial</i>	12/416	2,9%	0.16
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.110

Significance: 0.000

Podemos observar na tabela 14 que o fato de a pretônica estar em sílaba inicial é muito favorecedor para o alçamento de /o/, por exemplo, palavras como *c[u]meço*, *g[u]rduroso*, *ff[u]lia*. Obtivemos, por meio do programa GoldVarb, os seguintes valores: 19,5% de frequência de alçamento de /o/ em sílaba inicial, o que corresponde a 0.61 de peso relativo; e 2,9% de frequência e peso relativo de 0.16 para o alçamento de /o/ em sílaba não inicial, o que é desfavorecedor para o alçamento da pretônica /o/.

Como já foi mencionado na análise da variável /e/, este fator não foi considerado em pesquisas que respaldaram nosso trabalho, como Bisol (1981), Viegas (1987), Schwindt (2002), Silveira (2008). No entanto, em nossa pesquisa acreditamos que o fato de a pretônica /o/ estar em sílaba inicial ou não inicial não é o fator que mais favorece o alçamento. As palavras que encontramos em nosso *corpus* são vocábulos que ora atendem à regra de Harmonia Vocálica e ora ao contexto fonológico precedente e seguinte à vogal analisada. Diante disso, tudo nos leva a crer que esta variável não é o gatilho para a variação.

5.2.3 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE: PONTO DE ARTICULAÇÃO

Contexto fonológico precedente: ponto de articulação foi a terceira variável selecionada pelo GoldVarb como relevante para o Alçamento de /o/. Assim como para o alçamento de /e/, esta variável poderá nos apresentar resultados das motivações para a ocorrência da variação de /o/. Na tabela 15, verificamos os valores referentes a esta variável:

Tabela 15
Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

<i>Contexto fonológico precedente: ponto de articulação</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Labial</i>	134/772	17,4%	0.56
<i>Coronal</i>	41/429	9,6%	0.39
<i>Dorsal</i>	115/524	21,9%	0.63
<i>Pausa</i>	2/124	1,6%	0.09
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.141

Significance: 0.000

A partir da tabela acima, podemos observar que o contexto mais favorecedor, com 21,9% e peso relativo 0.63, foi a presença de uma consoante dorsal precedente à vogal pretônica /o/, como, por exemplo, *c[u]zinha*, *g[u]rduroso*. A existência de uma labial precedente a pretônica /o/ também se mostrou favorecedora ao alçamento, com peso relativo 0.56 e 17,4% de frequência. Já as coronais precedentes ou contextos sem consoante no *onset* da sílaba não foram favorecedoras para o alçamento de /o/ e são representadas pelos seguintes pesos relativos, respectivamente, 0.39 e 0.09.

Nossos resultados não foram semelhantes aos de Bisol (1981). A partir de seus estudos, a autora afirma que a presença de consoantes labiais precedendo a vogal pretônica /o/ é o contexto mais favorecedor do alçamento. Acreditamos que nossa pesquisa não teve valores semelhantes, pelo fato da grande quantidade de repetições de algumas palavras com a consoante dorsal precedendo a vogal, por exemplo: *c[u]nhecido*, *c[u]nversa*.

No entanto, vale ressaltar que em Silveira (2008) os resultados caminharam no mesmo sentido do que encontramos em Uberlândia. Com peso relativo de 0.64 a presença de consoante precedente velar (dorsal) foi selecionada como mais favorecedora do alçamento de /o/ seguida da consoante labial, com peso relativo de 0.63. Novamente o Alçamento da vogal pretônica caminha ao encontro da variação realizada em São José do Rio Preto, o que nos faz crer que o fenômeno em Uberlândia está mais próximo do interior paulista do que de Belo Horizonte.

5.2.4 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE: PONTO DE ARTICULAÇÃO

Na tabela 16, observaremos os resultados fornecidos pelo GoldVarb para a variável contexto fonológico seguinte: ponto de articulação. Segundo Schwindt (2002:167), a Harmonização Vocálica se dá pelo espriamento de traços sobre este contexto. Sendo assim, esta variável traz muita informação em relação ao alçamento.

Tabela 16

Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

<i>Contexto fonológico seguinte: ponto</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Labial</i>	116/749	15,5%	0.50
<i>Coronal</i>	167/936	17,8%	0.54
<i>Dorsal</i>	9/164	5,5%	0.24
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.153

Significance: 0.000

Analisando a tabela 16, percebemos que os valores obtidos para as variáveis são muito próximos do ponto neutro: 0.54 para a presença de consoante seguinte coronal (*b[u]nita*, *m[u]tivo*); 0.50 para a presença de consoante seguinte labial (*ff[u]lia*, *d[u]mingo*) e 0.24 para a presença de dorsal como consoante seguinte à pretônica /o/ (*c[u]rrida*, *ff[u]gão*).

Apesar de termos um pequeno favorecimento na aplicação da regra de alçamento quando há uma consoante coronal após a vogal, os números muito próximos ao ponto neutro não nos autoriza a realizar conclusões sobre a influência de consoantes seguintes para o alçamento de /o/ na cidade de Uberlândia.

Já em relação às consoantes dorsais, observamos, com este resultado, que o contexto não é favorecedor à variação, porém palavras como *c[u]rrida* e *ff[u]gão* alçam com muita frequência na região em estudo, o que nos leva a acreditar que, neste caso, o alçamento vai ao encontro da hipótese difusionista, já que o contexto não favorece o alçamento, mas estas palavras são alçadas por sua frequência de uso.

Em alguns dos estudos que norteiam nossa pesquisa, as coronais também foram selecionadas como favorecedoras seguidas das labiais. Em Bisol (1981), as palatais (coronais) foram as mais favorecedoras para o alçamento de /o/, com peso relativo de 0.58 e 0.73 (falar culto e falar popular), e as labiais com peso de 0.53 e 0.68. Viegas (1987) também encontrou, em sua pesquisa, consoante palatal seguinte à pretônica /o/ como contexto mais favorecedor para o alçamento, com peso relativo de 0.71 e, em seguida, apesar de abaixo do ponto neutro, ficaram as labiais, com peso relativo de 0.45.

Silveira (2008) também constatou em sua pesquisa que, no interior paulista, as palatais seguidas das labiais são as mais favorecedoras do alçamento quando estão após a vogal pretônica /o/. Os valores encontrados pela autora foram: 0.70 para as palatais e 0.59 para as labiais.

5.2.5 – DISTÂNCIA DA PRETÔNICA EM RELAÇÃO À SÍLABA TÔNICA

A quinta variável selecionada pelo GoldVarb como relevante para o alçamento de /o/ foi distância da pretônica em relação à sílaba tônica. Segundo Bisol (1981), maior será a chance de espraçamento, à medida que mais próxima a vogal pretônica estiver da sílaba tônica.

Este fator não foi selecionado para o alçamento de /e/, apenas para a pretônica /o/, o que nos mostra que não são os mesmos fatores que agem no processo de Alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. A seguir, os dados estatísticos para esta variável:

Tabela 17**Distância da pretônica em relação à sílaba tônica**

<i>Distância da pretônica em relação à sílaba tônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Distância 0</i>	234/1145	20,4%	0.60
<i>Distância 1</i>	43/445	9,7%	0.38
<i>Distância 2 ou mais</i>	15/244	5,8%	0.26
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.146

Significance: 0.000

Com 20,4% de ocorrências e 0.60 de peso relativo, a distância mais favorecedora para o alçamento de /o/ foi a distância zero, ou seja, a sílaba imediatamente seguida pela tônica, por exemplo: *m[u]leque*, *p[u]ssível*, *harm[u]nia*. Os demais contextos, distância 1 e distância 2 ou mais, não são favorecedores para o alçamento de /o/ e possuem pesos relativos abaixo do neutro, 0.38 e 0.26, respectivamente.

Com estes resultados de nossa pesquisa, concordamos com Bisol (1981), quando a autora diz que quanto mais próxima da sílaba tônica a vogal estiver, mais chances de ser alçada a vogal terá e se for vogal tônica alta acontece o processo de Harmonia Vocálica.

5.2.6 – PESO SILÁBICO DA PRETÔNICA

Como já discutido na anteriormente, na variação de palavras do PB, o peso da sílaba pretônica pode ser favorecedor ao modo de pronúncia. Palavras cuja sílaba possui consoante ou glide após a vogal são pesadas e palavras terminadas em vogal átona são leves. A sexta variável selecionada, e último fator linguístico, foi peso silábico da pretônica. Na tabela 18, observamos os resultados encontrados:

Tabela 18
Peso silábico da pretônica

<i>Peso silábico da pretônica</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>Sílaba leve</i>	253/1310	19,3%	0.58
<i>Sílaba pesada</i>	39/539	7,2%	0.31
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.147

Significance: 0.000

Assim como para o alçamento da pretônica /e/, o contexto sílaba leve foi selecionado como o mais favorecedor para o alçamento de /o/ com 19,3% de ocorrências e 0.58 de peso relativo. São exemplos deste contexto palavras como: *n[u]tícia*, *c[u]meço*, *s[u]frido*. O contexto sílaba pesada foi selecionado como desfavorecedor ao alçamento de /o/, com peso relativo abaixo do ponto neutro 0.31.

Em Viegas (1987) e Silveira (2008), o fator sílaba leve foi o mais favorecedor. O peso relativo na pesquisa de Viegas (1987) foi 0.70 e em Silveira (2008) 0.69.

Os valores encontrados em nossa pesquisa e em Viegas (1987) e Silveira (2008) evidenciam que sílabas pesadas, com consoante depois da vogal pretônica, não favorecem o alçamento de /o/, pois desfavorece o processo de assimilação.

5.2.7 – VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA: IDADE

De acordo com Naro (2007), os adultos são mais conservadores de formas mais antigas enquanto que os mais jovens são receptivos às novidades, o que os tornam mais passíveis à variação.

Com esta variável, nosso intuito é atestar se para o alçamento de /o/ a variável idade é favorecedora. Vejamos a tabela 19:

Tabela 19**Variável extralinguística: idade**

<i>Variável extralinguística: idade</i>	<i>Total de alçamento da pretônica</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso relativo</i>
<i>15 a 25 anos</i>	76/560	13,6%	0.46
<i>26 a 49 anos</i>	99/706	14,0%	0.46
<i>50 anos ou mais</i>	117/583	20,1%	0.57
<i>Total</i>	292/1849	15,8%	

Input: 0.156

Significance: 0.006

Podemos perceber que há o favorecimento para o fato de os mais velhos alçarem mais que os jovens, porém, por termos pesos relativos muito próximos ao ponto neutro, não podemos afirmar que a idade seja realmente favorecedora do alçamento da pretônica /o/.

O mesmo acontece na pesquisa realizada por Schwindt (2002) que obteve peso relativo 0.52 para falantes de 50 anos ou mais e 0.47 para falantes com menos de 50 anos. Em Viegas (1987) também encontramos valores neutros, 0.50 para os falantes jovens e 0.50 para os mais velhos.

5.3 – CONCLUSÃO SOBRE O ALÇAMENTO DE /E/ E /O/ NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

A partir das análises acima, do alçamento de /e/ e de /o/, podemos perceber que a variável mais favorecedora para o alçamento de ambas as vogais médias é o fato de ter uma vogal alta na sílaba tônica. Como referimos, Bisol (1981) caracteriza este processo como uma regra de Harmonia Vocálica atuando no vocábulo e, vale ressaltar, que esta regra pode atuar em todas as vogais pretônicas da palavra, como em *c[u]nh[i]cido*, porém sem saltar nenhuma das vogais pretônicas.

Além disso, Bisol (1981) afirma que para que ocorra a Harmonização Vocálica, o contexto necessário é sempre uma vogal média imediatamente seguida de uma vogal alta,

como em *b[u]nito*, *m[u]tivo*, *v[i]rruga*, *f[i]Liz*, e que este é um processo neogramático, pois a presença de uma vogal alta seguinte a vogal pretônica engatilha o alçamento, que ocorre somente no fonema e não em toda a palavra, alterando apenas a qualidade da vogal média pretônica que assimila o traço de altura da vogal alta.

No entanto, há palavras com contexto para a aplicação da regra de Harmonização Vocálica, mas que ora alçam e ora não alçam, como *f[o]lia* ~ *f[u]lia*, *f[e]Liz* ~ *f[i]liz*. Nestes casos há aspectos difusionistas relacionados ao alçamento da vogal média pretônica, pois o contexto fonético é irrelevante como controlador do alçamento, já que há a oscilação na aplicação da regra de Harmonia Vocálica.

Para os casos de alçamento sem contexto para a aplicação da regra de Harmonização Vocálica, Bisol (2009:79) diz que este alçamento acontece sem motivação aparente, como em *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhor*, *p[i]quena*. Segundo a autora (BISOL, 2009:79), este processo acontece porque *os traços da média pretônica são desligados e preenchidos por default por uma vogal alta*. Dados como estes, encontrados em nossa pesquisa, também têm aspectos difusionistas, pois o alçamento acontece sem que tenha motivação fonética.

Sendo assim, consideramos que o fenômeno estudado em Uberlândia é condicionado por meio de aspectos difusionistas e neogramáticos. Neogramáticos porque há ocorrência de alçamento da pretônica por meio de fatores fonéticos que levam uma palavra a sempre ser alçada, como *b[u]nito*, *m[i]nino*. Difusionista, pois há a oscilação de alçamento e não alçamento em algumas palavras, por exemplo, *s[e]nhor* ~ *s[i]nhor*, *f[o]lia* ~ *f[u]lia*. Isto mostra que a variação ocorre, em casos como estes, na palavra inteira e não apenas no fonema, segundo Oliveira (1992). Isto por ser considerado que o falante possui duas formas subjacentes, fato que nos leva a considerar o Alçamento das vogais médias pretônicas como um fenômeno não estigmatizado na cidade de Uberlândia, já que o falante utiliza a forma alçada e a não alçada no decorrer de sua fala sem se preocupar em utilizar uma forma ou outra.

Assim, percebendo que a grande maioria de nossos dados são casos em que ocorre a Harmonia Vocálica, explicaremos no próximo capítulo como esta regra atua por meio da Geometria de Traços, modelo teórico da Fonologia Autossegmental, proposto por Clements e Hume (1995) e também ilustraremos como acontece o alçamento sem motivação aparente de acordo com o proposto por Bisol (2009).

CAPÍTULO 6

REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DO ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS

Neste capítulo apresentaremos uma breve análise sobre o Alçamento das vogais médias pretônicas em contexto que a regra de Harmonia Vocálica possa atuar e também o alçamento sem motivação aparente. Nosso objetivo é submeter alguns de nossos dados ao modelo da Geometria de Traços, proposto por Clements e Hume (1995).

A Fonologia Autossegmental fornece embasamento para que enxerguemos a regra acontecendo dentro da palavra por meio dos traços distintivos. A partir da Geometria de Traços, podemos segmentar os processos fonológicos de partes de sons da língua, o que não implica, necessariamente, no apagamento e desaparecimento de todo o segmento, mas sim o espraçamento de traços de sons próximos, como o que acontece com palavras em que ocorre a Harmonia Vocálica. Assim, a regra de Harmonia Vocálica pode ser melhor compreendida por meio da aplicação arbórea da Geometria de Traços Fonológicos, pois, assim, visualizaremos como a regra atua no processo de alçamento.

6.1 – REPRESENTAÇÃO DA HARMONIA VOCÁLICA

Nesta seção, nosso objetivo é analisar o processo de alçamento das vogais médias pretônicas, em que acontece a regra de Harmonia Vocálica, por meio da Geometria de Traços. Como já dissemos em seções anteriores, a Harmonia Vocálica é uma regra fonológica que atua quando uma vogal média assimila o traço de uma vogal alta que se encontra próxima àquela, como nos vocábulos *apelido* e *motivo*, que se transformam em *ap[i]lido* e *m[u]tivo*.

O modelo teórico que utilizamos, a Geometria de Traços, proposta por Clements e Hume (1995), faz parte da Fonologia Autossegmental. Esta vertente não mais trata o segmento como uma unidade em sua totalidade como era nos modelos lineares, mas sim como um autossegmento que possui uma estrutura interna. Esta estrutura interna, no entanto, pode sofrer processos fonológicos sem que estes atinjam todo o segmento e sim apenas algum traço pertencente a ele, seja por desligamento de linhas de associação ou espraçamento de traços.

Clements e Hume (1995) afirmam ainda que os traços são organizados hierarquicamente em uma estrutura arbórea e podem sofrer processos fonológicos sozinhos ou em conjunto com outros traços do mesmo segmento, desde que estejam arranjados em um mesmo nó de classe para que o princípio, *as regras fonológicas constituem uma única operação* (MATZENAUER, 2005:49), do modelo da Geometria de Traços, não seja violado. Diante disso, analisamos o processo fonológico que faz com que a regra de Harmonia Vocálica atue em alguns vocábulos do PB. Neste processo acontece a assimilação do traço de abertura da vogal alta e o desligamento do nó de abertura, que é o nó que domina os traços relacionados à altura das vogais, da vogal média pretônica. Vejamos na representação abaixo:

(1) /apeli'du/ → [apili'du]

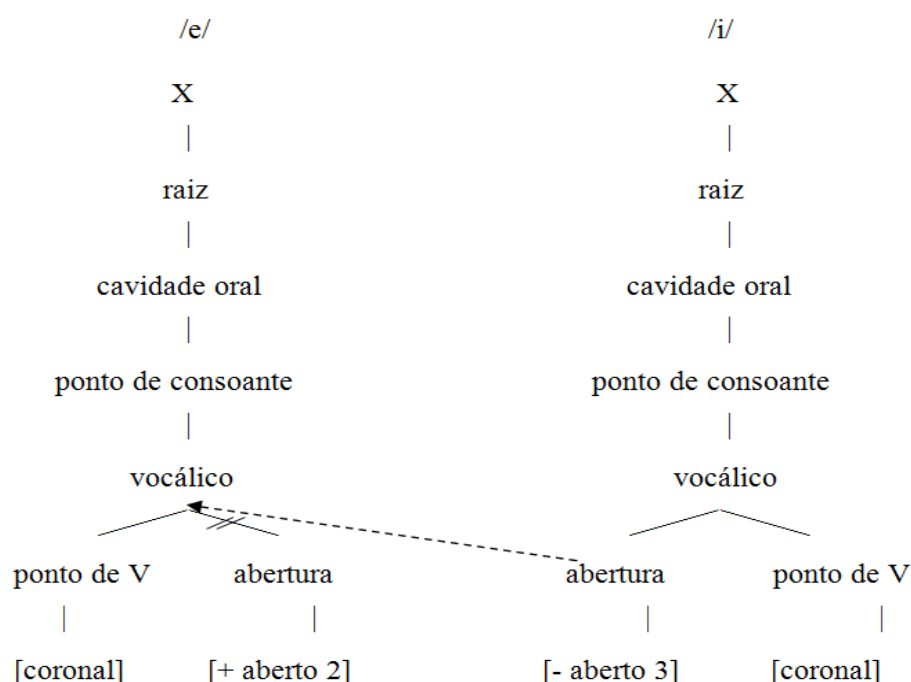


Figura 11 – Representação do alçamento da palavra *apelido*.

Nesta representação, observamos que ocorre a assimilação do traço de abertura da vogal alta seguinte e depois o desligamento do traço de abertura da vogal pretônica /e/. Assim, a vogal pretônica /e/ passa a vogal alta /i/. É o que acontece com a palavra *ap/e/lido* que, após o processo de assimilação do traço de abertura de /i/, há o desligamento do traço de abertura de /e/ e passa a ser pronunciada como *ap[i]lido*.

Esse fato também ocorre com o alçamento da vogal média /o/, como ilustramos a seguir:

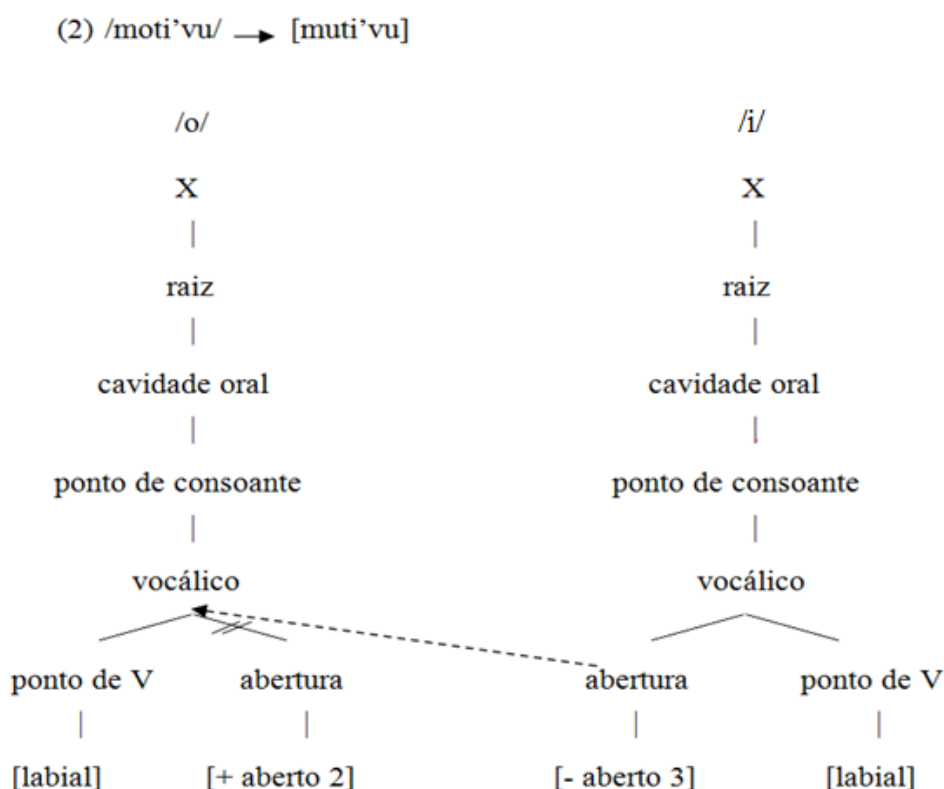


Figura 12 – Representação do alçamento da palavra *motivo*.

Notamos, nesta representação, que acontece os mesmos processos que ocorrem no alçamento de /e/. Em primeiro lugar, há o espraçamento do traço de abertura da vogal alta seguinte /i/ e, em seguida, o desligamento do traço de abertura da vogal média /o/, possibilitando a pronúncia *m[u]tivo*, a partir do vocábulo *m[o]tivo*.

Vale a pena ressaltar ainda que Bisol (1981) defende a ideia de que a regra de Harmonia Vocálica é uma assimilação regressiva em que um segmento somente sofre alternância por influência de outro segmento. No caso das vogais pretônicas, /e/ e /o/ alçam somente porque assimilam o traço [- aberto 3] da vogal alta seguinte.

No entanto, Bisol (1981:259) afirma também que a vogal alta não precisa necessariamente ser tônica, pois a tonicidade não influencia no processo de assimilação. Além disso, a autora afirma que para a Harmonia Vocálica, somente a vogal alta /i/ tem o poder de elevar a pretônica /e/, enquanto que para a elevação de /o/ ambas as vogais altas, /i/ e /u/, atuam no processo de assimilação. Porém, em nossos dados encontramos alguns itens que nos mostram que é possível acontecer o alçamento de /e/ por meio da assimilação da vogal alta /u/, como *p[i]rua*, *s[i]gurança*, *v[i]rruga*.

Outro ponto relevante analisado por Bisol (1981:129) é o fato de a Harmonia Vocálica atingir outras vogais de uma mesma palavra. Para que isso aconteça, é necessário que ocorra o espreadimento do traço de abertura sem que salte nenhuma vogal pretônica, assim, podemos dizer tanto *c[u]nh[i]cido*, *c[o]nh[i]cido*, mas pouco provavelmente *c[u]nh[e]cido**, de acordo com essa regra. Vejamos a representação da palavra *c/o/nh/e/cido* a seguir:

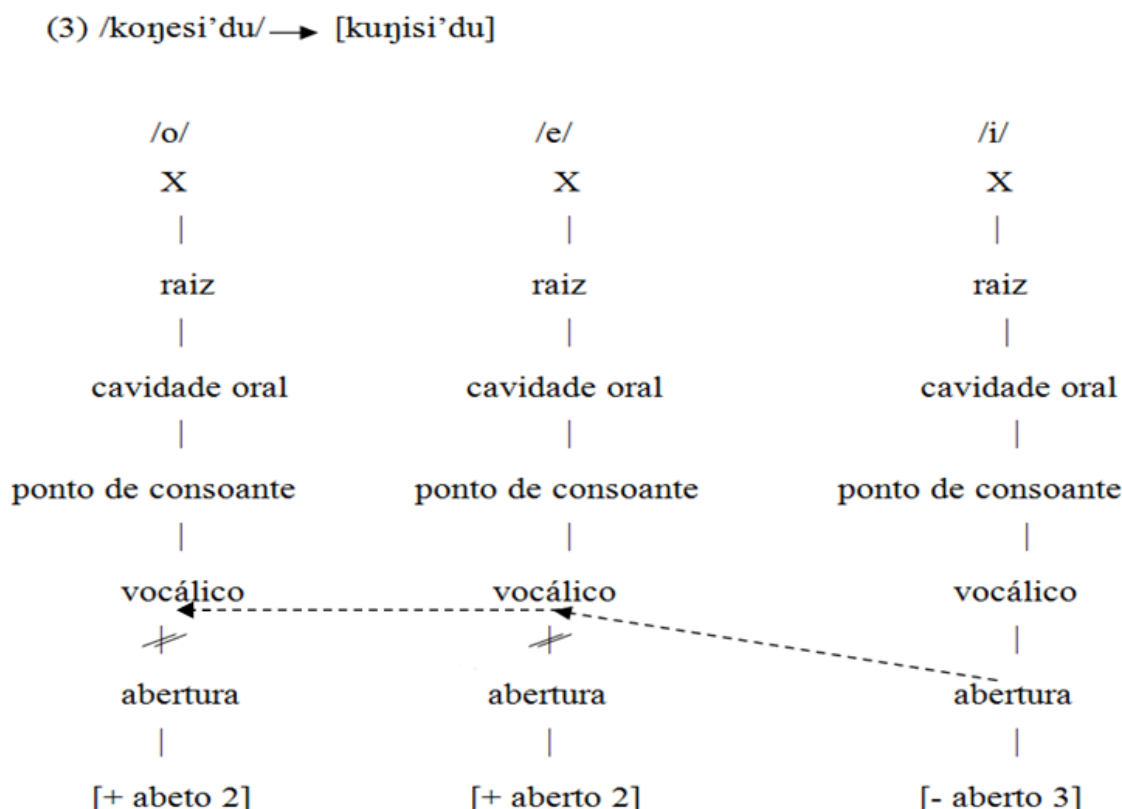


Figura 13 – Representação do alçamento da palavra *conhecido*.

A partir da representação acima, podemos depreender que o processo de Harmonia Vocálica em vocábulos com mais de uma pretônica média ocorre da seguinte maneira: 1) a vogal pretônica assimila o traço [-aberto 3] da vogal alta seguinte; 2) o traço [+aberto 2] é desligado da vogal mais próxima a vogal alta, no caso a vogal /e/; 3) a vogal pretônica mais próxima da vogal alta passa a atuar como alta; 4) a segunda vogal pretônica assimila o traço [-aberto 3] da pretônica que já sofreu o processo de assimilação; 5) acontece o desligamento do traço [+aberto 2] da outra vogal pretônica.

Em suma, podemos afirmar que, em palavras do PB, a presença de uma vogal alta após a pretônica média /e/ ou /o/ permite a aplicação da regra de Harmonia Vocálica como defende Bisol (1981) e, por meio da Geometria de Traços, foi possível visualizarmos o

movimento da regra aplicada, pois na ilustração arbórea podemos observar como o processo da aplicação da regra de Harmonização acontece, conforme visto acima.

No entanto, resta-nos ilustrar o que ocorre com as palavras em que acontece o alçamento da pretônica, mas que não têm contexto para a aplicação dessa regra. Veremos, pois, na próxima seção, casos de alçamento sem motivação aparente.

6.2 – O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS SEM MOTIVAÇÃO APARENTE

Apesar de em menor quantidade, encontramos em nosso *corpus* palavras com vogais pretônicas alçadas sem contexto para a aplicação da regra de Harmonia Vocálica, como nos exemplos: *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhor*, *p[i]quena*. Como podemos observar, nos vocábulos apresentados não há a presença de uma vogal alta seguinte à pretônica para favorecer o alçamento.

Palavras, como as apresentadas acima, são usadas por Bisol (2009) para explicar o alçamento sem motivação aparente. Segundo a autora, este processo ocorre quando não há ambiente fonético que propicie o alçamento, mas mesmo assim ele ocorre. É assim definido como (BISOL 2009:86) *um processo difusionista que privilegia certas partes do léxico ou certas variedades de fala para expandir-se gradualmente, independentemente de uma específica motivação sonora*.

Bisol (2009:79) afirma ainda que este processo ocorre por *uma regra de neutralização que trabalha na direção de mudar o subsistema*, e representa o alçamento sem motivação aparente como podemos ver a seguir:

Redução sem condicionador fonético

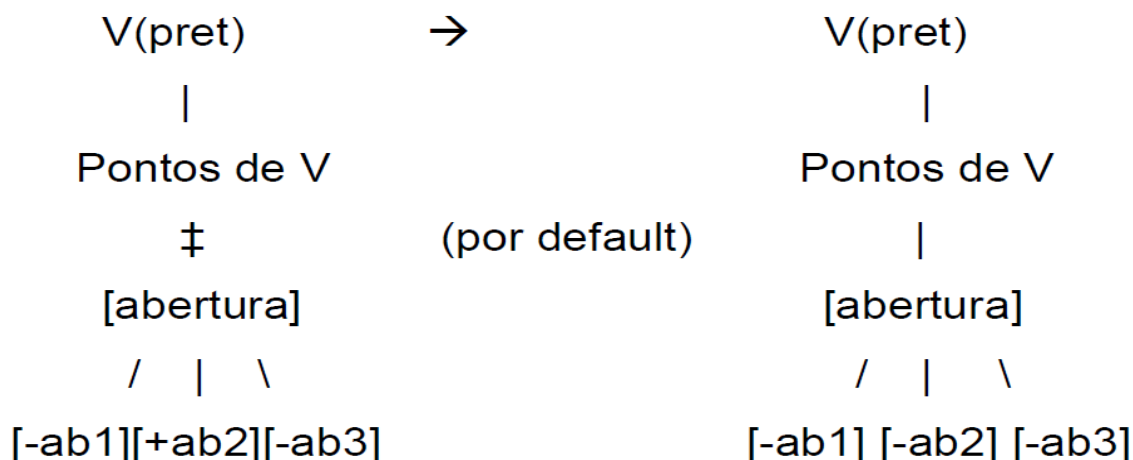


Figura 14 - Representação da redução sem condicionador fonético

Fonte: Bisol 2009:79

A partir da ilustração acima, podemos observar que acontecem os processos de desligamento e preenchimento de traços. Primeiro ocorre o desligamento do traço de abertura da vogal pretônica e, em seguida, este é preenchido por *default*¹⁸ por uma vogal alta. É, portanto, o que ocorre com os vocábulos que não possuem ambiente fonético para que a Harmonia Vocálica atue, como em *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhor*, *p[i]quena*, retiradas de nosso *corpus*.

Podemos afirmar, a partir dos valores encontrados na tabela 2, *Altura da vogal da sílaba tônica precedente à vogal média /e/*, e na tabela 13, *Altura da vogal da sílaba tônica precedente à vogal média /o/*, que, em Uberlândia, há tanto casos de Harmonia Vocálica como de Alçamento sem motivação aparente. Os fatores apresentados nestas tabelas foram os mais favorecedores ao alçamento e o maior peso relativo foi para o fato de termos uma vogal alta na sílaba tônica, 0.88 para o alçamento de /e/ e 0.84 para os dados de /o/, seguido do fator vogal média em sílaba tônica, com peso relativo igual a 0.63 e 0.43.

Isso significa dizer que, na cidade de Uberlândia há: a) casos de Alçamento motivado pelo contexto explícito, processo cujo resultado é a Harmonia Vocálica; e b) casos de

¹⁸ Regra *default* = regra padrão

Alçamento sem motivação aparente, ou seja, sem contexto para a aplicação da regra de Harmonização. Em ‘a’, o processo de alçamento vai ao encontro da hipótese neogramática, condicionados foneticamente pela regra de harmonização, de forma gradual e regular. Já em ‘b’ o processo fonológico vai ao encontro da hipótese difusionista, já que há, em alguns itens, *uma mudança de som que ocorre por si mesma sem motivação externa* (BISOL, 2009:88), como acontece nos exemplos *t[u]mate, c[u]meço, s[i]nhor, p[i]quena*.

Nosso trabalho não teve como objetivo estabelecer uma discussão para investigar qual a hipótese – neogramática ou difusionista – se sustenta. O propósito primeiro fora traçar o panorama variável do sistema vocálico pretônico em Uberlândia, com foco nas vogais /e/ e /o/. Todavia, por meio desta análise variacionista, percebemos indícios claros de que nenhum desses dois paradigmas se constitui em verdade absoluta, pois o que ocorre são *dados mais apropriados para serem analisados via difusionismo e dados mais apropriados para serem analisados via linha neogramática* (BISOL, 2009,p.75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar e descrever as motivações linguísticas e extralinguísticas que levam o falante de Uberlândia – MG a realizar o Alçamento das vogais médias em posição pretônica. A partir do estudo com os falantes desta cidade e da análise estatística realizada por nós, com o auxílio do programa GoldVarb, chegamos às seguintes conclusões acerca da variação da vogal média pretônica no falar uberlandense:

- I. A presença de vogal alta na sílaba tônica é o fator determinado como mais relevante tanto para o alçamento de /e/ quanto de /o/. Contexto em que a regra de Harmonia Vocálica é aplicada;
- II. O fator peso silábico da pretônica é relevante para o alçamento da vogal /e/ e /o/. O fato de a vogal pretônica, tanto /e/ como /o/, estar em sílaba leve mostrou-se mais favorecedor ao alçamento do que em sílaba pesada. Isso aproxima o Alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia da variação em São José do Rio Preto, pois o mesmo acontece nesta cidade para ambas as vogais, enquanto que Viegas encontrou o mesmo para dados da vogal média /o/ e o contrário em dados de falantes de Belo Horizonte para a vogal média /e/.
- III. O traço nasal na vogal pretônica mostrou-se favorecedor apenas para o alçamento de /e/. De acordo com Bisol (1981), o Alçamento da vogal pretônica /e/ com nasal na mesma sílaba ocorre, pois há uma aproximação do [e] nasalizado da área acústica de [i], o que favorece o alçamento. Este resultado também foi encontrado por Viegas (1981) e Silveira (2008).
- IV. A variável distância da pretônica em relação à sílaba tônica é desfavorecedora do alçamento da pretônica /e/ e favorecedora do alçamento de /o/. Para a variação de /o/, a distância zero, mais próxima da sílaba tônica, é o contexto relevante, enquanto que as outras posições, distância um e distância dois ou mais, não favorecem o fenômeno analisado.
- V. Palavras que possuem contexto em que a vogal pretônica está na sílaba inicial foi selecionado como favorecedor ao alçamento de /e/ e de /o/; enquanto que palavras com a pretônica em sílaba não inicial como desfavorecedoras ao alçamento de ambas as vogais. No entanto, acreditamos que o fato de a pretônica estar em sílaba inicial ou não inicial não é o fator que mais favorece o alçamento, pois encontramos em nosso *corpus* vocábulos que ora atendem à regra de Harmonia Vocálica e ora ao contexto

fonológico precedente e seguinte à vogal analisada. Diante disso, acreditamos que esta variável não é o gatilho para a variação.

- VI. A variável contexto fonológico precedente: ponto de articulação não resultou nos mesmo valores para as duas vogais. Para o /e/, a presença de consoante labial antes da vogal pretônica é o contexto favorecedor, ao passo que a presença de consoante coronal, dorsal ou pausa é desfavorecedor para o alçamento desta vogal. Já para o alçamento de /o/, a consoante dorsal em posição precedente à vogal pretônica analisada é mais favorecedora, seguida de palavras com *onset* da sílaba preenchido por consoante labial, enquanto que as coronais e a pausa não foram selecionadas como favorecedoras para a variação de /o/. Esta variável, novamente, nos aproxima do encontrado por Silveira (2008) no interior paulista.
- VII. A variável continuidade/não continuidade da consoante precedente foi selecionada apenas para o alçamento de /e/. As consoantes precedentes à vogal /e/ pretônica são as que mais favorecem a variação desta vogal;
- VIII. A presença de consoante dorsal seguinte à vogal pretônica é mais favorecedora do alçamento de /e/. Este resultado também foi encontrado em pesquisas de Bisol (1981), Schwindt (2002), Silveira (2008). Já para o alçamento de /o/, a consoante seguinte coronal é mais favorecedora. Fato semelhante acontece em pesquisas de Bisol (1981), Viegas (1987) e Silveira (2008).
- IX. O fator continuidade/não continuidade da consoante seguinte mostrou-se relevante apenas para o alçamento de /e/, sendo que as consoantes seguintes não-contínuas são mais favorecedoras do que as contínuas. Isto acontece, pois, em sua maioria, as consoantes não-contínuas são produzidas com o dorso da língua levantado, o que favorece o processo assimilatório da vogal pretônica.
- X. Os falantes do sexo feminino mostraram-se mais propícios ao alçamento da vogal /e/ do que os homens. Para a variação da vogal pretônica /o/, este fator não foi selecionado como relevante;
- XI. O fator anos de escolaridade foi considerado relevante pelo programa apenas para o alçamento de /e/. Os falantes menos escolarizados realizaram mais o alçamento de /e/ do que os falantes com maior nível de estudo;
- XII. A idade do falante é um fator que favorece o alçamento de /o/, uma vez que os falantes mais velhos alçam mais a vogal /o/ do que os mais jovens. Já em relação ao alçamento de /e/ não obtivemos o mesmo resultado, pois apesar da variável idade ter sido

selecionada como relevante pelo programa GoldVarb, não podemos considerá-la favorecedora ou desfavorecedora do alçamento de /e/, ao passo que os valores referentes às três faixas etárias analisadas estão muito próximos do ponto neutro. No entanto, podemos dizer que há uma leve tendência dos mais velhos realizarem mais o alçamento desta vogal do que os jovens.

A partir dessas conclusões e dos valores que obtivemos por meio do programa estatístico GoldVarb, podemos afirmar que o alçamento em Uberlândia está mais próximo de São José do Rio Preto, interior paulista, do que de Belo Horizonte, pois nossos resultados apresentaram mais semelhanças com os estudos de Silveira (2008) do que de Viegas (1987).

Além disso, vale a pena ressaltar que a presença de uma vogal alta seguinte à vogal pretônica é o fator mais favorecedor para o alçamento de ambas as vogais, como já foi mostrado nos estudos de Bisol (1981); Callou & Leite (1986); Viegas (1987); Callou, Leite e Coutinho (1991); Schwindt (2002) e Silveira (2008). No entanto, nem todos os fatores relevantes para o alçamento de /e/ foram considerados relevantes para /o/. Vejamos no quadro abaixo um resumo das variáveis que favorecem o alçamento de /e/ e de /o/ em Uberlândia:

<i>Variável analisada:</i>	<i>Alçamento da vogal pretônica /e/</i>	<i>Alçamento da vogal pretônica /o/</i>
Altura da vogal da sílaba tônica	Vogais altas	Vogais altas
Peso silábico da pretônica	Sílaba leve	Sílaba leve
Nasalidade/oralidade da vogal pretônica	Vogal pretônica com traço nasal	Não favorece o alçamento
Distância da pretônica da sílaba tônica	Não favorece o alçamento	Distância zero
Posição da vogal pretônica na palavra	Sílaba inicial	Sílaba inicial
Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	Consoante labial	Consoante dorsal e labial
Continuidade/não continuidade da consoante precedente	Consoante não-contínua	Não favorece o alçamento
Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	Consoante dorsal	Consoante coronal
Continuidade/não continuidade da consoante seguinte	Consoante não-contínua	Não favorece o alçamento
Variável extralinguística: sexo	Sexo feminino	Não favorece o alçamento
Variável extralinguística: idade	Leve tendência para os falantes com 50 anos ou mais	Falantes com 50 anos ou mais
Variável extralinguística: anos de escolaridade	Falantes com grau de escolaridade entre 0 a 11 anos de estudo	Não favorece o alçamento

Quadro 5 – Resumo das variáveis que favorecem o alçamento de /e/ e /o/ em Uberlândia

Além das considerações acima, podemos afirmar que em Uberlândia o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ tem duas possibilidades de realização: pela regra de Harmonia Vocálica e pelo Alçamento sem motivação aparente.

Os dados em que acontece a Harmonia Vocálica são a maioria, cerca de 34,5% dos dados de /e/ e 38,6% dos de /o/. Palavras como *b[u]nito*, *c[u]mida*, *ap[i]lido*, *m[i]nino*, são alçadas por meio da aplicação da regra acima, acontece a assimilação do traço [- aberto 3] da vogal alta e, em seguida, o desligamento do traço [+ aberto 2] da vogal pretônica. Bisol (1981) afirma que esta é uma regra que necessita de um ambiente fonético específico para ser realizada, ou seja, a Harmonia Vocálica só vai ocorrer com as vogais pretônicas que forem seguidas de uma vogal alta para que aconteça a assimilação do traço de abertura do /i/ ou do /u/. A partir disso, podemos afirmar que, em Uberlândia, há palavras que tem comportamento que corresponde à hipótese neogramática, visão defendida por Bisol (1981) para os itens que sofrem Harmonização por alçamento.

Porém, encontramos em nossa pesquisa aproximadamente 11% dos dados de /e/ e 12% de /o/ que alçam sem motivação aparente, como as palavras, *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhora*, *p[i]quena*. Podemos perceber que não há um contexto que favoreça a atuação da regra de Harmonia Vocálica, em vocábulos como os apresentados acima, pois a vogal seguinte à pretônica é uma vogal média ou baixa. Bisol (2009) explica casos semelhantes a esses como alçamento sem motivação aparente e diz ainda que esses itens alçam por difusão lexical, pois não têm um ambiente fonético que propicie o alçamento.

Em nossa pesquisa, argumentamos a favor da ideia de que o Alçamento das vogais médias pretônicas em Uberlândia ocorre tanto por meio da aplicação da regra de Harmonização quanto sem motivação aparente, o que dependerá do ambiente fonético em torno da vogal pretônica alçada. Com isso, e embasados na tabela 2 e 13, demonstramos também que existem itens no falar uberlandense que vão ao encontro da hipótese neogramática, pois têm ambiente fonético propício para a regra de Harmonia Vocálica e alça por meio de sua aplicação, como os vocábulos *m[i]nino*, *v[i]stido*, *[u]p[u]rtunidade*, *c[u]nh[i]cidos*.

Além do contexto para a Harmonia Vocálica, uma regra nos moldes neogramáticos, há também inúmeros itens que vão ao encontro da hipótese difusionista, vocábulos que não possuem ambiente fonético para que o alçamento aconteça e, mesmo assim, a vogal pretônica é alçada, como os casos de alçamento sem motivação aparente, por exemplo, *t[u]mate*, *c[u]meço*, *s[i]nhor*, *p[i]quena*. Além disso, ocorrem também os casos que ora alçam e ora não

alçam, como *f[i]liz/f[e]liz*, *f[u]lia/f[o]lia*, o que certamente comprovam a variabilidade do fenômeno e, assim, a justificativa deste estudo.

REFERÊNCIAS

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. 331f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1981.

_____. *A neutralização das átonas*. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 19, p. 267-276, 2003.

_____. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. O alçamento da vogal pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Português no Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2s In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.) *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *As vogais pretônicas no falar carioca*. In: *Estudos/UFBA*. Salvador. N.5. p. 1-253. Dez.1986.

_____, D; LEITE. Y & COUTINHO, Lílian. *Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro*. In: *Revista Organon/UFRGS*. Instituto de Letras – v.18, 1991.

CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

CÂMARA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *História de Uberlândia*. Disponível em: <http://www.camarauberlandia.mg.gov.br/conteudo.php?mid=2&url=prefeitura>. Acesso em: 27 mar. 2011.

CASSIQUE, O.; CRUZ, R.; DIAS, M.P.; OLIVEIRA, D. de A. Análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no Português falado em Breves (PA). In: DA HORA (org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 111-132.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. *Handbook of phonology theory*. USA: Blackwell, 1995.

DANTAS, Sandra Mara. De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950). In: BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. (Org.). *Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2008, v. 1, p. 331-363.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo, Parábola, 2005.

_____, Carlos Alberto. Por uma Pedagogia da Variação Linguística. In: FARACO, C. A. *et al. A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo, Parábola, 2007. p. 21-50.

FREITAG, R.M; MITTMANN, M. M. *GoldVarb 2001*: Comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, 2005. 34 p.

FREITAS de, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança. 2001*. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GOOGLE MAPS. *Sem título*. 1 mapa, color., escala: 1:20.000 Disponível em <http://maps.google.com.br/maps?hl=ptR&q=uberlandia&um=1&ie=UTF&split=0&gl=br&ei=EqxcSuLfloialAfTk7DoDA&sa=X&oi=geocode_result&ct=image&resnum=1>. Acesso em: 15 set. 2010.

GUIMARÃES, V. M. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões norte e sul de Minas Gerais. 2007*. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GUY, Gregory Riordan & ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> . Acesso em 18 nov. 2011.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392p. Tradução de: Sociolinguistic Patterns.

LEE, S.-H. *Sobre as vogais pré-tônicas no português brasileiro*. Estudos Lingüísticos, Belo Horizonte, v. XXXV, 2006. p. 166-175.

_____. OLIVEIRA, M. A. de. Variação Inter- e Intra-Dialetal no Português Brasileiro: Um Problema para a Teoria Fonológica. In: OLIVEIRA, D. H.; COLLISCHONN, G.(org.). *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa, 2003, p.67-91.

MAGALHÃES, J. S; BISOL, L. *A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições*. Revista Brasileira de Lingüística, Revista da Abralín/ UnB, v.III, n. 1 e 2, p. 195-216, 2004.

_____. A redução vocálica no Português Brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: DA HORA (org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 65-87.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, 2005. p. 11-74.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução a Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: Maria Cecília Mollica & Maria Luíza Braga. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Dorival Alves. *História de Uberlândia*. 2. ed. Uberlândia: Graphy Editora, 2000. 162 p.

OLIVEIRA, M. A. *Aspectos da difusão lexical*. Estudos Lingüísticos, Belo Horizonte. v. 1, p. 31-41, jul/dez. 1992.

_____. *O léxico como controlador de mudanças sonoras*. Estudos Lingüísticos, Belo Horizonte. v. 1, p. 75-92, jan/jun. 1995.

_____. A controvérsia neogramática reconsiderada 1. In: ALBANO, Eleonora; COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sírío; ALKMIM, Tânia (orgs.). *Saudades da Língua*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 605-620.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-145.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In.: *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, A. M. et al. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses*. 5. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2005.

SILVA, G. M. de O. E. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-134.

SILVEIRA, A. A. M. da. *As vogais médias pretônicas na fala culta do Noroeste Paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Campus São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

VIANA, V. F. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. do C. *O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M. do C. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal Minas Gerais. Belo Horizonte. 2001.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: Maria Cecília Mollica & Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2009.151 p. Título original: Empirical foundations for a theory of language change.

WETZELS, W.L.*Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no sistema verbal do Português: uma análise auto-segmental*. Cadernos de estudos lingüísticos, 21. P.25-58. Campinas: UNICAMP / IEL.1991.

WETZELS, W.L.*Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese*. Cadernos de estudos lingüísticos, 23. P.19-55. Campinas: UNICAMP / IEL.1992.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Como a pesquisa visa uma análise das vogais pretônicas na fala de uberlandenses, será necessário que a pesquisa abranja não somente adultos, mas também menores de idade. Nos casos em que menores participem da pesquisa, haverá a necessidade de dois termos livres e esclarecidos, sendo um para o responsável e outro para o menor.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – para menor de idade

Seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “*A variação das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*”, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Ana Carolina Garcia Lima e Dr. José Sueli de Magalhães (orientador)**. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender as motivações para a variação das vogais pretônicas na fala de habitantes da cidade de Uberlândia-MG. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Ana Carolina Garcia Lima na própria residência dos participantes da pesquisa. Serão feitas entrevistas que serão compostas por uma narrativa pessoal e os dados serão gravados e transcritos, para uso na dissertação de mestrado. Ao participar deste estudo o senhor (a) permitirá que a pesquisadora **Ana Carolina Garcia Lima** utilize os dados da entrevista realizada com seu filho (a) em sua dissertação e, posteriormente os dados serão depositados em uma base de dados da Universidade Federal de Uberlândia.

Em nenhum momento seu filho (a) será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O senhor e seu filho (a) não terão nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Os benefícios serão: ao participar desta pesquisa o seu filho (a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a língua, e que ajude a entender os processos que motivam a variação das vogais pretônicas que serão divulgados à sociedade como forma de dissertação de mestrado.

O senhor (a) e seu filho (a) são livres para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com vocês. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, vocês poderão entrar em contato com: Ana Carolina Garcia Lima e DR. José Sueli de Magalhães na Universidade Federal de Uberlândia, no endereço: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco U, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; Fone: (34) 3239-4162; Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131

Uberlândia, ____ de _____ de 20____

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo participante da pesquisa

Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – para maior de idade

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “*A variação das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*”, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Ana Carolina Garcia Lima e Dr. José Sueli de Magalhães (orientador)**. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender as motivações para a variação das vogais pretônicas na fala de habitantes da cidade de Uberlândia-MG. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Ana Carolina Garcia Lima na própria residência dos participantes da pesquisa. Serão feitas entrevistas que serão compostas por uma narrativa pessoal e os dados serão gravados e transcritos, para uso na dissertação de mestrado. Ao participar deste estudo você permitirá que a pesquisadora **Ana Carolina Garcia Lima** utilize os dados da entrevista realizada com você em sua dissertação e, posteriormente os dados serão depositados em uma base de dados da Universidade Federal de Uberlândia.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Os benefícios serão: ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a língua, e que ajude a entender os processos que motivam a variação das vogais pretônicas que serão divulgados à sociedade como forma de dissertação de mestrado.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Ana Carolina Garcia Lima e DR. José Sueli de Magalhães na Universidade Federal de Uberlândia, no endereço: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco U, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; Fone: (34) 3239-4162; Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131

Uberlândia, ____ de _____ de 20__

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO B – ROTEIRO DE PERGUNTAS

ROTEIRO PARA CONVERSA LIVRE

Tema A - infância:

- Onde você foi criado? Conte como foi sua criação.
- Como foi sua infância?
- Como era seu relacionamento familiar?
- Quais são suas melhores lembranças? Por quê?
- Qual era seu maior medo na infância? Por quê?
- Conte algo de engraçado que te marcou.
- E hoje, qual é seu maior medo? Por quê?

Tema B Uberlândia:

- Como é seu município?
- Quais as principais festas que acontecem Uberlândia? Conte como são e o que acontecem nessas festas.
- Qual atividade econômica desenvolvida em seu município? Você já fez algo ligado a essa atividade? Comente.
- Fale sobre as atividades turísticas oferecidas na região, o que há de bom para fazer nos finais de semana ou nos períodos de folga?

Tema C casamento:

- Como você conheceu seu esposo (sua esposa)? Foi amor à primeira vista?
- Conte como foi seu casamento.
- Você teve festa de casamento? Onde foi? O que aconteceu na festa que você está sempre recordando? Conte os fatos mais importantes.
- Se hoje você não fosse casado (a), você faria tudo de novo? Por quê?
- De que forma você definiria o casamento atual? Por quê?

Tema D religião:

- Qual é sua religião? Por que você escolheu esta religião? Comente.
- Como você vê as demais religiões? Por quê?
- Sua família frequenta a mesma igreja e/ou centro que você?

- Se você não tem nenhuma religião ao menos você crê em Deus? Por quê? Comente.
- Você tem algum tipo de preconceito entre certas religiões? Que preconceitos são esses? Comente.

Tema E trabalho:

- Em que você trabalha? Você se considera uma pessoa realizada profissionalmente? Por quê?
- Quais são suas metas no campo profissional? Você já cumpriu todas? Comente.
- Você já teve problemas com pessoas que fazem parte de seu ambiente de trabalho? Comente.
- Se você pudesse escolher em que trabalhar e como trabalhar, o que você escolheria e como trabalharia? Por quê?

Tema F Literatura:

- Você tem o costume de ler? Quais livros já leu? Eles eram sobre o quê?
- Você prefere qual tipo de leitura: Gibis; Revistas; jornais; tablóides; romances?
- Qual livro marcou sua infância? Por quê?
- Quais tipos de livros chama sua atenção? Terror, autoajuda, amor, aventura, suspense?

Tema G televisão:

- Qual seu programa de televisão favorito?
- Você acha que a televisão “emburrece as pessoas” ou oferece informações interessantes que ajudam as pessoas a conduzir suas vidas?
- Qual sua preferência de gênero televisivo: novela, telejornal, *reality show*, *talk show*, entretenimento, esportes, filmes, desenhos animados?

Tema H internet:

- você tem acesso a internet? O que gosta de fazer nesta ferramenta mundial?
- Quais *sites* você considera muito ruins, e quais muito bons?
- Você já teve a curiosidade de entrar em *sites* de outros países?
- Participa de redes de relacionamentos? *Orkut*, *Twitter*, *Face book*?
- Tem e-mail, tem o costume de mandar que tipo de e-mail para sua lista: Religiosos, charges, músicas ou apenas textos?

Tema I animais:

- Quais animais você tem em casa?
- Qual seu animal favorito? Qual acha mais bonito dentre todos?
- Se você fosse um animal, gostaria de ser um animal grande ou pequeno, por que?
- Se você pudesse adquirir características de animais, qual escolheria: voar ou nadar?

Tema J crianças:

- Você gosta de crianças? Tem algumas criança na sua família? Como ela é?
- Com quantos anos teve filho? Comente sobre este momento. (caso já tenha filho)
- Com quantos anos pretende ter filho? Como imagina que será? (caso não tenha filho)

Tema K – Turismo:

- Quais cidades o senhor já visitou?
- Qual a menor cidade já visitou, qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual a maior cidade já visitou, qual atividade turística a cidade oferecia?
- Qual cidade você teve maior interesse quando visitou? Por quê?

Tema L – Família:

- Sua família é unida ou desunida?
- Onde mora seus familiares?
- Conte sobre sua família: como são seus avós, tios, sobrinhos, primos etc.

Tema M – Alimentação:

- Qual comida você prefere?
- Qual comida não te atrai?
- Sabe a receita de algum prato? Conte como é.
- Que tempero tem sua preferência?
- Gosta ou sabe cozinhar? Quais pratos prefere fazer?
- O que você acha que é uma alimentação saudável? Você se utiliza dela?

ANEXO C – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

- 1) *Pausas e interrupções*: +
- 2) *Dúvida quanto à palavra*: a palavra sob dúvida está entre colchetes angulares < >
Ex.: Ele <andava> muito.
- 3) *Cruzamento de vozes*: os enunciados pronunciados por dois falantes ao mesmo tempo são sublinhados. *Ex.*: Que legal!
- 4) *Pontuação*:
 - 4.1 - ponto de interrogação nas frases interrogativas e o de exclamação em frases exclamativas são mantidos. *Ex.*: Aí, eu falei: que bom! Então ele perguntou: - onde você estava?
 - 4.2 - os outros sinais de pontuação também são mantidos.
- 5) *Alongamento de vogal*: após a vogal alongadas são colocados dois pontos.
Ex.: Ele gostava, e co:mo gostava!
- 6) *Silabação*: para indicar a silabação é colocado o hífen no meio da palavra.
Ex.: ca-fé, ca-mi-nha-da etc.
- 7) *Repetições*: letras ou sílabas repetidas são transcritas. *Ex.*: Aí, e e ele foi pra casa de de Carlos.
- 8) *Palavra incompleta*: a palavra repetida está entre colchetes []. *Ex.*: Ele comprou um [carr], uma bicicleta.
- 9) *Comentários do transcritor*: atitudes não linguísticas do informante estão entre parênteses. *Ex.*: Ele gosta de mim (risos).
- 10) *Intrusão de outro informantes*: o comentário está entre barras /. *Ex.*: F1 Ah, eu acho isso muito bom, /ah, eu também acho/ mas meu pai não gosta.
- 11) *Palavra ou trecho ininteligível*: comentário está entre chaves { }. *Ex.*: Maria queria comprar {inint}, a mãe dela falou que não queria.

Na transcrição dos dados, serão mantidos:

- a) *Os apagamentos*: no lugar do segmento apagado consta zero. *Ex.*: 'mesmo' = meOmo, 'brincando' = brincanOo, 'rapaz' = rapayO etc.
- b) *Ausência de marca de concordância*: também foi colocado zero. *Ex.*: 'As casas bonitas' = As casaO bonitaO...

- c) Itens lexicais que fazem parte da fala coloquial são mantidos. Ex.: vixi, num, cum, ni, vissi etc.*
- d) Segmentos epentéticos são colocados. Ex.: Luyz, fayz, avoar, cawso etc. Quando a inserção for de glide, aparece "y" ou "w".*
- e) Casos de apagamento silábico são mantidos. Ex.: tava, ta etc.*
- f) As monotongações são transcritas. Ex.: 'O rapaz roubou o ouro' = O rapaz robô o oro. O acento deve ser colocado para evitar ambiguidade com outra forma existente, caso "roubo"*

ANEXO D – TABELA COM CÓDIGOS PARA A CODIFICAÇÃO

VARIÁVEL DEPENDENTE	
Vogais médias alçadas: <i>e > i</i> e <i>o > u</i> - I Vogais médias não alçadas (preservadas): [e] e [o] - 0	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
1- Altura da vogal tônica: ALTA: bonito - a MÉDIA: moleque - m BAIXA: cocada - b	Sexo: ➤ FEMININO - F ➤ MASCULINO - M
2- Peso silábico da pretônica: LEVE: comida, alegria - L PESADA: costureira, bendito - P	Idade: ➤ 15 A 25 ANOS - e ➤ 26 A 49 ANOS - o ➤ 50 ANOS OU MAIS - u
3- Nasalidade/oralidade da vogal pretônica: NASAL: mentira, conquista - 4 ORAL: perigoso, coturno - 8	Anos de escolaridade: ➤ 0 A 11 ANOS - 2 ➤ 12 ANOS OU MAIS - 3
4- Distância da pretônica com relação à sílaba tônica: DISTÂNCIA 0: registro, bonita - D DISTÂNCIA 1: negativo, cobertura - X DISTÂNCIA 2 OU MAIS: objetivo - C	
5- Posição da sílaba pretônica na palavra: INICIAL: retiro; borracha - I NÃO INICIAL: alecrim; amendoim - N	
6- Contexto fonológico precedente: 6.1 - Ponto de articulação: LABIAL: <u>b</u> eleza, <u>b</u> oneca - 7 CORONAL: <u>t</u> enente, <u>t</u> omate - 5 DORSAL: <u>q</u> uebrado, <u>c</u> oragem - 6 PAUSA (início de palavra): #exigente,	

<p>#odisseia - 9</p> <p>6.2- Continuidade/não continuidade da consoante precedente:</p> <p>CONTÍNUA: <u>f</u>ormiga - W</p> <p>NÃO-CONTÍNUA: pepino - Z</p> <p>PAUSA (início de palavra): #exigente, #odisseia - s</p>	
<p>7- Contexto fonológico seguinte:</p> <p>7.1- Ponto de articulação:</p> <p>LABIAL: ce<u>b</u>ola, ap<u>e</u>lido, dop<u>a</u>do, fol<u>i</u>a - J</p> <p>CORONAL: et<u>e</u>rno, me<u>n</u>ina, col<u>a</u>do, mot<u>i</u>vo - G</p> <p>DORSAL: ceg<u>e</u>ira, verr<u>u</u>ga, progred<u>i</u>r, po<u>q</u>uinho - H</p> <p>7.2- Continuidade/não continuidade da Consoante seguinte:</p> <p>CONTINUA: fo<u>l</u>ia - S</p> <p>NÃO-CONTÍNUA: pe<u>p</u>ino - Y</p>	